

Daniela Alexandra Mendes Teixeira

**Atitudes face à Sexualidade dos Alunos
do 3º Ciclo do Ensino Básico**

Relatório Final: Volume II

I Curso de Mestrado em Enfermagem
de Saúde Infantil e Pediatria

Trabalho efectuado sob a orientação da
Professora Doutora Paula Nelas
Professora Adjunta, Mestre Graça Aparício



AGRADECIMENTOS

A elaboração desta tese de mestrado contou com o apoio de várias pessoas e instituições. Com efeito, é na simplicidade de algumas palavras expressas que tenciono notoriamente plasmar ao longo deste agradecimento e profundo reconhecimento a todos aqueles que seguramente caminharam a meu lado neste percurso.

À Professora Doutora Paula Nelas, minha orientadora, por ter abraçado com generosidade este trabalho, pela disponibilidade, pela competência científica, pela cedência e indicação de alguma bibliografia mais alargada e enriquecedora, pela revisão crítica do texto, pela simpatia demonstrada e pelo interesse evidenciado no acompanhamento do trabalho.

À Professora Graça Aparício, por toda a dedicação, que não só se disponibilizou na co-orientação da tese, como ao longo de todo o trabalho me incentivou com toda a sua sabedoria, capacidade de trabalho e afabilidade notáveis. Pela sua crítica sempre tão atempada e construtiva, e permanente disponibilidade em muito contribuiu para a concretização desta tese.

Ao Professor Doutor João Duarte, pela disponibilidade, pelo valioso contributo prestado nesta tese com a sua larga experiência e lucidez do seu saber, transmitindo-me os melhores e mais úteis ensinamentos.

A todos os Professores do Agrupamento de Escolas de Tabuaço, Agrupamento de Escolas Serra da Gardunha, Agrupamento de Escolas de João Franco e Agrupamento de Escolas Terras do Xisto que simpaticamente colaboraram na aplicação dos questionários.

A todos os alunos que voluntariamente participaram no estudo, pois sem eles esta investigação não seria possível.

Aos meus amigos e colegas, pela amizade e incentivo.

Por fim, mas naturalmente não por último, aos meus pais e às minhas irmãs expresse o meu reconhecimento pelo ânimo transmitido, pelo amor inquebrantável e compreensão inestimável e pelo constante encorajamento.

A todos que, directa ou indirectamente, de forma pessoal ou institucional, contribuíram para a concretização deste trabalho, reitero o meu apreço e a minha eterna gratidão.

RESUMO

Enquadramento: Numa sociedade em crescente transformação de valores e padrões culturais, são inúmeros os desafios que se colocam aos adolescentes, em particular na área da sexualidade, e estes podem levar a adopção de atitudes e condutas sexuais com implicações na sua saúde.

Objectivos: Identificar as atitudes face à sexualidade; analisar as relações existentes entre as atitudes face à sexualidade e as variáveis sócio-demográficas e as vivências da sexualidade e ainda identificar os factores determinantes que influenciam as atitudes face à sexualidade dos alunos do 3º ciclo das escolas do Concelho de Tabuaço e Fundão.

Métodos: Trata-se de um estudo quantitativo, descritivo-correlacional, explicativo e transversal, com uma amostra não probabilística por conveniência de 545 alunos (262 rapazes e 283 raparigas), idade média de 13,95 anos. O protocolo de avaliação inclui um questionário que permite fazer a caracterização sócio-demográfica e as vivências da sexualidade e ainda a Escala de atitudes face à sexualidade em adolescentes (Nelas, Silva, Ferreira, Duarte e Chaves, 2010).

Resultados: Os principais interlocutores da sexualidade são os amigos (59,8%), secundado pela mãe (40,9%). Na amostra, 12,7% já teve relações sexuais, sendo que 43,1% iniciou-as aos 14 anos, com os rapazes a começarem mais cedo a prática sexual. A maioria (46,6%) apresenta atitudes favoráveis face à sexualidade e 40,4% atitudes desfavoráveis. Os alunos do sexo feminino, com 14 anos, que frequentam o 8º e 9º ano, residentes na cidade, que falam com a mãe sobre sexualidade e que ainda não iniciaram a actividade sexual apresentam atitudes mais favoráveis face à sexualidade. São factores determinantes das atitudes face à sexualidade o concelho, o sexo, a mãe, os amigos e o ano de escolaridade.

Conclusão: Face aos resultados obtidos é essencial que os factores que influenciam as atitudes face à sexualidade sejam tidos em conta na implementação de programas de educação sexual no 3º ciclo do ensino básico.

Palavras-chave: Alunos, Atitudes, Sexualidade, Educação sexual

ABSTRACT

Framework: In a society in increasing transformation of values and cultural standards, the adolescents have many challenges to deal with, in particular in the sexuality's area, and these could lead to an adoption of attitudes and sexual behaviours with impact in its health.

Objectives: To identify the attitudes regarding to the sexuality; to analyse the relations between the attitudes regarding to the sexuality and the socio-demographic variations and the experiences of the sexuality and also to identify the determinative factors that influence the attitudes regarding to the sexuality of the pupils in the 3rd school year in the schools of the town hall of Tabuaço and Fundão.

Methods: It handles about a quantitative study, descriptive-correlational, explicative and transversal with a non-probabilistic sample by convenience of 545 pupils (262 boys and 283 girls), on average age of 13,95 years old. The evaluation's protocol includes a questionnaire, which allows to do the sociodemographic characterization and the experiences of the sexuality and also the attitudes'scale regarding to the sexuality in adolescents (Nelas, Silva, Ferreira, Duarte and Chaves, 2010).

Results: The main interlocutors of the sexuality are friends (59,8%), in the second place is the mother (40,9%). In the sample, 12,7% have already had sexual relations, being that 43,1% began at the age of 14 years old, in which the boys started earlier their sexual relations. The majority (46,6%) presents favorable attitudes regarding to the sexuality and 40,4% disfavorable attitudes. The female pupils, with 14 years old, who attend the 8th and 9th school year, living in the city, who talk with their mother about sexuality and that they have not started yet the sexual activity, present more favorable attitudes according to the sexuality. The council, the sex, the mother, the friends and the school year are determinative factors of the attitudes according to the sexuality.

Conclusion: According to the final results, it is important that the factors, wich influence the attitudes regarding to the sexuality, must be taken into account on the implementation of the sexual educational programs in the third cycle of basic education.

Key words: Pupils, Attitudes, Sexuality, Sexual education

ÍNDICE

Pág.

ÍNDICE DE TABELAS
ÍNDICE DE FÍGURAS
ÍNDICE DE ABREVIATURAS E SIGLAS
ÍNDICE DE SIMBOLOS

1- INTRODUÇÃO..... 17

PARTE I: ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO 1 – A SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA..... 23

CAPÍTULO 2 – EDUCAÇÃO SEXUAL 29

PARTE II: INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA

CAPÍTULO 1 – METODOLOGIA DO ESTUDO 39

1.1 – Métodos 39

1.2 – Participantes..... 42

1.2.1 – Caracterização da amostra..... 42

1.3 – Instrumento de recolha de dados 44

1.4 – Procedimentos na recolha de dados 46

1.5 – Tratamento dos dados..... 47

CAPÍTULO 2- APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS 51

2.1 – Análise Descritiva 51

2.1.1 – Características das vivências da sexualidade..... 51

2.2 – Análise Inferencial 61

CAPÍTULO 3 - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS..... 77

CAPÍTULO 4 - CONCLUSÕES/ SUGESTÕES.....	87
BIBLIOGRAFIA	93
ANEXOS.....	99
ANEXO I- Instrumento de colheita de dados	101
ANEXO II- Escala de Atitudes face à sexualidade.....	109
ANEXO III- Pedido de autorização para aplicação do questionário à DGIDC.....	110
ANEXO IV, V, VI, VII- Pedidos de autorização para aplicação do questionários aos Conselhos Directivos das escolas.....	111
ANEXO VIII- Termo de Consentimento Informado ao pai/mãe ou encarregado de educação	115

ÍNDICE DE TABELAS

	Pág.
Tabela 1- Estatísticas relativas à idade em função do sexo dos alunos.....	43
Tabela 2- Caracterização sócio-demográfica da amostra em função do sexo	44
Tabela 3- Existência de relação de namoro em função do sexo.....	51
Tabela 4- Duração do actual relacionamento amoroso em função do sexo.....	52
Tabela 5- Distribuição dos alunos segundo os interlocutores em assuntos de sexualidade..	53
Tabela 6- Distribuição dos alunos segundo a experiência sexual.....	53
Tabela 7- Estatísticas relativas à idade da primeira relação sexual.....	54
Tabela 8- Distribuição da idade da primeira relação sexual em função do sexo.....	55
Tabela 9- Relações sexuais no actual relacionamento amoroso em função do sexo.....	56
Tabela 10- Tempo para o início de relações sexuais no actual relacionamento amoroso em função do sexo	56
Tabela 11- Utilização de contracepção em função do sexo.....	57
Tabela 12- Utilização de métodos contraceptivos em função do sexo.....	57
Tabela 13- Utilização de contracepção de emergência em função do sexo.....	58
Tabela 14- Opinião dos alunos relativamente à importância da utilização do preservativo nas relações sexuais	58
Tabela 15- Utilização do preservativo nas relações sexuais em função do sexo.....	59
Tabela 16- Estatísticas relativas às atitudes face à sexualidade em função do sexo dos alunos.....	60
Tabela 17- Distribuição dos alunos em função das atitudes face à sexualidade.....	61
Tabela 18- Teste T de Student entre o sexo e as atitudes face à sexualidade	62
Tabela 19- Teste ANOVA entre o grupo etário e as atitudes face à sexualidade.....	62
Tabela 20- Relação entre as atitudes face à sexualidade e o grupo etário.....	63
Tabela 21- Teste ANOVA entre o ano de escolaridade e as atitudes face à sexualidade....	64

Tabela 22- Relação entre as atitudes face à sexualidade e o ano de escolaridade	64
Tabela 23- Teste U de Mann-Whitney entre o concelho e as atitudes face à sexualidade...	65
Tabela 24- Relação entre as atitudes face à sexualidade e o concelho	65
Tabela 25- Teste Kruskal-Wallis entre a zona de residência e as atitudes face à sexualidade.....	66
Tabela 26- Relação entre as atitudes face à sexualidade e a zona de residência	67
Tabela 27- Teste U de Mann-Whitney entre o namoro e as atitudes face à sexualidade	67
Tabela 28- Relação entre as atitudes face à sexualidade e o namoro	68
Tabela 29- Teste U de Mann-Whitney entre os interlocutores e as atitudes face à sexualidade.....	69
Tabela 30- Relação entre as atitudes face à sexualidade e os interlocutores	69
Tabela 31- Teste U de Mann-Whitney entre a experiência sexual e as atitudes face à sexualidade.....	70
Tabela 32- Relação entre as atitudes face à sexualidade e a experiência sexual	71
Tabela 33- Teste Kruskal-Wallis entre a idade da primeira relação sexual e as atitudes face à sexualidade.....	71
Tabela 34- Relação entre as atitudes face à sexualidade e a idade da primeira relação sexual	72
Tabela 35- Classificações e riscos das previsões correctas e incorrectas	75

ÍNDICE DE FIGURAS

	Pág.
Figura 1- Representação esquemática da relação prevista entre as variáveis estudadas na investigação empírica	41
Figura 2- Árvore CHAID das atitudes face à sexualidade em função do concelho de origem, sexo, amigos e mãe (interlocutores) e ano de escolaridade.....	74

ÍNDICE DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACES – Agrupamentos de Centros de Saúde

AFSA – Escala de atitudes face à sexualidade em adolescentes

apud – conforme, segundo

ARSN – Administração Regional de Saúde do Norte

cf. – confira

CNE – Conselho Nacional de Educação

CV – coeficiente de variação

Dp – Desvio padrão

D.R. – Diário da República

DREN – Direcção Regional de Educação do Norte

DSP – Departamento de Saúde Pública

EB – Ensino Básico

ed. – edição

e-PRESSE – Equipa-PRESSE

et al. – e outros

EP- erro padrão

Fem. – Feminino

GTES – Grupo de Trabalho de Educação Sexual

HBSC/OMS – Health Behaviour in School-aged Children

I.P. – Instituto Público

INE – Instituto Nacional de Estatística

K- Kurtosis

Km² – Quilómetro quadrado

K/S- Kolmogorod- Smirnov

Masc. – Masculino

Máx. – Máximo

N – Frequência

n. ° – número

OM – Ordenação média

OMS – Organização Mundial de Saúde

p. – página

PRESSE – Programa Regional de Educação Sexual em Saúde Escolar

SK – Skewness

s.n. – sem editora

SNS – Serviço Nacional de Saúde

SPSS – Statistical Package for the Social Sciences

UCSP – Unidade de Cuidados Saúde Personalizado

VE – Variância explicada

Vol. – Volume

vs – versus

ÍNDICE DE SIMBOLOS

% – Percentagem

= – Igual

\bar{x} – Média

χ^2 – Qui-quadrado

< – Menor

> – Maior

± – Mais ou menos

1- INTRODUÇÃO

A educação é uma componente essencial à socialização do ser humano que condiciona a sua evolução e a forma como fará parte da sociedade. Apesar de reconhecida a importância da educação sexual nas escolas, mantendo-se um tema de discussão nos últimos anos, pode afirmar-se que, ainda hoje, não se encontram consensos sobre a melhor forma de a pôr em prática.

Em Portugal, as políticas de Saúde e Educação sofreram recentes alterações. Na actualidade, a educação para a saúde e em particular a educação sexual têm merecido particular atenção por parte da sociedade portuguesa, estabelecendo a Lei nº 60/2009, de 6 de Agosto regulamentada pela portaria nº 196-A/2010, de 9 de Abril, a obrigatoriedade da educação sexual nos estabelecimentos do ensino básico e do ensino secundário. Efectivamente, o progressivo assumir de responsabilidades pela escola "(...) enquanto agente de educação, evidencia-se na difícil e delicada questão dos comportamentos tendentes a preservar e defender a Saúde", nomeadamente em áreas como a sexualidade (VENTURA, 2001, p.26).

A sexualidade é considerada por Nodin (2001, p.13) " uma área de grande importância no desenvolvimento dos indivíduos, uma vez que se refere ao modo como cada um se relaciona consigo próprio e com os outros, na procura de amor, contacto e intimidade". Por isso, deve-se entender a sexualidade como um conceito global, dado que abrange "(...) dimensões biológicas, psicológicas, sociais e culturais, que evoluem ao longo de toda a vida do indivíduo" (MOURÃO, 2007, p.42).

De acordo com Fernandes e Anastácio (2010, p.454) "O conteúdo alvo da educação sexual é a sexualidade humana sendo a sexualidade diferente de «sexo» e de «comportamentos sexuais» ". A educação sexual "não é ensinar a ter uma relação sexual, mas sim educar o adolescente e responsabiliza-lo pelos seus actos" (GONÇALO, 2002 apud FONSECA; MACHADO., 2007, p.25). Efectivamente, a educação sexual é um contributo importante para a formação harmoniosa do aluno, bem como para a promoção da saúde sexual, na formação da personalidade, na socialização e na formação de um conjunto de valores pessoais e morais.

A vivência da sexualidade integra uma componente biológica associada ao corpo; uma componente relacional ligada às relações, comunicação e compromissos; uma

componente ética e sociocultural que inclui as escolhas e responsabilidades da vida sexual sob influência de valores culturais; e uma componente psicológica que se associa às emoções, sentimentos e atitudes. Contudo, é na procura da satisfação física do impulso sexual que os jovens iniciam a sua actividade sexual (REIS; MATOS, 2009, apud ANASTÁCIO, 2010).

Reconhecendo a importância da investigação na produção de dados epidemiológicos actuais e sensíveis, urge identificar determinantes sociais e culturais que permitam adequar os programas de educação sexual na escola à realidade regional do país.

É neste enquadramento que emerge a temática do estudo “ Atitudes face à sexualidade dos alunos do 3º ciclo do ensino básico”.

Para desenvolver este estudo foram seleccionados os alunos do 3º ciclo do Ensino Básico do Agrupamento de Escolas de Tabuaço, cuja escola pertence à região Norte e tem recentemente implementado o Programa Regional de Educação Sexual em Saúde Escolar (PRESSE) e os alunos do 3º ciclo do Ensino Básico do Agrupamento de Escolas Serra da Gardunha, Agrupamento de Escolas de João Franco e Agrupamento de Escolas Terras do Xisto do concelho do Fundão, cujas escolas pertencem à região Centro que não têm implementado este tipo de programa de intervenção formativo. A escolha do tema prende-se com o facto de a investigadora pertencer à equipa PRESSE, participando na formação dos professores das áreas curriculares não disciplinares da Escola EB 2,3/S Abel Botelho-Tabuaço, sendo este, o ano pioneiro para esta instituição, no que diz respeito à educação sexual formal de alunos e por não ser conhecido qualquer estudo neste domínio nas escolas supracitadas, daí o interesse na realização desta investigação.

Partindo dos pressupostos anteriores, são elaboradas as seguintes questões de investigação:

- Quais as atitudes face à sexualidade dos alunos do 3º ciclo do ensino básico das escolas do concelho de Tabuaço e Fundão?

- Qual a influência das variáveis sócio-demográficas e das vivências da sexualidade nas atitudes face à sexualidade dos alunos do 3º ciclo do ensino básico das escolas do concelho de Tabuaço e Fundão?

- Que factores influenciam as atitudes face à sexualidade dos alunos do 3º ciclo do ensino básico das escolas do concelho de Tabuaço e Fundão?

Assim, no delinear da pesquisa, para dar resposta às questões formuladas, emergem os seguintes objectivos: identificar as atitudes face à sexualidade dos alunos do 3º ciclo do ensino básico das escolas do Concelho de Tabuaço e Fundão; analisar as relações

existentes entre as atitudes face à sexualidade dos alunos do 3º ciclo e as variáveis sócio-demográficas e as vivências da sexualidade e identificar os factores determinantes que influenciam as atitudes face à sexualidade dos alunos do 3º ciclo do ensino básico das escolas do Concelho de Tabuaço e Fundão. Este estudo integra o projecto de investigação “Monitorização de Indicadores de Saúde Infanto-Juvenil: Impacto na Educação para a Saúde”, no domínio temático da “Sexualidade Adolescente”, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Pelas características metodológicas, a presente investigação insere-se num estudo não experimental, quantitativo, transversal, do tipo descritivo-correlacional e explicativo de forma a atingir os objectivos pré-definidos, ou seja, descrever e analisar variáveis que influenciam as atitudes dos alunos do 3º ciclo face à sexualidade.

O trabalho de investigação que de seguida se apresenta encontra-se organizado em três partes. Começa por um Enquadramento Teórico constituído por dois capítulos. No primeiro desses capítulos discute-se a sexualidade na adolescência, procurando-se chegar a uma definição abrangente do conceito de sexualidade e abordando o desenvolvimento físico e psicossocial do adolescente e as atitudes dos adolescentes face à sexualidade. O segundo capítulo é dedicado à Educação Sexual, começando por ensaiar alguns aspectos genéricos da educação sexual na adolescência, fazendo posteriormente, um enquadramento legal da Educação Sexual nas escolas em Portugal no momento actual e discutindo o contributo da formação escolar em educação sexual e da educação sexual informal no desenvolvimento da sexualidade dos adolescentes.

A segunda parte é dedicada à Investigação Empírica, incluindo quatro capítulos. No primeiro capítulo procede-se ao enquadramento metodológico do trabalho, no que concerne aos métodos do estudo, participantes, instrumento de recolha de dados e respectivos procedimentos e tratamento dos dados. O segundo constitui a apresentação dos resultados obtidos nesta investigação. O terceiro capítulo compreende a discussão dos resultados, comparando-os com estudos em domínios semelhantes, tendo em vista a convergência ou divergência com os mesmos e o suporte da formulação das principais conclusões do estudo. Por fim, no quarto capítulo, destacam-se os aspectos emergentes deste estudo e sugerindo algumas linhas orientadoras a desenvolver em investigações futuras

PARTE I
ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO 1 - A SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA

No contexto do desenvolvimento humano, a adolescência tem, nos nossos dias, um reconhecimento social significativo.

Etimologicamente a palavra “adolescência” deriva da palavra latina “adolescere”, que significa “crescer”. De acordo com Sousa e Ferreira (2003, p.35), “a adolescência é uma época da vida humana marcada por profundas transformações fisiológicas, psicológicas, pulsionais, afectivas e sociais vivenciadas num determinado contexto cultural”. Para Sampaio (2006), a adolescência é, acima de tudo crescimento físico e mental, maturação e desenvolvimento. Contudo, não é fácil definir adolescência, pois “(...) trata-se de um período da vida do indivíduo, de limites mal definidos, em que ainda não é reconhecido pela sociedade como adulto, mas também já não é considerado uma criança” (AFONSO; LUCAS, 2001, p.166).

De acordo com Brêtas, Muroya e Goellner (2009), a adolescência é um período de transição entre a infância e a idade adulta, caracterizado por intenso crescimento e desenvolvimento que determinam marcantes transformações anatómicas, fisiológicas, psicológicas e sociais.

Para a Organização Mundial de Saúde (OMS), a adolescência compreende a faixa etária que vai dos 10 aos 19 anos de idade, caracterizada por mudanças sociais, psicológicas e físicas (SOARES, 2009).

Na verdade, não há nenhuma definição clara para o início e fim da adolescência, variando de cultura para cultura.

Actualmente, numa mesma geração e sociedade, a adolescência pode ser um período algo conturbado para uns indivíduos e uma etapa relativamente tranquila para outros, o que depende muitas vezes do contexto sócio-familiar, de factores económicos, educacionais e de saúde (ANASTÁCIO, 2010).

A adolescência é compreendida por dois fenómenos tidos muitas vezes como sinónimos: a puberdade, que é a vertente biológica do processo, caracterizada pelas transformações físicas e fisiológicas, sendo universal a todos os indivíduos, e a adolescência propriamente dita, que é a vertente biopsicossocial, que, embora se inicie durante a puberdade, pode manter-se por mais tempo e envolve a maturação do indivíduo em termos de comportamento biológico e social (NETO; L'ABBATE, 2007). Assim, a

adolescência “é um período de vida que exige ao indivíduo capacidade de adaptação às exigências sociais no momento em que está a sofrer transformações biológicas e psicológicas” (ANASTÁCIO, 2010).

Como referido anteriormente, nos adolescentes, em simultâneo com o desenvolvimento físico associam-se transformações de âmbito psico-social-cultural da maior importância para a estruturação da sua personalidade e para a sua relação com o mundo. De acordo com Rena (1996), nesta fase, o indivíduo é chamado pela sociedade, pela família e por si mesmo, a dar respostas às perguntas fundamentais da sua existência, e entre estas, inevitavelmente, encontram-se aquelas que se referem à sexualidade.

Efectivamente, a sexualidade faz parte do conjunto de transformações que caracterizam este período de vida, tornando-se “A sexualidade num dos aspectos fundamentais da vida do adolescente, daí que se gere nele sentimentos de curiosidade, ansiedade, fantasia e medo” (SOUSA; FERREIRA, 2003, p.36).

Segundo a OMS (apud FONSECA; MACHADO, 2007, p.25), a sexualidade é definida como “uma energia que nos motiva a procurar amor, contacto, ternura e intimidade; que se integra no modo como nos sentimos, movemos, tocamos e somos tocados; é ser-se sensual e ao mesmo tempo sexual; ela influencia pensamentos, sentimentos, acções e interacções e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental”. Assim, expressa toda a sua abrangência, englobando as suas várias dimensões orgânicas, fisiológicas, emocionais, afectivas, sociais e culturais. A sexualidade está ligada aos sentimentos e às emoções, às acções e interacções, ao corpo e à forma de estar em relação a ele e influencia a saúde física e mental. Neste sentido, e em acordo com Kahhale (2001, apud CARVALHO; RODRIGUES; MEDRADO, 2005, p.378), pode-se dizer que a sexualidade, enquanto conceito é multidimensional, que nos remete, a princípio, a uma dimensão psicológica, mas também é “(...) produzida no contexto social, cultural e histórico no qual o sujeito se encontra inserido.”

A vivência de sexualidade tem sofrido inúmeras e profundas metamorfoses ao longo dos tempos, acompanhando as transformações históricas e sociais e impulsionando muitas delas. Tal como afirma Frias (2006, p.123) “O que se sabe hoje de sexualidade é o resultado da conjugação de vários estudos, de vários ângulos de observação, de várias aproximações feitas através das ciências.”

A sexualidade é algo inerente ao desenvolvimento do ser humano e manifesta-se desde a concepção até à morte, em cada etapa da vida. Além disso, “ (...) cada pessoa vive a sexualidade de forma diferente de acordo com a educação recebida pela família, pelos amigos, pela escola, pelo local onde vive, pelos meios de comunicação, entre outros,

interferindo esta experiência na construção da personalidade da pessoa e, portanto, na sua saúde” (NETO et al., 2009, p.4).

As atitudes e crenças pessoais relativas a aspectos mais específicos da sexualidade revestem-se de particular importância, uma vez que são factores que podem influenciar a saúde dos indivíduos e a sua integridade a vários níveis (NODIN, 2001).

As atitudes podem assumir diversos significados ao nível do senso comum, servindo tanto para caracterizar uma postura física como designar orientação do pensamento ou um determinado comportamento (NODIN, 2001). Para Nelas, Silva, Ferreira, Duarte e Chaves (2010, p. 180) “Apesar de as atitudes poderem ser consideradas boas preditoras de um comportamento manifesto, nem sempre isso se verifica”. Estes autores reforçam a ideia de que as atitudes são influenciadas pelas pessoas significativas, pelos que convivem diariamente com o sujeito e pelas experiências vividas pelo próprio. Nesta linha de pensamento, Cossermelli (2007) afirma que “as atitudes são elementos essenciais nas condutas dos indivíduos e a sua origem é influenciada pela sociedade, ou seja, ninguém nasce com atitudes pré-estabelecidas, mas devido ao processo de socialização e o convívio com pessoas que integram o universo social.” Neste sentido, as atitudes vão-se formando ao longo da vida, uma vez que resultam de experiências e comportamentos que vão sendo apreendidos nas relações com os outros. As atitudes podem ser definidas enquanto tendências para avaliar qualquer aspecto da realidade física, social ou psíquica como pessoas, comportamentos, instituições, ideias ou conceitos abstractos, acontecimentos, objectos entre outros (NODIN, 2001), podendo ser favoráveis, neutras ou desfavoráveis, influenciando os comportamentos dos indivíduos (COSSERMELLI, 2007), logo existe uma relação entre atitude e comportamento.

Segundo o Dicionário de Psicologia, a maioria dos autores concebe uma atitude com uma estrutura tridimensional: uma dimensão cognitiva que compreende os julgamentos, crenças e saberes; uma dimensão afectiva que compreende os sentimentos favoráveis ou desfavoráveis e uma dimensão conativa ou comportamental que compreende a tendência de acção (DORON; PAROT; ANZIEU, 2001). Contudo, as componentes da atitude nem sempre estão em total harmonia resultando em contradições ou rupturas entre elas, em que as atitudes podem estar em processo de mudança, procurando uma nova reestruturação, na qual as opiniões, os sentimentos e os comportamentos fiquem de novo em harmonia. Estas rupturas são especialmente frequentes no campo da sexualidade já que está sujeita a influências, frequentemente contraditórias, se, por um lado, a pulsão sexual, enquanto fonte de motivação leva a procurar e a realizar determinados comportamentos, por outro, o sistema de crenças interiorizado pela sociedade que limita a legitimidade destes comportamentos a situações e relações claramente definidas (COSSERMELLI, 2007).

As atitudes sobre a sexualidade, podem ser entendidas como um hardware que orienta os comportamentos nesse campo, pelo que diferentes atitudes estarão na base de diferentes padrões de comportamento sexual, nomeadamente no que diz respeito à adopção de comportamentos de risco (MCGUIRE, 1986; VILAR, 2003 apud PONTES, 2011). Como a atitude não é fixa e tem mais a ver com as tendências do comportamento do indivíduo, mudar as atitudes permite modificar o comportamento (LEYENES; YZERBYT, 1997 apud COSSERMELLI, 2007). Mas seja como for, ao conhecer a estrutura da atitude torna possível uma melhor compreensão de determinados comportamentos sexuais dos adolescentes e conseqüentemente uma intervenção formativa mais adequada e direccionada.

Os conhecimentos dos adolescentes na área da sexualidade diferem conforme o seu meio sócio-cultural e as circunstâncias de vida (AGEY et al., 2000; MWAKAGILE et al., 2001; BALDO, 1996; AHLBERG et al., 2001 apud CORREIA, 2008).

Como afirma Miguel (1986, apud SOUSA; FERREIRA., 2003), “Em muitos aspectos as atitudes dos rapazes e das raparigas em relação à sexualidade são diferentes.” Estas diferenças são devidas, não só a aspectos biológicos, mas também consequência dos diferentes critérios utilizados na educação afectiva e sexual das raparigas e rapazes, realizada pelos pais (BANCROFT, 1989 apud FRIAS, 2006). De acordo com Egypto et al. (1991, apud CANO; FERRIANI; GOMES, 2000, p.22) “O tabu que pesa sobre a iniciativa sexual das mulheres, por exemplo, tem muito a ver com o papel de subordinação que a sociedade estabelece para o sexo feminino.” As explicações para tais diferenças baseiam-se no facto de que há expectativas diferenciadas para homens e mulheres no que diz respeito ao seu comportamento sexual (BORGES, 2009). Por conseguinte, pode dizer-se que as atitudes face à sexualidade dos rapazes e das raparigas parecem ser ainda reflexo dos padrões culturais que vigoram na sociedade.

Inegavelmente, a literatura vem enfatizando que os pares exercem influência no comportamento sexual dos adolescentes. A influência dos pares é moldada pelo próprio significado atribuído culturalmente à sexualidade, no qual aos homens cabe o papel de não resistir ao impulso sexual e às mulheres cabe o papel de controlar os seus impulsos, ou ao menos cedê-los apenas às pessoas com as quais têm vínculos afectivo-amorosos (BORGES, 2009).

Um dos aspectos mais representativos do relacionamento afectivo – sexual na adolescência é o namoro. Os rapazes iniciam o seu interesse pelas raparigas e vice-versa, no entanto, na maior parte dos casos a aproximação dos dois sexos não se efectiva, ficando estas apenas por uma troca de palavras, a chamada fase de romantismo e idealização

(FERREIRA; NELAS, 2008). Normalmente, os jovens iniciam as ligações com o sexo oposto na adolescência média, por volta dos 14-15 anos (*idem*). O namoro é importante para o desenvolvimento afectivo do adolescente, muitas vezes vivido com grande intensidade e crença na sua duração, embora sejam raros os que acabam numa futura relação matrimonial. Além de ser a relação afectiva mais comum esperada nesse grupo, é em tal contexto que, geralmente, ocorre o início da vida sexual (BORGES, 2009). A aproximação ao sexo oposto a par da maturação do sistema sexual conduz às primeiras relações amorosas, por vezes acompanhadas das primeiras experiências sexuais.

Além disso, numa sociedade em crescente transformação de valores e padrões culturais convive-se com a realidade de uma iniciação sexual cada vez mais precoce entre os adolescentes. Como refere Reis e Matos (2008, p.71) “Diversos estudos, realizados no âmbito dos comportamentos sexuais, consideram os jovens um grupo prioritário de intervenção” (ALMEIDA et al., 1996; NODIN, 2001) devido ao início da actividade sexual ser cada vez mais cedo (LINDSAY et al., 1997; NODIN, 2001), à duração dos relacionamentos, à existência de parceiros ocasionais e ao uso inconsistente dos métodos contraceptivos e do preservativo (BEADNELL et al., 2005; BROOK et al., 2006).

De acordo com os dados do Global Sex Survey (2005), a idade de início da actividade sexual para os portugueses situa-se, em média, por volta dos 16,9 anos. Os estudos da Associação para o Planeamento da Família indicam que cerca de 23% da população jovem Portuguesa se inicia sexualmente com menos de 16 anos, 70% tem a sua primeira relação sexual até aos 18 anos inclusive, e cerca de 24% dos adolescentes não utiliza os contraceptivos de forma consistente (NODIN, 2001). Uma outra investigação realizada em Portugal, pelo Health Behaviour in School-aged Children (HBSC/OMS), numa amostra de 3634 jovens, que frequentavam o 8º ano e 10º ano de escolaridade, verificou-se que 23,7% refere já ter tido relações sexuais, sendo a percentagem de rapazes (33,3%) superior à das raparigas (15%) e a idade média da primeira relação sexual para a maioria foi aos 13 anos ou mais tarde (56,8%), observando-se que os rapazes iniciam a vida sexual, entre os 12 e 13 anos (29,5%) e as raparigas iniciam aos 13 anos ou mais tarde (79,3%) (MATOS et al., 2003 apud REIS; MATOS, 2008). Num estudo realizado por CASTELEIRO et al. (2007), numa amostra de 232 alunos do 2º e 3º ciclos, constataram que a média de idade da primeira relação sexual é de 14 anos e os elementos do sexo masculino iniciam a sua vida sexual em maior número que os do género feminino (25,8% e 15,8% respectivamente), mas em contrapartida os elementos do género feminino iniciam a sua vida sexual mais cedo (11 anos). Num estudo recente efectuado por Anastácio (2010), numa amostra de 118 adolescentes do 9º ano, concluiu que 16,7% são sexualmente activos no final do ensino básico.

Em suma, a vivência de uma sexualidade saudável pressupõe o desenvolvimento das competências pessoais e sociais do indivíduo, enquanto sujeito activo no seu projecto de vida, bem como a adopção de estilos de vida saudáveis, quer por influência da educação formal, quer pelas influências relacionais a que está sujeito ao longo da vida. A educação sexual prende-se, em primeira instância com a actualidade e a urgência de uma abordagem que leve a adopção de atitudes favoráveis e hábitos saudáveis por parte do indivíduo.

CAPÍTULO 2 - EDUCAÇÃO SEXUAL

Educação Sexual significa formar, ou seja, fornecer ao educando subsídios e modelos para o crescimento pessoal e a assunção de ideias e de comportamentos próprios a nível da sua sexualidade (BRÊTAS; MUROYA; GOELLNER, 2009). Como refere Ginga (2004 apud OLIVEIRA; CHAGAS, 2010, p. 152), a Educação Sexual “(...) tem como objectivo ajudar os jovens a tomar decisões responsáveis, não só relativamente a si mesmos, mas também no que diz respeito às relações com os outros.”

De acordo com Neto et al. (2009), a Educação Sexual é um processo através do qual a pessoa se desenvolve como ser sexuado e sexual, através de acções estruturadas e formais e, ao mesmo tempo, acções não estruturadas e informais. Além disso, decorre ao longo da vida e não a partir do início da actividade sexual, desenvolvendo-se em diversos contextos como, em família, com amigos, pelo sistema educativo, através dos media, entre outros, ou seja, englobando educação formal, não formal e informal. A Educação Sexual Formal e Não Formal referem-se a processos de aprendizagem sistemática desenvolvidos por profissionais e o critério básico da sua diferenciação é a integração curricular ou não, pois a primeira assume o contexto escola e agente professor como meios educativos por excelência e a segunda viabiliza a educação intencional através de agentes alternativos, ainda que privilegie aqueles (VAZ; VILAR; CARDOSO, 1996). A Educação Sexual Informal refere-se ao processo mais básico de aprendizagem da sexualidade, pois assenta na vivência proporcionada ao longo do desenvolvimento nos diversos contextos de vida do indivíduo, por figuras significativas (*idem*). Assim, a educação sexual enquanto processo de aprendizagem pode ocorrer de forma intencional, como é o caso dos programas específicos nas escolas ou de uma forma não intencional, isto é, a aprendizagem que se faz quotidianamente, de forma espontânea e ocasional, através da percepção das atitudes de familiares, amigos, professores, mass media face a acontecimentos sexuais (VILAR, 1987 apud PONTES, 2011).

Segundo Sampaio (2007 apud NOGUEIRA; ALVES; LOBO, 2007), a educação dos adolescentes no âmbito da sexualidade tem vindo a ocupar um lugar privilegiado pelos professores, assim como pelos profissionais de saúde, crescendo a colaboração entre centros de saúde e escolas, com a orientação do Grupo de Trabalho de Educação Sexual (GTES).

Atendendo a que um dos objectivos da educação escolar é suscitar a construção de competências que facilitem o pleno desenvolvimento da pessoa, e que, a educação sexual é parte integrante desse processo de construção, as escolas tornam-se as principais veiculadoras da educação sexual formal, estruturada, intencional e adequada, em que o espaço escolar funciona também como propulsor de vivências ao nível afectivo-sexual (MARQUES et al., 2000 apud LEMOS, 2001).

A educação sexual em Portugal tem vindo a tornar-se uma preocupação das políticas educativas e de saúde.

A lei remonta ao Decreto-Lei 3/84 de 24 de Março, competindo ao Estado garantir o direito à Educação Sexual e ao Planeamento Familiar. Mais tarde, a Resolução do Conselho de Ministros nº 124/98 de 1 de Outubro aprova o Relatório Interministerial para a elaboração de um Plano de Acção em Educação Sexual e Planeamento Familiar. A Resolução de Conselho de Ministros nº 7/99 aprova o Plano para uma Política Global de Família. Em 1999, veio a ser publicada a Lei n.º 120/99, de 11 de Agosto, que reforça as garantias do direito à saúde reprodutiva. Esta lei foi regulamentada pelo Decreto – Lei n.º 259/2000, de 17 de Outubro, que perspectiva a escola como entidade competente para integrar estratégias de promoção da saúde sexual, tanto no desenvolvimento do currículo como na organização de actividades de enriquecimento curricular, favorecendo a articulação escola – família. Neste propósito, e como afirma Nogueira, Alves e Lobo (2007), a Lei 129/99 e o Decreto-Lei n.º 259/2000 vieram conferir às escolas a obrigatoriedade de incluir no seu projecto educativo uma componente de educação sexual e a reflecti-la nos planos de trabalho das turmas. Também em 31 de Outubro de 2000, para fazer cumprir a legislação, o Ministério da Educação celebrou protocolos com diversas associações como a Associação para o Planeamento da Família com a publicação do documento “Educação Sexual em Meio Escolar – Linhas Orientadoras”. Também iniciou e motivou protocolos com o Movimento de Defesa da Vida e a Fundação Comunidade contra a Sida. Mais tarde, o Despacho nº 19737/2005 de 13 de Setembro, cria os GTES para propor os parâmetros gerais dos programas de Educação Sexual em Meio Escolar. Em 27 de Outubro de 2005 foi pedido o parecer ao Conselho Nacional de Educação (CNE) sobre a Educação Sexual nas escolas e a 31 de Outubro do mesmo ano surge o Relatório preliminar GTES sobre Educação Sexual em meio escolar. O Governo, através do despacho n.º 25 995/2005, de 16 de Dezembro, determinou os Princípios orientadores da Educação Sexual em Meio Escolar. A 7 de Fevereiro de 2006 estabelece-se um Protocolo entre o Ministério da Educação e o Ministério da Saúde. A Lei nº 32/2006 de 26 de Julho regula a utilização de técnicas de procriação medicamente assistida. O Despacho nº 15 987/2006, de 27 de Setembro assegura o

acompanhamento, monitorização e desenvolvimento das actividades da saúde em meio escolar, na vertente da Educação para a Saúde.

Actualmente, a educação sexual é objecto de inclusão obrigatória nos projectos educativos. A Lei nº 60/2009, de 6 de Agosto, aprovada pela Assembleia da República em 2009, regulamentada pela portaria n.º 196-A/2010 de 9 de Abril vem estabelecer um “conjunto de princípios e regras, em matéria de educação sexual, prevendo, desde logo, a organização funcional da educação sexual nas escolas”, desde o ensino básico até ao ensino secundário, e “reconhecendo que a educação sexual é uma das dimensões da educação para a saúde”. Esta nova lei contempla como finalidades da educação sexual, entre outras, “a valorização da sexualidade e afectividade entre as pessoas no desenvolvimento individual, respeitando o pluralismo das concepções existentes na sociedade portuguesa”, bem como “o desenvolvimento de competências nos jovens que permitam escolhas informadas e seguras no campo da sexualidade.”

A lei estabelece que no ensino básico, a educação sexual se integre no âmbito da educação para a saúde, nas áreas curriculares não disciplinares – Área de Projecto, Formação Cívica ou Estudo Acompanhado. Acresce ainda às funções do director de turma a responsabilidade de elaborar em conjunto com a equipa educativa da sua turma, o projecto de educação sexual que deverá ser implementado de forma transversal. Relativamente ao terceiro ciclo, a lei contempla as áreas da dimensão ética da sexualidade e a compreensão da sexualidade como uma das componentes mais sensíveis da pessoa, no contexto de um projecto de vida que integre valores e uma dimensão ética. A carga horária da educação sexual deve ser adaptada a cada nível de ensino, não devendo "ser inferior a seis horas para o 1.º e 2.º ciclos do ensino básico, nem inferior a doze horas para o 3.º ciclo do ensino básico e secundário, distribuídas de forma equilibrada pelos diversos períodos do ano lectivo". Os “Gabinetes de informação e apoio” ao aluno, a que é dedicado o Artigo 10.º, devem existir em todos os agrupamentos e escolas não agrupadas do 2º e 3º ciclos e secundário. Além disso, a presente portaria, estabelece, como se lê no preâmbulo, que a “educação sexual deva ser desenvolvida pela escola e pela família, numa parceria que permita respeitar o pluralismo das concepções existentes na sociedade portuguesa”.

Tendo por base o estudo de Matos, Sampaio e Equipa do Projecto Aventura Social (2006) sobre os indicadores de saúde dos adolescentes em Portugal, integrado na rede europeia HBSC/ OMS, que abrangiu alunos do 2º e 3º ciclos, numa amostra de 4877 alunos, clarifica e alerta para a necessidade de intervenção na área da Educação para a Saúde e para a Sexualidade, no sentido da promoção de aptidões sócio-individuais que capacitem o adolescente a identificar e resolver problemas, gerir conflitos, melhorar a sua

comunicação interpessoal, defender os seus direitos, subsistir à pressão dos pares de forma a otimizar a sua capacidade nas opções para um estilo de vida saudável.

Neste âmbito, surge em 2008 o Programa Regional de Educação Sexual em Saúde Escolar (PRESSE), promovido pela Administração Regional de Saúde do Norte, IP. (ARSN) através do seu departamento de Saúde Pública (DSP) em parceria com a Direcção Regional de Educação do Norte (DREN), que apoia a implementação da educação sexual nas escolas de uma forma estruturada e sustentada, envolvendo um trabalho conjunto entre profissionais de saúde escolar e professores.

Este programa tem como finalidades gerais contribuir para a diminuição de comportamentos de risco e para o aumento de factores de protecção em relação à sexualidade dos alunos e contribuir para a inclusão dos projectos educativos nos currículos dessas escolas. O PRESSE apresenta-se como uma resposta facilitadora de todo o processo através de medidas de intervenção definidas regionalmente e aplicadas a nível local. O modelo de intervenção PRESSE assenta na metodologia de projecto e promove a intervenção interdisciplinar. Desta forma, este desenvolve-se em vários “settings”, tais como: formação dos profissionais de Saúde Escolar, professores e psicólogos versando a sexualidade humana, educação sexual e metodologias pedagógicas; disponibilização de recursos pedagógicos que facilitam a aplicação dos conteúdos curriculares em educação sexual previstos para vários níveis de ensino; promoção de iniciativas de complemento curricular que contribuam para a dinamização da educação sexual na escola; apoio à implementação de Gabinetes de Informação e apoio no âmbito da educação para a saúde e educação sexual. O PRESSE envolve alunos e professores do 1º, 2º e 3º ciclos e ensino secundário, mas também pais e encarregados de educação, pessoal não docente e restante comunidade, possuindo todos estes actores um papel activo no desenvolvimento deste programa. A gestão local do PRESSE é da responsabilidade da Unidade de Saúde Pública (USP) de cada um dos Agrupamentos de Centros de Saúde (ACES) da ARS Norte, I.P. que, no âmbito do Programa de Saúde Escolar, apoia a sua implementação. A operacionalização do programa é assegurada pela Equipa-PRESSE (e-PRESSE), uma equipa multidisciplinar, constituída por: 2 profissionais da saúde escolar (médicos e/ou enfermeiros), pelo professor coordenador de educação para a saúde e, se possível, por um psicólogo a desempenhar funções na saúde ou na educação. Na Escola EB 2,3/S Abel Botelho de Tabuaço, a equipa multidisciplinar é composta por uma enfermeira especialista em saúde comunitária, uma enfermeira especializada em saúde infantil e pediatria e por um professor. Neste sentido, este programa pretende ser um exemplo de como a comunidade escolar pode assumir um papel fundamental na implementação de programas de educação sexual, dando a

possibilidade de complementaridade e multidisciplinaridade entre os diferentes agentes educativos.

A educação sexual não se pode cingir a aspectos informativos, ela assume um carácter interactivo no desenvolvimento de valores e atitudes, reforçando crenças e comportamentos nos jovens. Como afirma Neto et al. (2009), falar sobre sexualidade, mais do que conhecimentos teóricos, é preciso ter a capacidade para compreender e saber ensinar, é necessário explicar os termos correctos, sendo importante a sensibilidade para as questões que preocupam os jovens. Ainda segundo os mesmos autores (2009, p.144), é através da esfera dos conhecimentos, das atitudes e competências individuais, que a educação sexual nas escolas pode contribuir para uma “ (...) vivência mais informada, mais gratificante, mais autónoma e mais responsável da sexualidade”.

A investigação sugere que a educação sexual não encoraja o comportamento sexual, sendo vários os estudos a confirmarem que os adolescentes que tiveram educação sexual formal não apresentaram uma probabilidade maior de praticarem sexo pré-conjugal, comparativamente aos que não a tiveram (SPRINTHALL e COLLINS, 1994, FURSTENBERG et al., 1985 e ZELNIK e KIM, 1982 apud LEMOS, 2001). Por outro lado, os adolescentes com conhecimentos deficitários ou erróneos, ou mesmo sem conhecimentos, tendem a desenvolver mais frequentemente atitudes inadequadas sobre sexo, o que contribui para o incremento de comportamentos sexuais de alto risco (BROWN et al, 1996 apud LEMOS, 2001). Desta forma, pode dizer-se que a ignorância é negativa e “Quanto mais informados e formados estiverem os jovens, mais tardio é o início da vida sexual activa, e mais equilibrado o seu coeficiente emocional, melhor geridas as ansiedades e mais elaboradas as escolhas” (BASTOS, 2001 apud FONSECA; MACHADO, 2007.) Assim, a abordagem não deve apenas transmitir conhecimentos sobre os riscos associados à sexualidade, mas inculcar nos adolescentes uma atitude de prevenção.

A intervenção da escola nesta área deve fazer-se de forma estruturada e intencionalizada, procurando desenvolver uma atitude positiva face à sexualidade, valorizando as suas diversas dimensões e permitindo a aquisição efectiva de conhecimentos sobre a sexualidade e de competências que favoreçam a autodeterminação e a decisão pessoal sobre comportamentos relacionados com a sexualidade (PRAZERES, 2002 apud PONTES, 2011). É realmente importante o papel dos professores, enquanto difusores privilegiados de orientação para o futuro das novas gerações, tornando-os nos grandes impulsionadores e agentes de (in)formação sobre sexualidade, pela relação de proximidade com os adolescentes.

Também aqui a escola deve ser entendida como uma continuação e complementação do trabalho dos pais, sendo importante manter esta parceria. Tal como refere Sampaio (2006, p.177) “Sem uma Educação para a sexualidade integrada numa perspectiva de Educação para a Saúde, em que a escola desempenha um papel complementar da família, mas de decisiva importância, não ajudaremos os nossos jovens a percorrer um caminho afectivo com responsabilidade e segurança.” Os pais são os modelos mais importantes, sendo a fonte de influência mais precoce e prevaiente no desenvolvimento do ser sexuado (KELLY, 1981; LÓPEZ SANCHES Y FUERTES, 1989 apud VAZ; VILAR; CARDOSO, 1996). Efectivamente, a família como comunidade base da sociedade deve ser a principal responsável pela educação das crianças, adolescentes e jovens. É pois, consensual que os pais sejam agentes activos na educação sexual dos seus filhos. Como refere Pontes (2011), a estratégia de envolver os pais em programas de educação sexual especificamente pensados para eles e/ou nos programas dirigidos aos seus filhos tem vindo a revelar-se extremamente vantajosa não só por promover a comunicação pais-filhos sobre sexualidade, mas também por favorecer a generalização e consolidação das questões abordadas nos programas. Assim, os programas de educação sexual com envolvimento das famílias constituem a melhor forma de lidar com as questões da sexualidade adolescente.

Como nos diz Sampaio (2006, p.131), “ (...) alguns educadores têm dezenas de ideias feitas sobre sexualidade dos mais novos. No entanto, são poucos os pais e professores capazes de exprimir convicções firmes sobre o tema, de modo a ajudarem os jovens a tomar decisões, a resolver dilemas, a optar com algum grau de liberdade no seu quotidiano afectivo.”

Enquanto a relação pais-filhos é uma relação vertical na aprendizagem da sexualidade, a relação com os pares é horizontal. Esta relação horizontal, com factores de proximidade tais como a idade, interesses, vivências, determina processos de identificação fortes (FRIAS, 2006) e “(...) parece ser com os amigos e colegas que os adolescentes mais falam sobre sexualidade” (VILAR, 1994, apud AFONSO; LUCAS, 2001), em que as conversas surgem naturalmente em grupo. Os pares constituem modelos sexuais reais que favorecem processos de identificação dada a similaridade de idades, de interesses e, em particular, a atractividade dos modelos intermediários exibidos. A influência dos pares é benéfica. Porém, por vezes a informação transmitida entre eles surge distorcida, nem sempre correspondendo à realidade; o riso acompanha regularmente os conteúdos sexuais; a pressão do grupo, no sentido da experimentação, leva à descoberta da sexualidade, muitas vezes sem preparação e desrespeitando ritmos pessoais (VAZ; VILAR; CARDOSO, 1996, p. 19).

Como refere Sampaio (1993, apud CASTELEIRO et al., 2007, p.38) “ o certo é que o conhecimento sobre sexualidade é obtido sobretudo fora da família, tendo aí o grupo de pares um papel fundamental. Para os pais resta talvez o mais importante: estar lá, para o que der e vier”. O estudo HBSC/ OMS revela que dos adolescentes inquiridos, 69,8% se sentem à vontade ou muito à vontade de falar sobre sexualidade com os colegas (MATOS; SAMPAIO; EQUIPA DO PROJECTO AVENTURA SOCIAL, 2006). Um estudo realizado em Viseu, no 2º e 3º ciclo do ensino básico, numa amostra de 232 alunos, demonstra que 92,2% dos adolescentes falam predominantemente com os amigos sobre sexualidade, sendo os familiares referidos em 40,1% (CASTELEIRO et al., 2007). Um outro estudo efectuado por Ferreira e Nelas (2008), numa amostra de 232 adolescentes a frequentar o 9º ano de escolaridade evidencia que os participantes referem que a pessoa de referência para abordarem assuntos sobre sexualidade, em 90,1% dos casos são os amigos (pares) e a mãe é referida por 33,6% dos casos. Uma investigação realizada por Dias e Rodrigues (2009), numa amostra de 367 alunos, com idades compreendidas entre os 14 e os 16 anos, concluiu que, embora a família tenha sido a principal fonte de conhecimentos sobre sexualidade, a sua importância é, no entanto, secundarizada face ao grupo de pares, no que respeita ao seu papel na educação sexual, pois para a maioria dos inquiridos (62,9%) são os amigos que têm um papel mais importante na sua educação sexual, seguido da mãe (58%), dos profissionais de saúde (37,6%) e, por último dos professores (30,5%).

No actual contexto social e legal em que se enquadra a educação sexual dos adolescentes, cabe também aos técnicos de saúde, nomeadamente aos enfermeiros, um papel importante nesta área, quer nos seus locais de trabalho quer em colaboração com a escola (AFONSO; LUCAS, 2001).

Também os meios de comunicação social, incluindo a televisão, a imprensa escrita, a música, o cinema e a internet são actualmente, inegáveis fontes de influência e agentes de educação sexual, pois têm uma capacidade imensa de disseminação de informação, ideias, formas de estar e valores. Se bem que a abordagem de assuntos relacionados com a sexualidade, salvo honrosas excepções, é feita de forma mais ou menos explícita e, muitas vezes, de forma controversa e com um intuito mais comercial do que em prol de causas com valor social (PONTES, 2011).

A mera informação é insuficiente para uma aprendizagem que envolva construção pessoal e conseqüente modificação de comportamentos. Por isso, é fundamental compreender a dimensão sociocultural da questão da sexualidade na adolescência, no entendimento de que “(...) a condição mínima para que um adolescente se previna é a assunção de uma postura activa, de tornar-se sujeito da própria saúde”, pois não são

suficientes somente os aspectos biológicos e culturais para orientar estratégias de educação e promoção da saúde (NETO; L'ABBATE, 2007, p.6).

Para Ferreira e Nelas (2008), o mais importante é orientar, abrir espaço para o diálogo e responder ao solicitado com honestidade e espontaneidade. Assim sendo, a educação sexual deve apresentar-se como uma “proposta de preparação para a vida pessoal, social, comunitária e particularmente familiar, que se alimenta em valores de vida, de civismo, de amor e de responsabilidade, de dignidade e de respeito humano” (GALVÃO, 2000 apud AFONSO; LUCAS, 2001, p. 169).

Deste modo, e em acordo com Afonso e Lucas (2001, p. 169) “A vivência familiar, a escolaridade, o convívio com os amigos e colegas, o contacto com os profissionais de saúde, os meios de comunicação social, são intervenientes na educação sexual do adolescente, contribuindo para a construção de um sistema de valores, de atitudes e de condutas no âmbito da sexualidade.” No entanto, é evidente que a educação sexual não é panaceia para todos os problemas e dificuldades que a sexualidade levanta, mas pode ter um contributo importante, quer em termos sociais para a consolidação de uma visão positiva da sexualidade, quer em termos individuais, para uma vivência mais consciente, responsável e satisfatória da sexualidade (PONTES, 2011).

PARTE II
INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA

CAPÍTULO 1 - METODOLOGIA DO ESTUDO

Nesta parte, pretende-se descrever a metodologia utilizada ao longo desta investigação, iniciando-se pelos métodos, os participantes, a que se segue a descrição do instrumento de recolha de dados, bem como os procedimentos que lhe estão subjacentes e as considerações de natureza ética, e por fim, o tratamento dos dados.

1.1- Métodos

Actualmente, são inúmeros os desafios que se colocam aos adolescentes, em particular na área da sexualidade, devido sobretudo às alterações importantes que se têm verificado nos últimos anos em Portugal. Numa sociedade cada vez mais complexa e exigente, repleta de mudanças, no seio de um leque variado de valores que tem vindo a ser alterado, criando nos adolescentes muitas dúvidas e incertezas, estas podem levar a que adoptem comportamentos de risco na satisfação das suas necessidades sexuais. Como refere Fonseca e Machado (2007, p.25) “O despertar para a sexualidade é cada vez mais precoce, mas as consequências de um início prematuro e irreflectido na vida sexual podem ser catastróficas em vários níveis”. Na verdade, a conduta sexual dos jovens pode ter implicações consideráveis na sua saúde. Neste sentido, as atitudes pessoais relativas a aspectos mais específicos da sexualidade revestem-se de particular importância na saúde dos indivíduos.

Pelo exposto, e consciente destes factos, torna-se indispensável que se conheça as atitudes dos adolescentes face à sexualidade de forma a implementar programas de Educação para a Saúde e para a sexualidade ajustados à realidade da nova forma de viver a sexualidade na adolescência, dentro do que é preconizado a nível nacional, no sentido da promoção de aptidões sócio-individuais, adopção de comportamentos saudáveis caminhando para a vivência de uma sexualidade harmoniosa, responsável e segura.

Os motivos que levaram a que este estudo se desenvolvesse na escola do concelho de Tabuaço devem-se ao facto de ser o local de residência e de trabalho da investigadora, sendo Coordenadora do Programa de Saúde Escolar na Unidade de Tabuaço e ser elemento da equipa PRESSE, cujo programa foi implementado este ano lectivo no 3º ciclo da Escola EB 2,3/S Abel Botelho, ainda que na altura da colheita de dados, este estivesse na sua fase inicial de intervenção, não sendo, por isso, propósito deste estudo a avaliação

dos resultados do programa. A escolha das escolas do concelho do Fundão deve-se ao facto destes alunos não terem contacto com o Programa PRESSE em meio escolar e por pertencerem a uma região com características sócio-demográficas diferentes das do concelho de Tabuaço. Tabuaço é uma vila da Região Norte, é sede de um município com 135,72 Km² de área e 6360 habitantes (PORTUGAL, INE, 2011), subdividido em 17 freguesias. O Fundão é uma cidade da Região Centro, é sede de um município com 700,13 Km² de área e 29172 habitantes (PORTUGAL, INE, 2011), subdividido em 31 freguesias. Esta breve contextualização sócio-demográfica é necessária quando se compreende a sexualidade como constructo cultural (Parker, 1994 apud RENA, 1996) e adolescência como um fenómeno multidimensional, determinado por diferentes factores de natureza sócio-cultural (RENA, 1996).

Neste propósito, são enunciadas as seguintes questões de investigação:

- Quais as atitudes face à sexualidade dos alunos do 3º ciclo do ensino básico das escolas do concelho de Tabuaço e Fundão?

- Qual a influência das variáveis sócio-demográficas e das vivências da sexualidade nas atitudes face à sexualidade dos alunos do 3º ciclo do ensino básico das escolas do concelho de Tabuaço e Fundão?

- Que factores influenciam as atitudes face à sexualidade dos alunos do 3º ciclo do ensino básico das escolas do concelho de Tabuaço e Fundão?

Para dar resposta às questões de investigação formuladas, são delineados os seguintes objectivos:

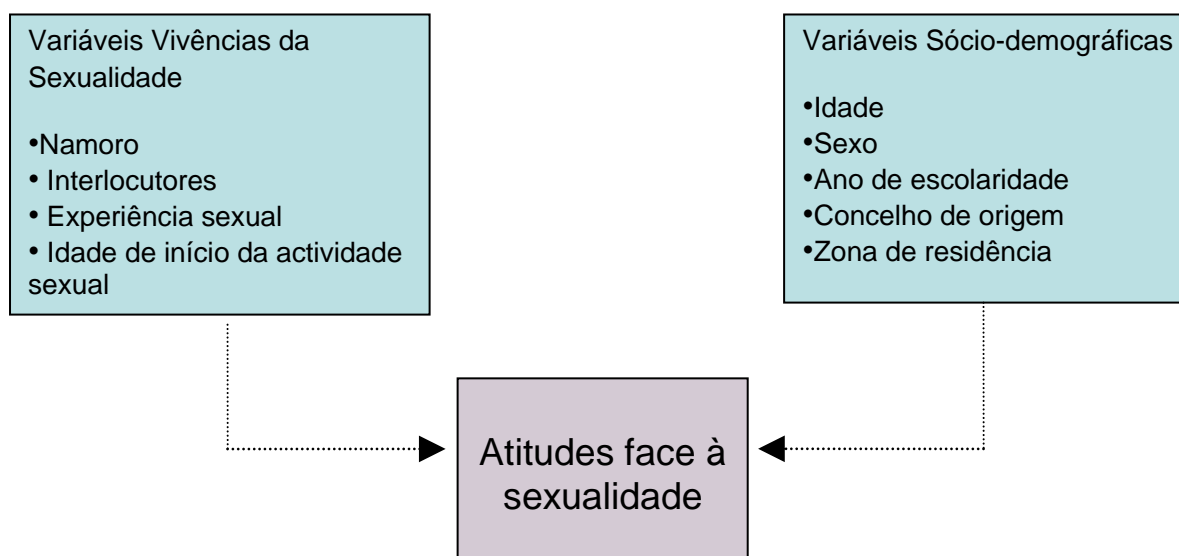
- Identificar as atitudes face à sexualidade dos alunos do 3º ciclo do ensino básico das escolas do Concelho de Tabuaço e Fundão.

- Analisar as relações existentes entre as atitudes face à sexualidade dos alunos do 3º ciclo do ensino básico e as variáveis sócio-demográficas e as vivências da sexualidade.

- Identificar os factores determinantes que influenciam as atitudes face à sexualidade dos alunos do 3º ciclo do ensino básico das escolas do Concelho de Tabuaço e Fundão

Em virtude dos objectivos definidos, apresenta-se o desenho de investigação para este estudo:

Figura 1 – Representação esquemática da relação prevista entre as variáveis estudadas na investigação empírica



A figura 1 procura dar a conhecer o tipo de relação que se pretende estabelecer entre as variáveis independentes e a variável dependente. No presente estudo, a variável dependente são as atitudes face à sexualidade, avaliadas através da “Escala de atitudes face à sexualidade em adolescentes” (Nelas, Silva, Ferreira, Duarte e Chaves, 2010). As variáveis independentes incluem as variáveis sócio-demográficas (idade, sexo, ano de escolaridade, concelho de origem e zona de residência) e as variáveis experienciais, designadas de “vivências da sexualidade” (namoro, interlocutores, experiência sexual e idade de início da actividade sexual). É com base nestes propósitos que se pretende prosseguir o desenvolvimento da investigação.

Nesta perspectiva e tendo em conta o enquadramento teórico realizado, as questões de investigação, e os objectivos delineados, optou-se por um estudo de natureza quantitativa, descritivo-correlacional, explicativo e transversal.

Relativamente ao método de investigação, classifica-se como sendo quantitativo, pois pretende-se recolher e tratar os dados de forma sistemática e estatística e “conforme o próprio termo indica, significa quantificar opiniões, dados, nas formas de colecta de informações, assim como também com o emprego de recursos e técnicas estatísticas desde as mais simples (...) até às de uso mais complexo” (OLIVEIRA, 2000, p.115).

No estudo descritivo-correlacional, segundo Fortin (2009, p.244), “exploram-se as relações entre variáveis com vista a descrevê-las”. É um estudo explicativo, já que o seu propósito é o de responder às causas dos eventos, sucessos e fenómenos físicos e sociais,

ou seja, o seu interesse centra-se em explicar como as variáveis sócio-demográficas e vivências da sexualidade se relacionam com as atitudes face à sexualidade. Quanto à duração deste estudo, considera-se como sendo um estudo transversal, já que consiste em examinar “(...) vários grupos de indivíduos, num determinado tempo, em relação com um fenómeno presente no momento da investigação” (FORTIN, 2009, p.252).

1.2- Participantes

Para este estudo recorreu-se a uma amostragem não probabilística por conveniência, constituída pelos alunos que frequentavam no ano lectivo 2010/2011, o 3º ciclo do Ensino Básico, tendo participado 545 alunos, sendo 262 do sexo masculino e 283 do sexo feminino, distribuídos pelo Agrupamento de Escolas Serra da Gardunha, Agrupamento de Escolas de João Franco, Agrupamento de Escolas Terras do Xisto do concelho do Fundão e Agrupamento de Escolas de Tabuaço do concelho de Tabuaço.

1.2.1 - Caracterização da amostra

Idade e sexo

Pela leitura da tabela 1, constata-se que a idade dos participantes constituintes da amostra oscila entre um mínimo de 12 e um máximo de 18 anos, verificando-se que a média de idades é de 13,95 anos, com um desvio padrão de 1,25 anos, sendo o coeficiente de variação de 8,99%, sugerindo uma dispersão fraca (cf. tabela 1).

Para o sexo masculino que representa 48,1% da totalidade da amostra e para o sexo feminino com uma representatividade de 51,9%, observa-se que a idade mínima é de 12 anos e a máxima é de 18 anos, sendo a média de idades no sexo masculino de 14,07 e o desvio padrão de 1,30, enquanto no sexo feminino, a média de idades é de 13,83 e um desvio padrão de 1,20, apresentando ambos uma dispersão fraca (CV=9,24% e CV=8,67%, respectivamente).

O teste de Kolmogorod-Smirnov (K/S) não apresenta uma distribuição normal, revelando os valores de simetria e curtose, curvas gaussianas com enviesamento à esquerda e mesocúrtica para o totalidade da amostra e para ambos os sexos (cf. tabela 1).

O teste t de Student revela que existem diferenças estatísticas significativas na distribuição dos alunos face à idade ($t=2,189$; $p=0,029$), ou seja a média de idade dos rapazes é significativamente superior à média da idade das raparigas (cf. tabela 1).

Tabela 1 – Estatísticas relativas à idade em função do sexo dos alunos

Idade	N	Min.	Max.	\bar{x}	Dp	CV(%)	SK/ERRO	K/ERRO	K/S
Sexo									
Masculino	262	12	18	14,07	1,30	9,24	4,00	0,91	0,000
Feminino	283	12	18	13,83	1,20	8,67	2,32	0,78	0,000
Total	545	12	18	13,95	1,25	8,99	4,74	1,58	0,000

[t=2,189; p=0,029]

Grupo etário

Da amostra total de alunos que participaram no estudo, 37,1% têm idade inferior ou igual a 13 anos e 32,1% têm 14 anos, contribuindo para o valor percentual de 30,8% os alunos que apresentam uma idade situada acima dos 15 anos. Em ambos os sexos existe maior percentagem de alunos no grupo etário até aos 13 anos, 37,0% no sexo masculino e 37,1% no sexo oposto. Ao invés, encontram-se as percentagens mais baixas para os rapazes (28,2%) no grupo de alunos com 14 anos e para as raparigas (27,2%) no grupo de alunos com idade igual ou superior a 15 anos (cf. tabela 2). No entanto, as diferenças entre sexos não se revelaram significativas ($\chi^2=4,847$; $p=0,089$).

Ano de escolaridade

Sobre o nível de ensino que frequentam, o 7º ano corresponde a 28,8%, 8º ano a 33,9% e o 9º ano a 37,2% da amostra (cf. tabela 2). Esta distribuição é idêntica entre sexos, sem diferenças estatísticas significativas ($\chi^2=0,977$; $p=0,614$).

Participantes por Concelho

A distribuição dos participantes por concelho é de 387 alunos (71,0%) no Concelho do Fundão e de 158 alunos (29,0%) no Concelho de Tabuaço (cf. tabela 2). Os resultados do teste Qui-quadrado indicam que as diferenças entre a variável sexo e concelho não são significativas ($\chi^2=0,584$; $p=0,445$).

Zona de Residência

Relativamente à zona de residência, verifica-se que existe uma grande parcela de participantes que vive na aldeia (53,1%) face à cidade (30,1%) e à vila (16,9%). Ainda de referir que da amostra total de alunos, 1.1% não responderam. Os maiores valores

percentuais verificam-se tanto para os rapazes (53,1%) como para as raparigas (53,0%) que residem na aldeia, enquanto apenas 16,2% do sexo masculino e 17,6% do sexo feminino residem na vila (cf. tabela 2). Contudo, esta disposição entre os sexos não revela significância estatística ($\chi^2=0,243$; $p=0,885$).

Tabela 2 - Caracterização sócio-demográfica da amostra em função do sexo

Variáveis	Sexo		Feminino		Total		Residuais	
	Masculino		N	%	N	%	Masc.	Fem.
	N (262)	% (48,1)	(283)	(51,9)	(545)	(100,0)		
Grupo etário								
≤ 13	97	37,0	105	37,1	202	37,1	0,0	0,0
14	74	28,2	101	35,7	175	32,1	-1,9	1,9
≥ 15	91	34,7	77	27,2	168	30,8	1,9	-1,9
Total	262	100,0	283	100,0	545	100,0		
Ano de escolaridade								
7º	75	28,6	82	29,0	157	28,8	-0,1	0,1
8º	94	35,9	91	32,2	185	33,9	-0,9	0,9
9º	93	35,5	110	38,9	203	37,2	-0,8	0,8
Total	262	100,0	283	100,0	545	100,0		
Participantes por Concelho								
Fundão	182	69,5	205	72,4	387	71,0	-0,8	0,8
Tabuaço	80	30,5	78	27,6	158	29,0	0,8	-0,8
Total	262	100,0	283	100,0	545	100,0		
Zona de Residência								
Aldeia	138	53,1	148	53,0	286	53,1	0,0	0,0
Vila	42	16,2	49	17,6	91	16,9	-0,4	0,4
Cidade	80	30,8	82	29,4	162	30,1	0,3	-0,3
Total	260	100,0	279	100,0	539	100,0		

1.3- Instrumento de recolha de dados

A selecção do método de recolha de dados é determinado pela natureza da metodologia científica, pelas questões de investigação, objectivos do estudo, pela amostra a estudar e pelas estratégias de análise estatística a realizar. Com base nestes pressupostos optou-se por utilizar um instrumento de recolha de dados constituído por um questionário e escalas. A selecção deste método permite a aquisição de respostas por um maior número

de indivíduos, o que dificilmente seria conseguido com outro método de recolha de dados. Este foi constituído por uma série de questões ordenadas para serem respondidas por escrito sem a presença do investigador. Este tipo de instrumento oferece a possibilidade de anonimato total, e a ausência do investigador, garante a não tendenciosidade nas respostas.

Questionário

O questionário utilizado faz parte do Projecto de Investigação financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia com a referência FCT PTDC/CPE-CED/103313/2008 (cf. Anexo I). Este é constituído por 20 questões, das quais 4 permitem fazer uma caracterização sócio-demográfica e 11 questões relacionam-se com as vivências da sexualidade dos alunos. As questões referentes à caracterização sócio-demográfica têm como objectivo colher informação acerca do sexo, idade, ano de escolaridade que frequentam os alunos e zona de residência. Quanto à caracterização das vivências da sexualidade pretende-se recolher informação sobre o namoro, onde o aluno é questionado se namora ou não e, para quem responde afirmativamente, a duração do actual relacionamento amoroso. Relativamente aos interlocutores em assuntos de sexualidade questiona-se com quem falam sobre esta, tendo como opções a mãe, pai, amigos, namorado/a, professores, irmãos e médico/enfermeiro. Na experiência sexual procura-se informação sobre se já teve ou não relações sexuais e, aos que responderam afirmativamente, a idade da primeira relação sexual; questiona-se se têm ou não relações sexuais no actual relacionamento amoroso e, em caso afirmativo, o tempo para início das mesmas. Quanto à contraceção, pergunta-se acerca do seu uso e o tipo de contraceção (pílula e preservativo), ao recurso da contraceção de emergência e com que frequência o fez, à utilização do preservativo em todas as relações sexuais e, por último, questiona-se se considera importante a utilização do preservativo nas relações sexuais.

Escala de atitudes face à sexualidade em adolescentes (AFSA)

O instrumento que se designa por “Escala de atitudes face à sexualidade em adolescentes” (Nelas, Silva, Ferreira, Duarte e Chaves, 2010), é uma escala que procura analisar as atitudes dos adolescentes face à sexualidade (cf. Anexo II). É constituída por 26 itens, cada item possui uma escala ordinal tipo Likert, com cinco alternativas de resposta a que correspondem as seguintes pontuações: 5 pontos - concordo totalmente; 4 pontos – concordo muito; 3 pontos – nem concordo, nem discordo; 2 pontos – discordo muito; 1 ponto – discordo totalmente. Os itens 1, 2, 4, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 18, 19, 20, 22, 23 e 24 são cotados inversamente. Quanto maior é a pontuação obtida, mais favoráveis são as atitudes

dos adolescentes face à sexualidade. Mediante os resultados obtidos, é possível identificar três grupos de corte para as Atitudes face à sexualidade - Desfavoráveis, Indiferentes e Favoráveis (valor médio \pm 0.25 dp):

Desfavorável = $\leq M - 0.25 dp$

Indiferente = $\geq M - 0.25 dp \geq M \leq M + 0.25 dp$

Favorável = $\geq M + 0.25 dp$

Optou-se por utilizá-la como escala unifactorial pela relevância conceptual e pela importância que tem enquanto constructo, como é referido pelos autores da escala. Os mesmos autores consideram que o estudo psicométrico da escala apresenta, de uma forma global, bons índices de validade e fidelidade, com valores correlacionais a oscilar entre 0.219 e 0.492 e valores de alfa de Cronbach a situarem-se entre 0.721 e 0.750, sendo uma escala adequada em estudos que pretendam analisar as atitudes dos adolescentes face à sexualidade.

1.4- Procedimentos na recolha de dados

Este estudo contempla todas as implicações éticas do direito à auto-determinação, à intimidade, à confidencialidade, à protecção do anonimato e confidencialidade dos dados, à protecção contra o desconforto e o prejuízo e ao tratamento justo e equitativo.

No respeito por estes princípios éticos, foi necessário efectuar um conjunto de procedimentos para a oficialização e cumprimento dos requisitos que lhe estão subjacentes e que compreendeu várias fases distintas. Numa primeira fase, foi solicitada autorização para aplicação do instrumento de colheita de dados à Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular, com o número de registo 0012100005, que foi deferido com parecer favorável (cf. Anexo III). Numa segunda fase, foi pedida autorização para aplicação do instrumento de colheita de dados aos Conselhos Directivos das escolas, tendo sido concedida (cf. Anexo IV Anexo V, Anexo VI, Anexo VII). Dada a necessidade de se obter autorização para a participação dos alunos, fez-se chegar aos pais/encarregados de educação um termo de consentimento informado (cf. Anexo VIII). Os alunos que não apresentaram o termo de consentimento informado devidamente autorizado foram excluídos do estudo. Os professores, pais e alunos foram previamente informados das finalidades do estudo e da garantia da confidencialidade dos dados e anonimato dos participantes.

Os questionários foram entregues aos participantes e preenchidos em sala de aula, sob supervisão de um docente.

A recolha dos dados processou-se no período compreendido entre Maio e Junho de 2011.

1.5- Tratamento dos dados

O tratamento estatístico é, actualmente o método mais adequado para interpretar os dados obtidos em estudos deste género.

Para facilitar o tratamento dos dados foi atribuído a cada questionário um código, contemplando a escola em que foi aplicado e respectivo concelho.

Este tratamento estatístico iniciou-se com a colheita de dados prolongando-se até a análise e interpretação dos resultados através da análise estatística descritiva e inferencial.

Utilizou-se a estatística descritiva para caracterizar os dados da amostra através de frequências absolutas e percentuais, de medidas de tendência central (média), medidas de dispersão (desvio padrão e coeficiente de variação) e de medidas de assimetria e achatamento, de acordo com as características das variáveis em estudo.

A medida de assimetria Skewness (SK) obtém-se através do quociente entre SK com o erro padrão (EP). Se SK/EP oscilar entre -2 e +2, a distribuição é simétrica, enquanto se SK/EP for inferior a -2, a distribuição é assimétrica negativa ou enviesada à direita e se SK/EP for superior a +2, a distribuição é assimétrica positiva ou enviesada à esquerda (PESTANA; GAGEIRO, 2005). Para medidas de achatamento curtose (K), o resultado também se obtém através do quociente com o erro padrão. Se o valor K/EP oscilar entre -2 e +2, a distribuição é mesocúrtica, mas se K/EP for inferior a -2, a distribuição é platicúrtica e para K/EP superior a +2, a distribuição é leptocúrtica (PESTANA; GAGEIRO, 2005). Conforme o recomendado, foram aplicados testes de normalidade de Kolmogorov-Sminorv, Skewness e Kurtosis a todas as variáveis de natureza quantitativa.

Nas análises estatísticas com valores dos coeficientes de variação, os quais permitem comparar a variabilidade de duas variáveis, utilizaram-se os seguintes graus de dispersão definidos por Pestana e Gageiro (2005):

- $CV \leq 15\%$ - Dispersão Fraca;
- $15\% < CV \leq 30\%$ - Dispersão Média;
- $CV > 30\%$ - Dispersão Elevada.

Relativamente à estatística inferencial, e tendo como objectivo o estabelecimento de relações entre variáveis, foram aplicados testes estatísticos paramétricos e para estudo de proporções de estatística, os não paramétricos:

- Test t de Student – para comparação de médias de uma variável quantitativa em dois grupos de sujeitos diferentes e quando se desconhecem as respectivas variâncias populacionais (PESTANA; GAGEIRO, 2005).

- Teste de Mann-Whitney – é um teste alternativo ao teste T para duas amostras independentes, comparando o centro de localização das duas amostras, como forma de detectar diferenças entre as duas populações correspondentes. Este teste é de utilização preferível ao teste T quando há violação da normalidade, ou quando os n's são pequenos, ou ainda quando as variáveis são de nível pelo menos ordinal (PESTANA; GAGEIRO, 2005).

- Teste ANOVA (*Analysis of Variance*) One-way - é uma extensão do Teste T de Student que permite comparar mais de dois grupos em estudo. Todavia, quando se testa a igualdade de mais de duas médias e, dependendo da natureza nominal ou ordinal do factor, recorre-se habitualmente ao teste Post Hoc, para saber quais as médias que se diferenciam entre si (PESTANA; GAGEIRO, 2005).

- Teste *Kruskal-Wallis* - é um teste não paramétrico aplicado a variáveis de nível pelo menos ordinal, e é também uma alternativa ao One-Way Anova utilizado quando não se encontram reunidos os pressupostos deste último, que são a normalidade e igualdade de variâncias. Este teste usa-se para testar a hipótese de igualdade no que se refere a um parâmetro de localização (PESTANA; GAGEIRO, 2005).

- Teste de Qui-Quadrado (χ^2) - para o estudo de relações entre variáveis nominais, aplicando-se a uma amostra em que a variável nominal tem duas ou mais categorias, comparando as frequências observadas com as que se esperam obter no universo para se inferir sobre a relação existente entre as variáveis. Se as diferenças entre os valores observados e esperados não se considerarem significativamente diferentes, o valor do teste pertence à região de aceitação e as variáveis são independentes, caso contrário, rejeita-se a hipótese de independência, ou seja, os valores do teste pertencem à região crítica (PESTANA; GAGEIRO, 2005). Efectuaram-se também testes de Qui-quadrado com análise de residuais ajustados para identificação dos valores significativos, pois como referem Pestana e Gageiro (2005), os resíduos ajustados na forma estandardizada informam sobre células que mais se afastam da independência entre as variáveis ou os valores elevados dos resíduos indicam uma relação de dependência entre as variáveis. Os mesmos autores consideram para uma probabilidade igual a 0,05, os seguintes valores de referência:

- ≥ 1.96 diferença estatística significativa

- < 1.96 diferença estatística não significativa

Segundo D' Hainaut (1992) podem ser seleccionados os seguintes níveis de significância:

- $p < 0.05$ estatística significativa
- $p < 0.01$ estatística bastante significativa
- $p < 0.001$ estatística altamente significativo
- $p \geq 0.05$ não significativo

Os dados obtidos foram tratados informaticamente, utilizando o *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), 19.0, ambiente Windows, para a elaboração da base de dados, da folha de cálculo.

A apresentação dos dados é feita através de tabelas de modo a facilitar a sua compreensão, com omissão das fontes em virtude de estes se referirem sempre ao presente estudo. A descrição e análise dos dados foram elaboradas com base na ordem temática do instrumento de recolha de dados.

Após estas considerações metodológicas, irá ser abordada, no capítulo seguinte a apresentação dos resultados.

CAPÍTULO 2- APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo encontra-se organizado em duas partes fundamentais. A primeira consiste na análise descritiva dos dados e a segunda na análise inferencial dos resultados.

2.1- ANÁLISE DESCRITIVA

Neste subcapítulo pretende-se apresentar os resultados obtidos quanto à caracterização das vivências da sexualidade dos alunos investigados e da aplicação da Escala das atitudes face à sexualidade em adolescentes.

2.1.1 - Características das vivências da sexualidade da amostra

Namoro

A análise da tabela 3 permite verificar que a maioria dos alunos (71,7%) não tem actualmente qualquer relacionamento amoroso, sendo 72,9 % do sexo masculino e 70,7% do sexo feminino. Pode-se, portanto, concluir que 28,3% dos alunos tem namorado/a, sendo 27,1% do sexo masculino e 29,3% do sexo feminino, não existindo diferenças estatísticas significativas entre os sexos ($\chi^2=0,334$; $p=0,564$).

Tabela 3 – Existência de relação de namoro em função do sexo

Sexo \ Namoro	Masculino		Feminino		Total		Residuais	
	N	%	N	%	N	%	Masc.	Fem.
Não	191	72,9	200	70,7	391	71,7	0,6	-0,6
Sim	71	27,1	83	29,3	154	28,3	-0,6	0,6
Total	262	100,0	283	100,0	545	100,0		

[$\chi^2=0,334$; $p=0,564$]

Duração do actual relacionamento amoroso

Considerando os alunos que referiram ter namorado/a e responderam à questão (N=140) e analisando a duração do namoro, verifica-se que a maioria, 35,7%, mantém esse

relacionamento amoroso entre um e seis meses. Seguindo-se-lhes os que namoram entre seis meses e um ano (26,4%) e há menos de um mês (24,3%). Apenas 7,9% namoram entre um e dois anos e 5,7% há mais de dois anos (cf. tabela 4).

No que diz respeito aos alunos do sexo masculino, a maioria, 30,6% namora entre seis meses e um ano. Quanto ao sexo feminino, a maioria, 41,0% namora entre um e seis meses. No entanto, é a partir de um ano de relacionamento amoroso que se encontram os menores valores percentuais para ambos os sexos, situando-se no sexo masculino entre um e dois anos (4,8%) e no feminino acima dos dois anos (2,6%). Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre o sexo para a duração do actual relacionamento amoroso ($\chi^2=6,595$; $p=0,159$) como se verifica na tabela 4.

Tabela 4 – Duração do actual relacionamento amoroso em função do sexo

Sexo	Masculino		Feminino		Total		Residuais	
	N	%	N	%	N	%	Masc.	Fem.
Duração do relacionamento amoroso								
<1 mês	16	25,8	18	23,1	34	24,3	0,4	-0,4
Entre 1 e 6 meses	18	29,0	32	41,0	50	35,7	-1,5	1,5
Entre 6 meses e 1 ano	19	30,6	18	23,1	37	26,4	1,0	-1,0
Entre 1 e 2 anos	3	4,8	8	10,3	11	7,9	-1,2	1,2
>2 anos	6	9,7	2	2,6	8	5,7	1,8	-1,8
Total	62	100,0	78	100,0	140	100,0		

[$\chi^2=6,595$; $p=0,159$]

Interlocutores em assuntos de sexualidade

No que concerne aos interlocutores em assuntos de sexualidade, os resultados apresentados na tabela 5, revelam que a grande maioria dos participantes (59,8%) considera que são os amigos que têm o papel mais importante na sua educação sexual, seguido da mãe (40,9%) e do pai (16,1%), do namorado/a (14,7%), dos irmãos (13,8%), dos professores (12,5%) e, por último, do médico/enfermeiro (4,6%).

Verifica-se que tanto para os rapazes como para as raparigas, os amigos atingem os valores percentuais mais representativos, com 61,5% e 58,3%, respectivamente, não existindo, no entanto, diferenças estatisticamente significativas entre os sexos ($\chi^2=0,560$; $p=0,454$).

Constata-se a existência de uma percentagem relativamente maior dos alunos do sexo feminino que falam sobre sexualidade com a mãe (50,9%), comparativamente com os

do sexo masculino (30,2%), com diferenças altamente significativas entre os sexos ($\chi^2=24,185$; $p=0,000$). Ao invés, os resultados também mostram que os rapazes (23,3%) mais frequentemente que as raparigas (9,5%), falam com o pai sobre sexualidade, existindo diferenças altamente significativas entre os sexos ($\chi^2=18,975$; $p=0,000$). Quanto aos restantes interlocutores, os valores percentuais encontrados em ambos os sexos são idênticos e não revelam significância estatística.

Tabela 5 – Distribuição dos alunos segundo os interlocutores em assuntos de sexualidade

Sexo	Masculino		Feminino		Total		Residuais		χ^2	p
	N	%	N	%	N	%	Masc.	Fem.		
Interlocutores										
Mãe	79	30,2	144	50,9	223	40,9	-4,9	4,9	24,185	0,000
Pai	61	23,3	27	9,5	88	16,1	4,4	-4,4	18,975	0,000
Amigos	161	61,5	165	58,3	326	59,8	0,7	-0,7	0,560	0,454
Namorado/a	42	16,0	38	13,4	80	14,7	0,9	-0,9	0,736	0,391
Professores	26	9,9	42	14,8	68	12,5	-1,7	1,7	3,012	0,083
Irmãos	38	14,5	37	13,1	75	13,8	0,5	-0,5	0,234	0,628
Médico/Enfermeiro	10	3,8	15	5,3	25	4,6	-0,8	0,8	0,684	0,408

Experiência sexual

Através da análise da tabela 6, verifica-se que dos 537 alunos que responderam a esta questão, a grande maioria ainda não iniciou a actividade sexual, o que corresponde a 87,3% dos casos, em oposição a 12,7% dos alunos que referem já a ter iniciado.

Tabela 6 – Distribuição dos alunos segundo a experiência sexual

Sexo	Masculino		Feminino		Total		Residuais	
	N	%	N	%	N	%	Masc.	Fem.
Relações sexuais								
Não	212	82,5	257	91,8	469	87,3	-3,2	3,2
Sim	45	17,5	23	8,2	68	12,7	3,2	-3,2
Total	257	100,0	280	100,0	537	100,0	-	-

[$\chi^2=10,469$; $p=0,001$]

Dos 68 alunos que revelam ter iniciado a sua actividade sexual, 45 são do sexo masculino (17,5%) e 23 são do sexo feminino (8,2%), com diferenças estatísticas altamente significativas na distribuição dos alunos segundo a experiência sexual ($\chi^2=10,469$; $p=0,001$) (cf. tabela 6). Importa referir que 1,5% dos alunos não responderam a esta questão.

Idade da 1ª relação sexual

Analisando a tabela 7, verifica-se que do total da amostra de alunos que menciona já ter tido relações sexuais, responderam a esta questão 65 alunos. Pela leitura dos resultados relativamente à idade da primeira relação sexual em função do sexo dos alunos, verifica-se que a média de idade desta é de 13,65 anos, com um desvio padrão de 1,45 anos e a idade mínima e máxima encontradas foram, 9 e 16 anos, respectivamente. Pela análise do coeficiente de variação de 10,62%, verifica-se que os resultados obtidos apresentam uma dispersão fraca. Os valores de simetria (Skewness/erro=-1,97) e curtose (Kurtosis/erro=1,70), indiciam uma curva gaussiana enviesada à direita e mesocúrtica. Tendo por base o referido, considera-se a distribuição de idade da primeira relação sexual como não normal.

Analisando os dados por sexo, observa-se que a média de idades da primeira relação sexual do sexo masculino é de 13,43 anos ($\pm 1,56$) e que no sexo feminino é de 14,10 anos ($\pm 1,09$). Verifica-se uma idade mínima de 9 anos para o sexo masculino e de 12 anos para o sexo feminino e o máximo de 16 anos para ambos os sexos. Os dados sugerem uma dispersão fraca, tanto para o sexo masculino como para o sexo feminino (CV=11,61% e CV=7,73%, respectivamente). Os valores de simetria para o sexo masculino e feminino (Sk/erro= -1,40 e Sk/erro=0,10, respectivamente) e curtose (K/erro= 0,94 e K/erro=0,42, respectivamente) indiciam uma curva gaussiana simétrica e mesocúrtica, considerando-se a distribuição como normal (cf. tabela 7).

Tabela 7 – Estatísticas relativas à idade da primeira relação sexual

Idade da 1ª relação sexual										
	N	%	Min.	Max.	\bar{x}	Dp	CV(%)	SK/ERRO	K/ERRO	K/S
Sexo										
Masculino	44	16,8	9	16	13,43	1,56	11,61	-1,40	0,94	0,000
Feminino	21	7,4	12	16	14,10	1,09	7,73	0,10	0,42	0,000
Total	65	11,9	9	16	13,65	1,45	10,62	-1,97	1,70	0,000

Outra leitura dos dados referentes à idade da primeira relação sexual pode ser feita através da sua recodificação em três grupos, da seguinte forma:

- 13 anos ou menos
- 14 anos
- 15 anos ou mais

Através da análise da tabela 8, constata-se que apesar da maioria dos alunos (43,1%) terem tido a primeira relação sexual aos 14 anos (57,1% para o sexo feminino e 36,4% para o sexo masculino); os rapazes (45,5%) mais frequentemente que as raparigas (19,0%) iniciaram aos 13 anos ou mais cedo; e as raparigas (23,8%) mais frequentemente que os rapazes (18,2%) aos 15 anos ou mais tarde. Contudo, as diferenças entre sexos não se revelam estatisticamente significativas ($\chi^2=4,335$; $p=0,114$).

Tabela 8 – Distribuição da idade da primeira relação sexual em função do sexo

Sexo \ Idade da 1ª relação sexual	Masculino		Feminino		Total		Residuais	
	N	%	N	%	N	%	Masc.	Fem.
13 anos ou menos	20	45,5	4	19,0	24	36,9	2,1	-2,1
14 anos	16	36,4	12	57,1	28	43,1	-1,6	1,6
15 anos ou mais	8	18,2	5	23,8	13	20,0	-0,5	0,5
Total	44	100,0	21	100,0	65	100,0		

[$\chi^2 = 4,335$; $p=0,114$]

Relações sexuais no actual relacionamento amoroso

Relacionando a amostra de alunos que menciona ter actividade sexual com o namorado actual, verifica-se que a maioria dos alunos (77,6%) refere não ter relações sexuais. No entanto, 22,4% dos alunos afirmam ter relações sexuais no actual relacionamento amoroso, facto que se verifica mais no sexo masculino (32,3%) que no sexo feminino (14,6%) com diferenças estatisticamente significativas entre os sexos ($\chi^2=6,505$; $p=0,011$) (cf. tabela 9).

É importante referir que, dos 154 alunos que namoram, 7 deles não responderam a esta questão.

Tabela 9 – Relações sexuais no actual relacionamento amoroso em função do sexo

Relações sexuais no actual relacionamento amoroso	Sexo		Masculino		Feminino		Total		Residuais	
	N	%	N	%	N	%	N	%	Masc.	Fem.
Não	44	67,7	70	85,4	114	77,6	-2,6	2,6		
Sim	21	32,3	12	14,6	33	22,4	2,6	-2,6		
Total	65	100,0	82	100,0	147	100,0				

[$\chi^2=6,505$; $p=0,011$]

Relacionando os alunos que têm relações sexuais no actual relacionamento amoroso com o tempo para o início das mesmas, verifica-se que, a maioria iniciou a actividade sexual com o/a namorada/o ao fim de uma semana ou menos (31,3%), facto que se verifica tanto no sexo masculino (41,7%) como no sexo feminino (25,0%). Por outro lado, nenhum dos alunos referiu iniciar relações sexuais ao fim de dois anos de relacionamento. No entanto, não se verificam diferenças estatisticamente significativas entre os sexos ($\chi^2=2,844$; $p=0,724$).

Tabela 10 – Tempo para o início de relações sexuais no actual relacionamento amoroso em função do sexo

Tempo para o início das relações sexuais no namoro	Sexo		Masculino		Feminino		Total		Residuais	
	N	%	N	%	N	%	N	%	Masc.	Fem.
1 semana ou menos	5	25,0	5	41,7	10	31,3	-1,0	1,0		
1 mês	3	15,0	2	16,7	5	15,6	-0,1	0,1		
Entre 1 e 3 meses	5	25,0	1	8,3	6	18,8	1,2	-1,2		
Entre 3 e 6 meses	2	10,0	2	16,7	4	12,5	-0,6	0,6		
Entre 6 meses a 1 ano	1	5,0	1	8,3	2	6,3	-0,4	0,4		
Entre 1 a 2 anos	4	20,0	1	8,3	5	15,6	0,9	-0,9		
>2 anos	-	-	-	-	-	-	-	-		
Total	20	100,0	12	100,0	32	100,0				

[$\chi^2=2,844$; $p=0,724$]

Contraceção

No que diz respeito ao uso de métodos contraceptivos e para a amostra total de alunos, 75,9% dos alunos referem não usar algum tipo de método, contrapondo com 24,1%

dos que afirmam usar algum tipo de contracepção (cf. tabela 11). Porém, 31,6% dos participantes não responderam, pelo que ficou assim uma margem de incerteza para esta questão.

Dos 90 alunos que utilizam contracepção, verifica-se que os rapazes (35,0%) mais frequentemente que as raparigas (14,0%) utilizam métodos contraceptivos, com diferenças estatísticas altamente significativas entre os sexos ($\chi^2=22,458$; $p=0,000$) (cf. tabela 11).

Tabela 11 – Utilização de contracepção em função do sexo

Contracepção \ Sexo	Masculino		Feminino		Total		Residuais	
	N	%	N	%	N	%	Masc.	Fem.
Não	117	65,0	166	86,0	283	75,9	-4,7	4,7
Sim	63	35,0	27	14,0	90	24,1	4,7	-4,7
Total	180	100,0	193	100,0	373	100,0		

[$\chi^2=22,458$; $p=0,000$]

Outra leitura dos dados, referentes ao método contraceptivo utilizado pelos alunos, pode ser feita através da análise da tabela 12. Assim, daqueles que usam contracepção e que responderam a esta questão (N=86), verifica-se que o método contraceptivo mais utilizado é o preservativo em cerca de 89,5% da amostra.

Verifica-se que 36,0% das raparigas usufruem também da pílula, contudo, são estas que apresentam menor valor percentual na utilização do preservativo (64,0%), tendo em conta que todos os rapazes utilizam este método contraceptivo (100,0%). Assim, as diferenças entre sexos revelam-se altamente significativas ($\chi^2=24,527$; $p=0,000$).

Tabela 12 – Utilização de métodos contraceptivos em função do sexo

Método contraceptivo \ Sexo	Masculino		Feminino		Total		Residuais	
	N	%	N	%	N	%	Masc.	Fem.
Pílula	-	-	9	36,0	9	10,5	-5,0	5,0
Preservativo	61	100,0	16	64,0	77	89,5	5,0	-5,0
Total	61	100,0	25	100,0	86	100,0		

[$\chi^2= 24,527$; $p=0,000$]

Contracepção de emergência

Relacionando a amostra de alunos que menciona já ter tido relações sexuais com a utilização de contracepção de emergência, observa-se que a grande maioria dos alunos

raramente recorreu a esse método contraceptivo, verificando-se apenas em dois casos, no sexo masculino, correspondendo a 3,6% (cf. tabela 13). No entanto, as diferenças entre os sexos, não se revelaram significativas ($\chi^2=1,065$; $p=0,302$).

É importante referir que, dos 68 adolescentes que já iniciaram a actividade sexual, 12 deles não responderam a esta questão.

Tabela 13 – Utilização de contracepção de emergência em função do sexo

Sexo \ Contracepção de emergência	Masculino		Feminino		Total		Residuais	
	N	%	N	%	N	%	Masc.	Fem.
Não	35	94,6	19	100	54	96,4	-1,0	1,0
Sim	2	5,4	-	-	2	3,6	1,0	-1,0
Total	37	100,0	25	100,0	56	100,0		

[$\chi^2=1,065$; $p=0,302$]

Importância da utilização do preservativo

Os resultados expressos na tabela 14, revelam que 98,5% dos alunos da amostra total consideram importante a utilização do preservativo, apesar de ainda existir uma percentagem de 1,5% dos alunos que partilha de uma opinião contrária (2,7% vs 0,4%, respectivamente, do sexo masculino e feminino), com significância marginal ($\chi^2=3,786$; $p=0,052$). Importa, ainda referir, que 16,5% dos participantes não responderam a esta questão.

Tabela 14 – Opinião dos alunos relativamente à importância da utilização do preservativo nas relações sexuais

Sexo \ Importância do preservativo	Masculino		Feminino		Total		Residuais	
	N	%	N	%	N	%	Masc.	Fem.
Sim	218	97,3	230	99,6	448	98,5	-1,9	1,9
Não	6	2,7	1	0,4	7	1,5	1,9	-1,9
Total	224	100,0	231	100,0	455	100,0		

[$\chi^2=3,786$; $p=0,052$]

Utilização do preservativo

Relacionando a amostra de alunos que menciona já ter tido relações sexuais com a utilização do preservativo, verifica-se que 85,9% utilizam o preservativo em todas as relações sexuais e 4,7% não o utilizam. Há que referir que 4 dos participantes (5,9%) não responderam a esta pergunta (cf. tabela 15).

Verifica-se ainda, que a utilização do preservativo apresenta valores percentuais elevados tanto nos rapazes (85,7%) como nas raparigas (86,4%). No entanto, 3 rapazes e 3 raparigas referem que só utilizam o preservativo às vezes e ainda 3 rapazes referem que não utilizam o preservativo em todas as relações sexuais. No entanto, esta disposição entre os sexos revela-se semelhante ($\chi^2=2,221$; $p=0,329$) como consta na tabela 15.

Tabela 15 – Utilização do preservativo nas relações sexuais em função do sexo

Sexo \ Utilização do preservativo	Masculino		Feminino		Total		Residuais	
	N	%	N	%	N	%	Masc.	Fem.
Sim	36	85,7	19	86,4	55	85,9	-0,1	0,1
Não	3	7,1	-	-	3	4,7	1,3	-1,3
Às vezes	3	7,1	3	13,6	6	9,4	-0,8	0,8
Total	42	100,0	22	100,0	64	100,0		

[$\chi^2=2,221$; $p=0,329$]

Quais as atitudes face à sexualidade dos alunos do 3º ciclo do ensino básico das escolas do concelho de Tabuaço e Fundão?

Atitudes face à sexualidade

Os dados da tabela 16 revelam os scores obtidos relativamente às atitudes face à sexualidade. Para o global da amostra, estes apresentam um valor mínimo de 62 e um máximo de 110, sendo a média de 88,12 e um desvio padrão de 8,523. A sua dispersão é fraca, uma vez que apresenta um coeficiente de variação de 9,67%.

Constata-se que o score médio das atitudes face à sexualidade no sexo masculino é de 86,09 ($\pm 8,835$). No sexo feminino, o score médio das atitudes face à sexualidade é de 90,01 ($\pm 7,776$). Por conseguinte, no que diz respeito ao sexo masculino e feminino verificam-se diferenças altamente significativas ($p=0,000$). Os coeficientes de variação

permitem verificar a existência de uma dispersão fraca, tanto para o sexo masculino (10,26%) como para o feminino (8,64%) (cf. tabela 16).

Os valores de simetria e curtose, indiciam uma curva gaussiana simétrica e mesocúrtica para a totalidade da amostra e para ambos os sexos. Tendo por base o referido, considera-se a distribuição das atitudes face à sexualidade como normal.

Tabela 16 – Estatísticas relativas às atitudes face à sexualidade em função do sexo dos alunos

Atitudes \ Sexo	N	Min.	Max.	\bar{x}	Dp	CV(%)	SK/ERRO	K/ERRO	K/S
Masculino	262	62	110	86,09	8,835	10,26	-0,32	-0,69	0,022
Feminino	283	70	110	90,01	7,776	8,64	-1,18	-1,22	0,017
Total	545	62	110	88,12	8,523	9,67	-1,68	-1,16	0,001

[t=-5,512; p=0,000]

Com o objectivo de ilustrar as atitudes face à sexualidade que caracterizam esta amostra, estabeleceu-se pontos de corte a partir da média (88,12) com valor médio \pm 0.25 dp:

- Atitudes desfavoráveis (\leq 86)
- Indiferente ($> 87 \leq 89$)
- Atitudes favoráveis (> 90)

Pela análise da tabela 17, verifica-se que a maioria dos alunos da amostra (46,6%) tem atitudes favoráveis face à sexualidade, sendo secundada pelos que apresentam atitudes desfavoráveis (40,4%). Também se observa que 13,0% dos alunos apresentam atitudes indiferentes face à sexualidade, apresentando este ponto de corte valores muito similares para ambos os sexos.

A maior parte das raparigas (55,8%) têm atitudes favoráveis face à sexualidade, enquanto a maioria dos rapazes (49,2%) apresenta atitudes desfavoráveis face à sexualidade, pelo que as diferenças estatísticas entre os sexos se revelam altamente significativas ($\chi^2=21,046$; p=0,000).

Tabela 17 – Distribuição dos alunos em função das atitudes face à sexualidade

Atitudes \ Sexo	Masculino		Feminino		Total		Residuais	
	N	%	N	%	N	%	Masc.	Fem.
Desfavoráveis	129	49,2	91	32,2	220	40,4	4,1	-4,1
Indiferentes	37	14,1	34	12,0	71	13,0	0,7	-0,7
Favoráveis	96	36,6	158	55,8	254	46,6	-4,5	4,5
Total	262	100,0	283	100,0	545	100,0		

[$\chi^2=21,046$; $p=0,000$]

Concluída a apresentação da análise descritiva dos dados, será abordada de seguida a análise inferencial. Assim, irá proceder-se à verificação das associações das variáveis independentes em estudo com a variável dependente.

2.1- ANÁLISE INFERENCIAL

O tratamento estatístico inferencial é particularmente útil para testar significância de factores que são capazes de influenciar a resposta da variável medida. Assim, procura traduzir o enunciado do problema para uma previsão precisa e clara dos resultados esperados, respondendo às questões de investigação formuladas.

Qual a influência das variáveis sócio-demográficas nas atitudes face à sexualidade dos alunos do 3º ciclo do ensino básico das escolas do concelho de Tabuaço e Fundão?

Sexo / Atitudes face à sexualidade

No que se refere à influência da variável sexo nas atitudes face à sexualidade dos alunos do 3º ciclo, utilizou-se o teste T de Student, para comparar as médias entre os dois grupos, como forma de detectar diferenças entre eles. Pela análise da tabela 18, observa-se que as raparigas apresentam uma média mais elevada ($\bar{x}=90,01$) que os rapazes ($\bar{x}=86,09$), o que significa que os alunos do sexo feminino têm atitudes mais favoráveis face à sexualidade que os alunos do sexo masculino.

Pelos resultados, constata-se no presente estudo que existem diferenças estatísticas altamente significativas entre os sexos ($t=-5,512$; $p=0,000$), o que equivale a afirmar que o

sexo influencia as atitudes face à sexualidade dos alunos do 3º ciclo do ensino básico, ou seja, as variáveis não são independentes.

Tabela 18 – Teste T de Student entre o sexo e as atitudes face à sexualidade

Sexo	\bar{x}	Dp	Levene (p)	t	p
Masculino	86,09	8,835	0,060	-5,512	0,000
Feminino	90,01	7,776			

Idade / Atitudes face à sexualidade

Com o intuito de verificar a influência que a variável idade tem sobre as atitudes face à sexualidade dos alunos do 3º ciclo, utilizou-se o teste da análise da variância (ANOVA). A sua utilização permitiu, através da análise da tabela 19, observar que os alunos com 14 anos apresentam atitudes mais favoráveis face à sexualidade (\bar{x} =90,17) que os alunos com idades situadas abaixo dos 13 anos (\bar{x} =87,28) ou acima dos 15 anos (\bar{x} =87,01) e explica 2,75% da variância.

Pela aplicação do teste Post Hoc – HSD, verificam-se valores bastante significativos entre o grupo etário dos 14 anos e o grupo etário situado abaixo dos 13 anos (p =0,003) e o grupo etário situado acima dos 15 anos (p =0,002) que registam as médias mais baixas.

Tabela 19 – Teste ANOVA entre o grupo etário e as atitudes face à sexualidade

Grupo Etário	\bar{x}	Dp	F	p	% VE	Post Hoc		
						1vs2	1vs3	2vs3
≤ 13	87,28	7,955	7,664	0,001	2,75	0,003	0,947	
14	90,17	8,188						
≥ 15	87,01	9,171						0,002

Relativamente ao estudo da relação entre as atitudes e o grupo etário dos alunos, o posicionamento de grande parte dos participantes com 14 anos recai nas atitudes favoráveis face à sexualidade (59,4%), salientando-se que em todos os grupos etários, as atitudes favoráveis ponderam valores percentuais acima de 40%. No entanto, é também significativa a avaliação desfavorável das atitudes face à sexualidade expressa pelos alunos com idades iguais ou inferiores a 13 anos (42,6%) e com idades iguais ou superiores a 15 anos (46,4%).

É possível verificar a existência de diferenças estatísticas altamente significativas nesta relação de variáveis ($\chi^2=19,490$; $p=0,001$) que se localizam nos alunos com idades iguais ou inferiores a 13 anos e com atitudes indiferentes face à sexualidade, nos alunos com 14 anos e com atitudes favoráveis face à sexualidade e uma significância marginal nos alunos com 15 anos e com atitudes desfavoráveis face à sexualidade (cf. tabela 20).

Tabela 20 – Relação entre as atitudes face à sexualidade e o grupo etário

Atitudes	Grupo etário						Total	Residuais			χ^2	p	
	≤ 13		14		≥ 15			≤13	14	≥15			
	N	%	N	%	N	%	N				%		
Desfavoráveis	86	42,6	56	32,0	78	46,4	220	40,4	0,8	-2,7	1,9	19,490	0,001
Indiferentes	35	17,3	15	8,6	21	12,5	71	13,0	2,3	-2,1	-0,2		
Favoráveis	81	40,1	104	59,4	69	41,1	254	46,6	-2,3	4,1	-1,7		
Total	202	100,0	175	100,0	168	100,0	545	100,0					

Face a estes resultados, pode inferir-se que a idade influencia as atitudes face à sexualidade dos alunos do 3º ciclo do ensino básico, ou seja, as variáveis são dependentes.

Ano de escolaridade / Atitudes face à sexualidade

Para indagar acerca da influência do ano de escolaridade nas atitudes face à sexualidade, utilizou-se o teste ANOVA, conforme se apresenta na tabela 21. Da aplicação deste teste, verifica-se que dos alunos do 3º ciclo, são os do 8º ano de escolaridade que apresentam as atitudes mais favoráveis face à sexualidade ($\bar{x}=89,50$), seguido dos alunos do 9º ano escolaridade ($\bar{x}=88,94$) e por último, dos alunos do 7º ano de escolaridade ($\bar{x}=85,46$). A percentagem de variância explicada é de 4,04%. Utilizando uma análise de Post Hoc-HSD, verificam-se valores altamente significativos entre o 7º ano de escolaridade que revela as médias mais baixas e o 8º ano e o 9º ano de escolaridade que evidenciam as médias mais altas, com valores de $p=0,000$. O teste Post Hoc-HSD não averiguou diferenças com significado estatístico entre os alunos do 8º e 9º anos ($p=0,787$). Assim, os alunos do 7º ano revelaram atitudes significativamente mais desfavoráveis que os do 8º e 9º anos de escolaridade.

Tabela 21 – Teste ANOVA entre o ano de escolaridade e as atitudes face à sexualidade

Ano de Escolaridade	\bar{x}	Dp	F	p	% VE	Post Hoc		
						1vs2	1vs3	2vs3
7º	85,46	8,087				0,000	0,000	
8º	89,50	7,824	11,422	0,000	4,04			0,787
9º	88,94	9,024						

Analisando, especificamente, os dados da tabela 22 que relacionam as atitudes face à sexualidade com o ano de escolaridade, é possível constatar, através da distribuição percentual, que nas atitudes favoráveis face à sexualidade, são os alunos do 8º e 9º ano de escolaridade que apresentam os maiores valores percentuais (51,9% e 50,7%, respectivamente), sendo também expressiva a avaliação desfavorável das atitudes face à sexualidade nos alunos do 7º ano de escolaridade, com valor percentual de 51,6%. Estas diferenças são estatisticamente significativas ($\chi^2=15,355$; $p=0,004$), situando-se entre os alunos do 7º ano e com atitudes desfavoráveis face à sexualidade.

Tabela 22 – Relação entre as atitudes face à sexualidade e o ano de escolaridade

Atitudes	Ano de escolaridade						Total	Residuais	χ^2	p			
	7º		8º		9º								
	N	%	N	%	N	%	N	%	7º	8º	9º		
Desfavoráveis	81	51,6	61	33,0	78	38,4	220	40,4	3,4	-2,5	-0,7	15,355	0,004
Indiferentes	21	13,4	28	15,1	22	10,8	71	13,0	0,2	1,0	-1,2		
Favoráveis	55	35,0	96	51,9	103	50,7	254	46,6	-3,4	1,8	1,5		
Total	157	100,0	185	100,0	203	100,0	545	100,0					

Afere-se ainda, pelo procedimento do teste ANOVA, a existência de efeito altamente significativo entre o ano de escolaridade e as atitudes face à sexualidade dos alunos do 3º ciclo do ensino básico ($F=11,422$; $p=0,000$), ou seja, as variáveis são dependentes (cf. tabela 21).

Concelho de origem / Atitudes face à sexualidade

Para testar a influência da variável concelho de origem sobre as atitudes face à sexualidade dos alunos do 3º ciclo, aplicou-se o teste U de Mann-Whitney, com o qual se observa que os alunos do concelho do Fundão apresentam atitudes mais favoráveis face à sexualidade (OM=311,16) que os alunos do concelho de Tabuaço (OM=179,53), sendo as diferenças altamente significativas ($p=0,000$) como se explicita na tabela 23.

Tabela 23 – Teste U de Mann-Whitney entre o concelho e as atitudes face à sexualidade

Concelho	Ordenação média	UMW	p
Fundão	311,16	15805,000	0,000
Tabuaço	179,53		

Pelos resultados apresentados na tabela 24, verifica-se que 56,6% dos alunos do concelho Fundão apresentam atitudes favoráveis face à sexualidade e apenas 22,2% dos alunos do concelho de Tabuaço se classificam neste grupo de atitudes. Entre os alunos do concelho de Tabuaço regista-se o maior percentual (64,6%) com atitudes desfavoráveis face à sexualidade. As atitudes indiferentes face à sexualidade para os alunos de ambos os concelhos mantém valores percentuais sensivelmente iguais a rondarem os 13%. As diferenças são altamente significativas ($\chi^2=60,815$; $p=0,000$), indicando os residuais ajustados que se localizam entre os alunos que pertencem ao concelho do Fundão e com atitudes favoráveis e os de Tabuaço com atitudes desfavoráveis face à sexualidade.

Tabela 24 – Relação entre as atitudes face à sexualidade e o concelho

Atitudes	Concelho				Total		Residuais		χ^2	p
	Fundão		Tabuaço		N	%	Fundão	Tabuaço		
	N	%	N	%						
Desfavoráveis	118	30,5	102	64,6	220	40,4	-7,4	7,4	60,815	0,000
Indiferentes	50	12,9	21	13,3	71	13,0	-0,1	0,1		
Favoráveis	219	56,6	35	22,2	254	46,6	7,3	-7,3		
Total	387	100,0	158	100,0	545	100,0				

Perante estes factos, pode-se afirmar que o concelho de origem influencia significativamente as atitudes face à sexualidade na amostra em estudo.

Zona de residência / Atitudes face à sexualidade

Com a finalidade de avaliar a influência que a variável zona de residência tem sobre as atitudes face à sexualidade dos alunos do 3º ciclo, utilizou-se o teste *Kruskal-Wallis*. Pela análise da tabela 25, observa-se que os alunos residentes na cidade apresentam atitudes mais favoráveis face à sexualidade (OM=307,43), secundados pelos que vivem na aldeia (OM=261,11) e, por último, na vila (OM=231,31). Do resultado do teste Qui-quadrado, observam-se diferenças estatísticas altamente significativas ($\chi^2=15,933$; $p=0,000$).

Tabela 25 – Teste *Kruskal-Wallis* entre a zona de residência e as atitudes face à sexualidade

Zona de residência	Ordenação média	χ^2	p
Aldeia	261,11		
Vila	231,31	15,933	0,000
Cidade	307,43		

É notório pela análise da tabela 26, que cerca de metade dos alunos (50,5%) que reside na vila apresenta atitudes desfavoráveis face à sexualidade. De realçar que uma parte significativa dos alunos (44,1%) que vivem na aldeia avalia desfavoravelmente as atitudes face à sexualidade, ainda que seja com uma significância marginal traduzida pelo valor dos residuais. Já a maioria dos alunos residentes na cidade evidenciam uma maior percentagem nas atitudes favoráveis face à sexualidade (57,4%). Como seria de esperar, entre as variáveis verificam-se diferenças estatísticas altamente significativas ($\chi^2=17,697$; $p=0,001$), revelando os valores residuais que estas se situam nos alunos que residem na aldeia e vila e com atitudes desfavoráveis, e os que residem na cidade e com atitudes favoráveis.

Perante estes resultados, pode-se inferir que existe uma associação altamente significativa entre a zona de residência e as atitudes face à sexualidade dos alunos do 3º ciclo.

Tabela 26 – Relação entre as atitudes face à sexualidade e a zona de residência

Atitudes	Zona de residência						Total	Residuais			χ^2	p	
	Aldeia (1)		Vila (2)		Cidade (3)			1	2	3			
	N	%	N	%	N	%	N				%		
Desfavoráveis	126	44,1	46	50,5	45	27,8	217	40,3	1,9	2,2	-3,9	17,697	0,001
Indiferentes	32	11,2	13	14,3	24	14,8	69	12,8	-1,2	0,5	0,9		
Favoráveis	128	44,8	32	35,2	93	57,4	253	46,9	-1,1	-2,5	3,2		
Total	286	100,0	91	100,0	162	100,0	539	100,0					

Em resumo, e respondendo à questão de investigação formulada, embora com diferentes graus de significância, pode-se inferir que existe influência das variáveis sócio-demográficas consideradas no estudo nas atitudes face à sexualidade dos alunos do 3º ciclo do ensino básico.

Qual a influência das vivências da sexualidade nas atitudes face à sexualidade dos alunos do 3º ciclo do ensino básico das escolas do concelho de Tabuaço e Fundão?

Namoro / Atitudes face à sexualidade

Face aos resultados obtidos com a realização do teste U de Mann-Whitney relativos à influência do namoro nas atitudes face à sexualidades dos alunos do 3º ciclo do ensino básico, pode-se inferir que os alunos que não têm um relacionamento amoroso apresentam atitudes mais favoráveis face à sexualidade, com valores de ordenação média ligeiramente mais elevados (OM=275,00) que aqueles que têm actualmente namorado/a (OM=267,92). Todavia, as diferenças não são estatisticamente significativas ($p=0,636$) (cf. tabela 27).

Tabela 27 – Teste U de Mann-Whitney entre o namoro e as atitudes face à sexualidade

Namoro	Ordenação média	UMW	p
Não	275,00	29324,000	0,636
Sim	267,92		

No que concerne à relação entre as atitudes face à sexualidade e o namoro, os resultados expressos na tabela 28, indicam que as atitudes favoráveis surgem nos que não têm actualmente um relacionamento amoroso, dado que apresentam valores percentuais ligeiramente mais elevados (47,3%) comparativamente aos que têm namorado/a (44,8%). Por outro lado, as atitudes desfavoráveis ponderam valores percentuais idênticos a rondar os cerca de 40%, independentemente de existir ou não um relacionamento amoroso. Contudo, os resultados confirmam a inexistência de diferenças significativas entre o namoro e as atitudes face à sexualidade ($\chi^2=0,749$; $p=0,687$).

Tabela 28 – Relação entre as atitudes face à sexualidade e o namoro

Atitudes	Namoro				Total		Residuais		χ^2	p
	Não		Sim		N	%	Não	Sim		
	N	%	N	%						
Desfavoráveis	158	40,4	62	40,3	220	40,4	0,0	0,0	0,749	0,687
Indiferentes	48	12,3	23	14,9	71	13,0	-0,8	0,8		
Favoráveis	185	47,3	69	44,8	254	46,6	0,5	-0,5		
Total	391	100,0	154	100,0	545	100,0				

Assim, neste estudo, pode-se afirmar que o namoro não influencia as atitudes face à sexualidade dos alunos do 3º ciclo, ou seja, as variáveis são independentes.

Interlocutores / Atitudes face à sexualidade

Da aplicação do teste de U de Mann-Whitney, verifica-se que os alunos que falam sobre sexualidade com as mães apresentam os valores de ordenação média mais elevados e diferenças estatísticas bastante significativas (OM=295,40; $p=0,006$), enquanto os alunos que falam com os irmãos apresentam os valores de ordenação média mais baixos e com significância estatística marginal (OM=239,94; $p=0,050$). Em relação aos alunos que falam sobre sexualidade com os restantes interlocutores, não existem diferenças estatisticamente significativas nas atitudes face à sexualidade. Dado que o valor de p é estatisticamente significativo apenas para a mãe e irmãos, equivale a afirmar que em relação aos interlocutores em assuntos de sexualidade, somente estes tem influência significativa nas atitudes face à sexualidade dos alunos da amostra em estudo (cf. tabela 29).

Tabela 29 – Teste U de Mann-Whitney entre os interlocutores e as atitudes face à sexualidade

Interlocutores	Ordenação média	UMW	p
Mãe	295,40	30907,500	0,006
Pai	286,01	18963,500	0,397
Amigos	282,29	32668,000	0,093
Namorado/a	279,19	18104,500	0,703
Professores	294,25	14773,000	0,234
Irmãos	239,94	15145,500	0,050
Médico/Enfermeiro	267,72	6368,000	0,864

Da observação da tabela 30, constata-se que os alunos com atitudes favoráveis consideram em ordem decrescente, a mãe (55,2%), o pai (53,4%), os amigos (49,1%), os professores (48,5%), o namorado/a (46,3%) e o médico/enfermeiro (44,0%) como importantes interlocutores na sua atitude positiva face à sexualidade. No reverso, parece que uma percentagem significativa de alunos (48,0%) que recorrem aos irmãos, revelam atitudes desfavoráveis face à sexualidade, mas nesta relação não se verifica significância estatística ($\chi^2=2,140$; $p=0,343$). O teste χ^2 e os residuais ajustados revelam unicamente diferenças estatísticas significativas entre as atitudes na amostra de alunos que recorrem à mãe como interlocutora em assuntos de sexualidade ($\chi^2=11,982$; $p=0,003$).

Tabela 30 – Relação entre as atitudes face à sexualidade e os interlocutores

Atitudes	Interlocutores													
	Mãe		Pai		Amigos		Namorado/a		Professores		Irmãos		Médico /Enfermeiro	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Desfavoráveis	79	35,4	31	35,2	130	39,9	31	38,8	26	38,2	36	48,0	10	40,0
Residuais		-2,0		-1,1		-0,3		-0,3		-0,4		1,5		0,0
Indiferentes	21	9,4	10	11,4	36	11,0	12	15,0	9	13,2	9	12,0	4	16,0
Residuais		-2,1		-0,5		-1,7		0,6		0,1		-0,3		0,5
Favoráveis	123	55,2	47	53,4	160	49,1	37	46,3	33	48,5	30	40,0	11	44,0
Residuais		3,3		1,4		1,4		-0,1		0,3		-1,2		-0,3
Total	223	100,0	88	100,0	326	100,0	80	100,0	68	100,0	75	100,0	25	100,0
χ^2		11,982		1,952		3,567		0,343		0,152		2,140		0,217
p		0,003		0,377		0,168		0,842		0,927		0,343		0,897

Face a estes resultados, pode-se afirmar que de entre os interlocutores em assuntos de sexualidade em estudo, a mãe influencia significativamente e favoravelmente as atitudes face à sexualidade e, no reverso, os irmãos influenciam de forma significativa e desfavoravelmente as atitudes face à sexualidade da amostra global de alunos.

Experiência sexual / Atitudes face à sexualidade

No sentido de estudar a influência da experiência sexual nas atitudes face à sexualidade dos alunos do 3º ciclo do ensino básico, utilizou-se o teste de U de Mann-Whitney. A sua utilização permite observar, pelos resultados apresentados na tabela 31, que os alunos que ainda não iniciaram a actividade sexual apresentam uma ordenação média mais elevada (OM=276,33) comparativamente aos que já a iniciaram (OM=218,42). Isto significa que são os alunos que ainda não iniciaram a actividade sexual que apresentam as atitudes mais favoráveis face à sexualidade, com diferença estatística bastante significativa ($p=0,004$).

Tabela 31 – Teste U de Mann-Whitney entre a experiência sexual e as atitudes face à sexualidade

Relações sexuais	Ordenação média	UMW	p
Não	276,33	12506,500	0,004
Sim	218,42		

A tabela 32 vem confirmar os resultados já descritos anteriormente. Com efeito, para as atitudes favoráveis são os alunos que ainda não tiveram relações sexuais que possuem as percentagens mais elevadas (49,3%). É entre os alunos que já iniciaram a actividade sexual que se encontra o maior percentual nas atitudes desfavoráveis (55,9%). O teste qui-quadrado ($\chi^2=10,996$; $p=0,004$) e os valores residuais apontam para significância estatística que se situa nos alunos que ainda não tiveram relações sexuais com atitudes favoráveis e os alunos que já iniciaram a actividade sexual com atitudes desfavoráveis (cf. tabela 32).

Por conseguinte, infere-se que a experiência sexual influencia as atitudes face à sexualidade na amostra em estudo, ou seja, as variáveis são dependentes.

Tabela 32 – Relação entre as atitudes face à sexualidade e a experiência sexual

Atitudes	Relações sexuais				Total		Residuais		χ^2	p
	Não		Sim		N	%	Não	Sim		
	N	%	N	%						
Desfavoráveis	179	38,2	38	55,9	217	40,4	-2,8	2,8	10,996	0,004
Indiferentes	59	12,6	11	16,2	70	13,0	-0,8	0,8		
Favoráveis	231	49,3	19	27,9	250	46,6	3,3	-3,3		
Total	469	100,0	68	100,0	537	100,0				

Idade da primeira relação sexual / Atitudes face à sexualidade

Face aos resultados acima expostos, considerou-se pertinente estudar o efeito que a variável idade da primeira relação sexual tem sobre as atitudes face à sexualidade dos alunos que já iniciaram a actividade sexual. Após a aplicação do teste Kruskal-Wallis, verifica-se que na amostra em estudo, as idades de início da actividade sexual apresentam valores aproximados de ordenação de médias, pelo que não traduzem diferenças estatísticas significativas ($\chi^2=1,401$; $p=0,496$) como consta na tabela 33.

Tabela 33 – Teste *Kruskal-Wallis* entre a idade da primeira relação sexual e as atitudes face à sexualidade

Idade da 1ª relação sexual	Ordenação média	χ^2	p
≤ 13	35,52	1,401	0,496
14	33,23		
≥ 15	27,85		

Dos dados apresentados na tabela 34, que permitem analisar mais especificamente a relação entre as atitudes face à sexualidade e a idade da primeira relação sexual denota-se, que em todas os grupos etários ponderam as atitudes desfavoráveis com percentuais acima dos 45%. Nota-se ainda que são sobretudo, os alunos que iniciaram a actividade sexual aos 15 anos ou mais tarde (69,2%) que revelam as atitudes mais desfavoráveis face à sexualidade. Contudo, o teste de Qui-quadrado e os valores residuais encontrados permitem afirmar que não existem diferenças significativas ($\chi^2=2,513$; $p=0,642$).

Dado que esta relação não se revela estatisticamente significativa, conclui-se que neste estudo, a idade da primeira relação sexual não influencia as atitudes face à sexualidade da amostra de alunos que já tiveram relações sexuais.

Tabela 34 – Relação entre as atitudes face à sexualidade e a idade da primeira relação sexual

Atitudes	Idade da 1ª Relação sexual						Total	Residuais			χ^2	p	
	≤ 13		14		≥ 15			≤13	14	≥15			
	N	%	N	%	N	%	N	%	≤13	14	≥15		
Desfavoráveis	11	45,8	16	57,1	9	69,2	36	55,4	-1,2	0,2	1,1	2,513	0,642
Indiferentes	4	16,7	5	17,9	2	15,4	11	16,9	0,0	0,2	-0,2		
Favoráveis	9	37,5	7	25,0	2	15,4	18	27,7	1,4	-0,4	-1,1		
Total	24	100,0	28	100,0	13	100,0	65	100,0					

Em jeito de síntese, e respondendo à questão de investigação, pode-se afirmar que algumas vivências da sexualidade consideradas no estudo, nomeadamente, a experiência sexual e o papel da mãe e os irmãos são factores com influência significativa nas atitudes face à sexualidade dos alunos do 3º ciclo do ensino básico.

Os dados expostos permitem apontar alguns aspectos para reflexão e aprofundamento da investigação que serão discutidos no capítulo 3.

Que factores influenciam as atitudes face à sexualidade dos alunos do 3º ciclo do ensino básico das escolas do concelho de Tabuaço e Fundão?

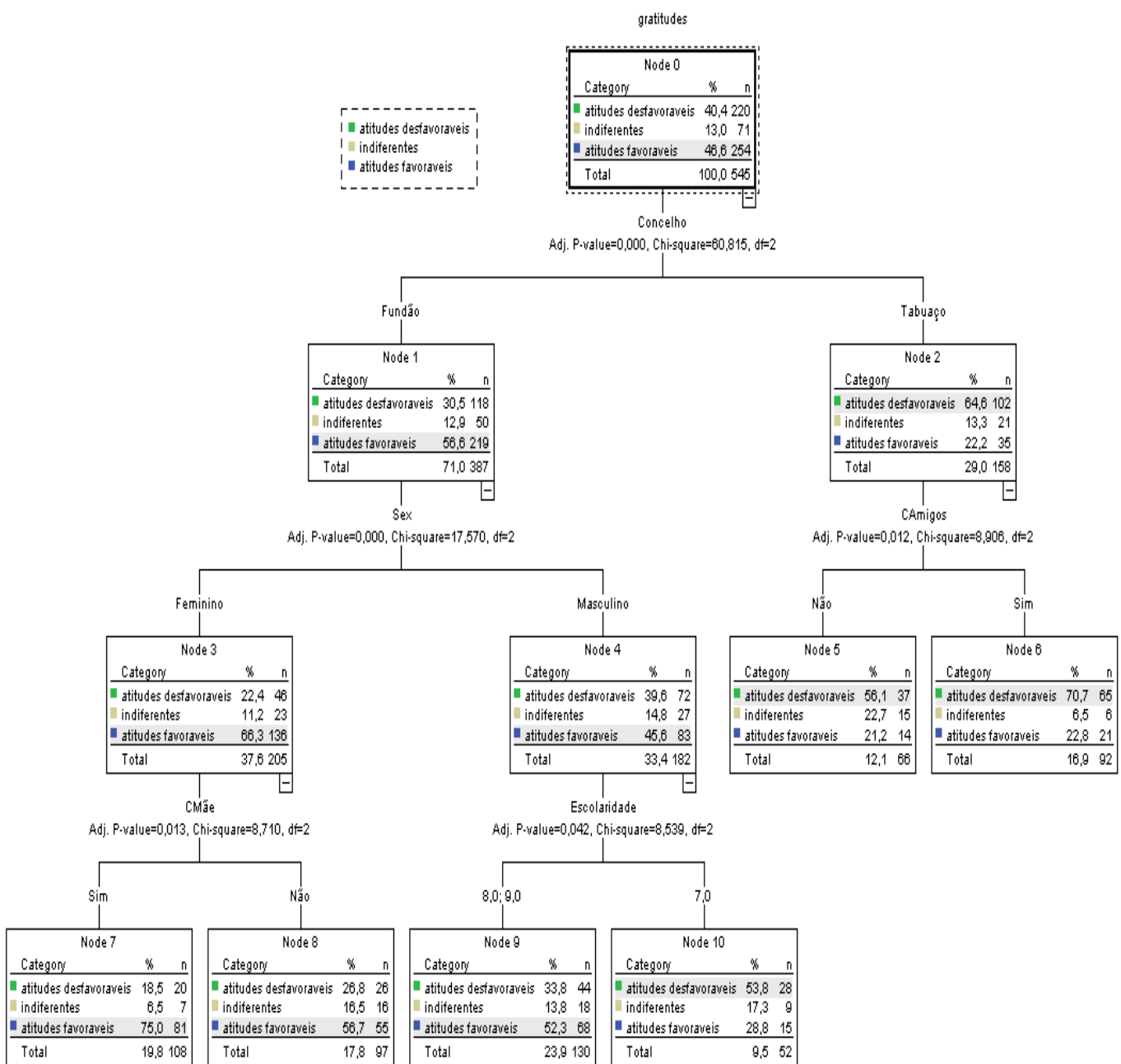
Para dar resposta a esta questão será utilizado, de seguida, o procedimento de análise multivariada, árvores de decisão, através do algoritmo CHAID. Este consiste na representação gráfica das alternativas disponíveis, com origem a partir de uma decisão inicial, cuja grande vantagem é a possibilidade de decomposição de um problema complexo em diversos sub-problemas mais simples. Estes vão sendo identificados, de forma recursiva, e voltam a ser decompostos noutros ainda mais simples. No caso particular deste estudo pretende-se decompor a variável inicial, atitudes face à sexualidade, para que depois, através de uma sequência de decisões tomadas, se obterem as respostas mais prováveis acerca das variáveis determinantes, com base na classificação dos dados. As variáveis independentes utilizadas para a construção da árvore de decisão, a seguir representada foram: sexo, ano de escolaridade, concelho de origem, zona de residência, os

interlocutores, experiência sexual, idade de início da actividade sexual, relações sexuais no actual relacionamento amoroso, contracepção e importância do preservativo. Como variável dependente considerou-se as atitudes face à sexualidade.

Os resultados presentes na figura 2 mostram que existem cinco níveis de profundidade, cujas variáveis são estatisticamente significativas na explicação das atitudes face à sexualidade. Como variáveis explicativas permaneceram: concelho de origem, sexo, interlocutores (mãe e amigos) e ano de escolaridade, encontrando-se distribuídas por 10 nós, dos quais seis são terminais. A primeira caixa que corresponde ao nó 0, ou de raiz, assinala a sombreado a categoria das atitudes favoráveis, apresentando uma probabilidade de 46,6% de atitudes favoráveis face à sexualidade dos alunos do 3º ciclo, apresentando as atitudes desfavoráveis uma probabilidade de 40,4%, pelo que as atitudes indiferentes correspondem a 13,0% para a globalidade da amostra. O primeiro nível de profundidade da árvore obtém-se através do concelho de origem relacionado com o grupo de atitudes face à sexualidade indicando ser esta variável a que melhor prediz as atitudes face à sexualidade, segmentando-se a amostra nos dois concelhos em estudo (Fundão e Tabuaço). Neste nível, o método CHAID atribui 56,6% de probabilidade dos alunos pertencerem à categoria das atitudes favoráveis e ser do concelho do Fundão e atribui a probabilidade de 64,6% dos alunos em pertencer à categoria das atitudes desfavoráveis e ser do concelho de Tabuaço. O segundo nível de profundidade mostra que é o sexo, a variável que melhor prevê as atitudes favoráveis face à sexualidade dos alunos do concelho do Fundão, originando os nós 3 e 4. O nó 3 indica que se prevê que 66,3% das raparigas do Fundão apresentem atitudes favoráveis face à sexualidade. Para o nó 4, referente ao sexo masculino, verifica-se a existência modal de 45,6% para a mesma categoria. Ainda neste nível, verifica-se que, a variável que melhor prevê as atitudes desfavoráveis face à sexualidade dos alunos do concelho de Tabuaço, é o amigo enquanto interlocutor em assuntos de sexualidade e que origina os nós terminais 5 e 6. O nó 5 mostra que se prevê que 16,8% da totalidade dos alunos da amostra e 56,1% dos alunos do concelho de Tabuaço que não falam com os amigos sobre sexualidade, apresentem atitudes desfavoráveis face à sexualidade. O nó 6 indicia que 29,5% da amostra global e 70,7% dos alunos do concelho de Tabuaço que recorrem aos amigos em assuntos de sexualidade tenham atitudes desfavoráveis face à sexualidade. Prosseguindo para o nível 4 de profundidade a partir do nó 3 que, através do sexo feminino, origina os nós terminais 7 e 8. O nó 7 indica, para as raparigas do concelho do Fundão que falam sobre sexualidade com a mãe que é provável em 75,0% de apresentarem atitudes favoráveis face à sexualidade. O nó 8 mostra que, 56,7% das alunas desse concelho que não recorrem à mãe para abordarem assuntos sobre sexualidade também, se prevê que apresentem atitudes favoráveis face à sexualidade. Avançando para

o nível 5 de profundidade a partir do nó 4 que através do sexo masculino dá origem aos nós terminais 9 e 10. O nó 9 aponta que, 52,3% dos rapazes do concelho do Fundão que frequentam o 8º ano e 9º ano de escolaridade, é esperado apresentarem atitudes favoráveis face à sexualidade. O nó 10 antevê que, 53,8% dos rapazes do concelho do Fundão a frequentar o 7º ano apresentem atitudes desfavoráveis face à sexualidade.

Figura 2 – Árvore CHAID das atitudes face à sexualidade em função do concelho de origem, sexo, interlocutores (amigos e mãe) e ano de escolaridade



Na tabela 35 obteve-se o número de previsões correctas e incorrectas feitas pelo modelo, bem como, o risco sobre a taxa global de classificações incorrectas. Na análise da classificação das atitudes face à sexualidade, há 80,3% dos alunos correctamente classificados nas atitudes favoráveis, que correspondem ao nó 0, sendo o seu peso no total da amostra de 61,5%. As classificações correctas correspondem à soma dos valores da diagonal principal, 61,3%, enquanto as classificações incorrectas correspondem à soma dos valores da diagonal secundária (que coincide com o risco estimado), 38,7%. Verifica-se que o erro padrão de 0.021 permite a construção de intervalos de confiança, sendo que, a 95% dado por $0.387 \pm 1.96 * 0.021$, mostra que o risco de classificações incorrectas se situa entre 3,3% e 4,9%.

Existem 204 alunos classificadas correctamente pelo CHAID com atitudes favoráveis face à sexualidade, provenientes dos nós 3 e 4. Com atitudes desfavoráveis face à sexualidade, existem 130 alunos classificadas correctamente pelo CHAID, provenientes dos nós 0. Existem 90 e 50 alunos mal classificados.

Tabela 35 – Classificações e riscos das previsões correctas e incorrectas

Observações	Previsões			
	Desfavoráveis	Indiferentes	Favoráveis	Percentagem correcta
Desfavoráveis	130	0	90	59,1
Indiferentes	30	0	41	0
Favoráveis	50	0	204	80,3
Percentagem total	38,5	0	61,5	61,3
Risco estimado	0,387			
Erro padrão	0,021			

CAPÍTULO 3- DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, pretende-se proceder à discussão dos resultados, considerando os objectivos definidos para este estudo. Do conjunto de resultados serão destacados os mais relevantes e, nesse sentido, proceder à sua confrontação com o enquadramento teórico apresentado na parte I do trabalho e com os resultados de outros estudos e, de igual modo, perspectivar novas propostas de intervenção.

O contexto sócio-demográfico, as vivências sexuais e as atitudes face à sexualidade individuais ou colectivas apresentadas pelos alunos desta amostra são as mais diversificadas, variando de acordo com uma série de factores. Como afirma Rena (1996), o importante é compreender esta diversidade de respostas e os factores fundamentais que determinam este conjunto de variações.

Dos 545 alunos do 3º ciclo do ensino básico, que constituem a amostra respondente, 262 (48,1%) pertencem ao sexo masculino e 283 (51,9%) ao sexo feminino.

Neste estudo, os resultados estatísticos provenientes da aplicação da escala de atitudes face à sexualidade em adolescentes revelam que a média é baixa (88,12), sendo o valor mínimo de 62 e o valor máximo de 110, quando comparada com os dados resultantes do estudo de Nelas, Silva, Ferreira, Duarte e Chaves (2010), numa amostra de 840 adolescentes com idade média de 14,4 anos, revelando uma média de 106,01, com valor mínimo de 54 e um máximo de 129.

No que concerne à classificação de atitudes face à sexualidade, constatou-se, na amostra global em estudo, que a maioria dos alunos (46,6%) apresenta atitudes favoráveis, sendo secundada por 40,4% dos alunos que têm atitudes desfavoráveis e, por último, 13,0% têm atitudes indiferentes face à sexualidade. Os resultados encontrados neste estudo aproximam-se também do estudo de Nelas, Silva, Ferreira, Duarte e Chaves (2010), pois a maioria dos adolescentes (43,1%) apresenta atitudes favoráveis, seguida de 36,9% com atitudes desfavoráveis e, por fim, 19,3% apresentam atitudes indiferentes face à sexualidade. A leitura destes mesmos dados possibilita perceber outra realidade, pois apesar da maioria dos alunos da amostra apresentar atitudes favoráveis face à sexualidade, uma percentagem bastante significativa manifesta uma avaliação desfavorável das suas atitudes, o que leva a supor que estes últimos se possam comportar de forma a pôr em

causa a sua saúde e a sua integridade, afectando o modo como interagem sexualmente com o outro e a sua capacidade de tomada de decisão.

Os dados obtidos pelo teste T de Student evidenciam que as raparigas (55,8%) têm atitudes mais favoráveis face à sexualidade que os rapazes (36,6%), sendo as diferenças altamente significativas entre sexos. Similarmente, no estudo de Nelas, Silva, Ferreira, Duarte e Chaves (2010), as raparigas (46,9%) têm atitudes mais favoráveis face à sexualidade comparativamente ao sexo oposto (41,0%). Estes resultados estão de acordo com o estudo realizado por Sousa e Ferreira (2003) que constatou que as atitudes dos adolescentes face à sexualidade parecem estar relacionadas com o sexo. Como afirma Miguel (1989, apud SOUSA; FERREIRA, 2003, p.36), “Os papéis sexuais imprimem-se de modo diferente nos rapazes e nas raparigas”, influenciando a forma como cada adolescente, rapaz ou rapariga, vive a sua sexualidade. Efectivamente, os papéis atribuídos a cada um dos sexos são socialmente construídos no seio cultural e incorporados pelo indivíduo através do processo de socialização, o que poderá justificar esta postura tão marcada entre os sexos. De facto, o sexo implica atitudes comportamentais sexuais diferentes, associados porventura a questões biológicas, psico-sociais e culturais.

No que se refere à idade, esta oscilou entre os 12 e os 18 anos, com uma idade média de 13,95 anos para a amostra global. O grupo etário mais representativo foi o dos alunos com idade inferior ou igual a 13 anos (37,1%), seguido de 32,1% dos alunos com 14 anos e 30,8% dos alunos com idade igual ou superior a 15 anos. Relacionando a idade com as atitudes face à sexualidade inferiu-se que existem diferenças estatísticas altamente significativas entre as variáveis. A maioria dos alunos com 14 anos (59,4%) avalia favoravelmente as atitudes face à sexualidade. Realmente, são os alunos com idades iguais ou inferiores a 13 anos ou acima dos 15 anos que revelam os maiores valores percentuais (42,6% e 46,4%, respectivamente) nas atitudes desfavoráveis. Também o estudo de Nelas, Silva, Ferreira, Duarte e Chaves (2010), demonstra que os mais velhos (idade superior a 16 anos) têm atitudes mais desfavoráveis face à sexualidade, ainda que nessa investigação não tenha sido encontrada influência significativa da idade nas atitudes face à sexualidade dos adolescentes. Os resultados obtidos no presente estudo, podem ser explicados sob a perspectiva de López e Oroz (1999 apud DIAS; RODRIGUES, 2009), para quem as atitudes podem modificar-se ao longo da vida, normalmente quando o indivíduo faz movimentos ecológicos importantes, como seja, a passagem da infância para a adolescência e da adolescência para a juventude. Assim, os contrastes significativos encontrados nesta investigação entre os grupos etários e as atitudes face à sexualidade podem estar relacionados com os diferentes estádios de desenvolvimento da adolescência em que os alunos se encontram nesta fase da vida.

As diferenças observadas nas atitudes face à sexualidade entre os adolescentes com 14 anos e as demais faixas etárias confirmam a necessidade pedagógica de uma intervenção nesta etapa de desenvolvimento que favoreça uma revisão crítica em assuntos de sexualidade. Educar para a sexualidade responsável desde tenra idade irá contribuir decerto para o desenvolvimento da capacidade de decisão pessoal dos alunos sobre os comportamentos e atitudes face à sexualidade. São vários os estudos que referem a necessidade de se realizar a prevenção dos comportamentos sexuais de risco o mais cedo possível, uma vez que o envolvimento em comportamentos de risco aumenta com a idade (BEADNELL et al., 2005; BROOK et al., 2006 apud MATOS et al, 2009).

Quanto ao ano de escolaridade, a maioria dos alunos do 3º ciclo do ensino básico estava a frequentar o 9ºano (37,2%), seguido do 8º ano (33,9%) e do 7º ano de escolaridade (28,8%), sendo a distribuição idêntica entre sexos. Indagando a relação entre o ano de escolaridade e as atitudes face à sexualidade, pelo teste ANOVA, verificou-se a existência de efeito altamente significativo entre as duas variáveis. Constatou-se que são os alunos do 8º ano e 9º ano de escolaridade que têm atitudes mais favoráveis face à sexualidade (51,9% e 50,7%, respectivamente). Em oposição, os alunos do 7º ano revelaram, em maioria, uma avaliação desfavorável dessas atitudes (51,6%), com diferenças altamente significativas em relação aos alunos dos outros anos de escolaridade em estudo. Na revisão da bibliografia consultada, não foram encontrados estudos em que tenha sido investigada a relação entre as variáveis supracitadas. Mas, provavelmente, estas diferenças podem ser provocadas pelo amadurecimento cognitivo que está associado ao nível de escolaridade.

Neste estudo, evidenciou-se que a grande maioria dos participantes pertence ao concelho do Fundão (71,0%), enquanto apenas 29,0% pertence ao concelho de Tabuaço. Através dos testes estatísticos, verificou-se que o concelho influencia as atitudes face à sexualidade dos alunos, sendo as diferenças estatísticas altamente significativas. Constatou-se que os alunos do concelho do Fundão (56,6%) apresentam atitudes mais favoráveis face à sexualidade que os alunos do concelho de Tabuaço (22,2%). Parece crer que a diferente realidade sócio-cultural dos alunos de ambos os concelhos influencia as suas atitudes face à sexualidade. Por um lado, o facto de Tabuaço ser uma vila com baixa densidade populacional, constituída por uma pequena percentagem de alunos do 3º ciclo, e estando situada numa zona interior e desertificada com fracos acessos geográficos, irá provavelmente condicionar a informação e os recursos a que os alunos têm acesso, afectando assim, ainda que indirectamente, as suas atitudes. Ao invés, o Fundão é uma cidade, com maior densidade populacional, maior número de alunos do 3º ciclo que constituem a grande parte da amostra, localizando-se numa zona economicamente mais desenvolvida, distinguindo-se em muito do concelho de Tabuaço. Julgo que estas razões,

em parte, poderão constituir explicação para estes dados tão díspares. Para se tirarem conclusões fiáveis seria necessário proceder a uma descrição sócio-demográfica mais detalhada da amostra em estudo, que permita uma visão específica do contexto sócio-cultural em que estão inseridos os alunos. Por conseguinte, esta questão fica parcialmente justificada, ficando para um próximo trabalho descobrir quais os reais motivos para este facto.

Ainda que haja uma certa contradição entre o esforço de intervenção programada no contexto da sexualidade adolescente, com a implementação do programa PRESSE, e os resultados obtidos ao nível das atitudes dos alunos do concelho de Tabuaço, neste momento, não é possível avaliar a influência deste programa a curto prazo, pois o questionário foi aplicado numa fase inicial de implementação do programa. Não era propósito deste trabalho avaliar a eficácia do programa, pois para isso seria necessário avaliar as atitudes antes e depois da sua implementação. No entanto, esta investigação permitiu conhecer melhor a realidade relativamente à temática em estudo e reforçar a ideia da necessidade da existência de um programa de intervenção formativo, imprescindível na construção do projecto de saúde de cada adolescente desta região.

No que diz respeito à zona de residência, os alunos vivem maioritariamente na aldeia (53,1%), seguindo-se os que habitam na cidade (30,1%) e na vila (16,9%). Quanto à relação entre a zona de residência e as atitudes face à sexualidade, através do teste *Kruskal-Wallis*, pode-se dizer que existe relação altamente significativa entre as variáveis. Aferiu-se que os alunos que residem nas aldeias e vilas apresentam atitudes mais desfavoráveis face à sexualidade (OM=261,11 e OM=231,31, respectivamente) que aqueles que vivem na cidade (OM=307,43). Estes resultados parecem estar intimamente interligados com o que foi anteriormente explanado, sendo importante continuar a investigar esta questão, com o intuito de perceber a influência que as desigualdades sócio-demográficas têm sobre as atitudes dos adolescentes, pois como afirma Rena (1996), os estudos reflectem a vida do adolescente dos grandes centros urbanos, havendo uma lacuna de conhecimento sistematizado da vivência adolescente em zonas rurais.

Na amostra total, a maioria dos participantes (71,7%) referiram não ter qualquer relacionamento amoroso actualmente. A experiência de namoro está presente na vivência de 28,3% dos alunos que integram a amostra, independentemente do sexo. Quanto à duração do actual relacionamento amoroso, 35,7% dos alunos mantêm um relacionamento amoroso entre um e seis meses e apenas 5,7% namoram há mais de dois anos. Apesar de não se encontrarem diferenças estatísticas entre os sexos, verificou-se que os rapazes (30,6%) mais frequentemente mantêm um relacionamento amoroso entre seis meses e um ano e as raparigas (41,0%) mais frequentemente namoram entre um e seis meses. Estes

dados vão de encontro à revisão da literatura constituída, pois como refere Borges (2009), a maioria dos namoros nestas idades não se concretiza com uma relação matrimonial, na medida em que os relacionamentos amorosos, normalmente, não correspondem ao imaginário desta fase romântica da vida.

Considerando que o namoro é um momento importante no processo de construção da relação afectiva-sexual entre duas pessoas, coloca-se entre estes, em evidência a dimensão da sexualidade que, em vários momentos, se torna a questão central do relacionamento envolvendo tomadas de decisão. No entanto, os dados apontam que os alunos que não têm namorado/a (47,3%) apresentam atitudes mais favoráveis face à sexualidade que aqueles que têm namorado/a (44,8%). Contudo, em termos de expressividade, o teste de U de Mann-Whitney revelou que as diferenças não são estatisticamente significativas. Assim, a vivência do namoro, por si só, não influi nas atitudes face à sexualidade, o que significa dizer que essas atitudes sexuais são construídas antes do início do namoro e ao longo da relação afectiva.

Os amigos foram considerados os principais interlocutores em assuntos de sexualidade (59,8%) tanto para os rapazes como para as raparigas, o que reforça a sua importância neste período da vida pela proximidade em termos de idade, interesses e dúvidas que favorece a identificação mútua e facilita a abordagem das questões sexuais entre eles, mas por outro lado, revela a vulnerabilidade das informações, contribuindo "(...) muitas vezes para a manutenção de crenças erróneas e para a disseminação de informação pouca fidedigna" no seio do seu grupo de amigos (PONTES,2011).

Na família, o papel da mãe é o mais representativo (40,9%) na educação sexual, principalmente nas raparigas (50,9%), com diferenças altamente significativas entre os sexos. Ainda assim, parece que o pai (16,1%), está a assumir o seu papel de educador nestas questões, principalmente na educação dos rapazes (23,3%), verificando-se diferenças altamente significativas entre os sexos. Estudos de natureza quantitativa que comparam a intervenção de vários agentes envolvidos no processo de aprendizagem sexual dos adolescentes, são coincidentes com este estudo, ao afirmar que a mãe tem um papel mais importante que o pai (VILAR, 1994, apud AFONSO; LUCAS, 2001). O papel do pai vem crescendo de importância nos estudos mais recentes, mas continua a ser ainda uma figura pouco marcante nos assuntos desta natureza (*idem*), sendo ainda menor com a rapariga do que com o rapaz. Face a estes resultados, pode-se afirmar que os pais são bons interlocutores dos filhos em assuntos ligados à sexualidade, o que permitirá aos pais exercer a sua missão educativa. Talvez esta diferença entre a figura materna e paterna se deva à maior abertura na comunicação familiar das mães com os filhos adolescentes, nas questões da intimidade e sentimentos, pois "(...) sendo grandes as diferenças entre

gerações, comparadas com os progenitores masculinos, as mães percebem uma comunicação mais satisfatória com os filhos adolescentes” (LOURENÇO; 1998 apud FERREIRA; NELAS, 2008, p. 64) e/ou pelo facto da amostra em estudo ser constituída por um maior número de raparigas. Por outro lado, se a conversa é despoletada pela mãe, pode-se interpretar que seja esta a ter a iniciativa de educar os filhos no sentido da promoção de atitudes sexuais positivas e prevenção de comportamentos sexuais de risco.

No estudo HBSC/ OMS (2006), concluiu-se que muitos jovens preferem mais os colegas do que pais na informação sobre sexualidade. Outros estudiosos da adolescência corroboram os resultados obtidos, nomeadamente, o estudo realizado por Ferreira e Nelas (2008) e também o estudo de Dias e Rodrigues (2009) concluíram que o recurso preferencial dos adolescentes para obter informação sobre sexualidade é o grupo de amigos, seguido da mãe.

Parece ainda óbvio que o namorado/a e professores poderão ser uma ajuda informada da maior relevância para alguns adolescentes. O médico/enfermeiro são os menos solicitados pelos alunos (4,6%) para abordarem esta temática. Estes resultados assemelham-se ao estudo realizado por Maia, Campos e Costa (2001) ao inferirem que o enfermeiro é a última pessoa a quem os adolescentes recorrem para discutir os problemas da sexualidade. Isto leva a repensar sobre a forma como este assunto será valorizado nas consultas de Saúde Juvenil e Planeamento Familiar nos serviços de saúde, pelo que é necessário motivar os adolescentes a participar de uma forma activa na promoção da sua saúde sexual.

Pela análise inferencial, verificou-se que de entre os interlocutores em estudo, somente a mãe tem uma influência favorável bastante significativa nas atitudes face à sexualidade dos alunos do 3º ciclo. Como afirma Vilar (1994, apud FRIAS, 2006), os pais marcam, de muitas maneiras, o quadro de valores, atitudes e competências do indivíduo na sua vida sexual. Apesar das mudanças sociais caracterizadas pelo distanciamento da família e a aproximação do grupo de pares, a família não deixa de ser importante, porque as atitudes e valores existentes no seio familiar continuam a ser modelos válidos pelos adolescentes (LÓPEZ; FUERTES, 1999 apud NOGUEIRA; ALVES; LOBO, 2007), e neste estudo, confirma-se que a mãe contribui de modo significativo para as atitudes sexuais positivas dos filhos. Pelo contrário, verificou-se que os irmãos têm influência significativa e desfavorável nas atitudes face à sexualidade na amostra global de alunos. De acordo com Alarcão (2006), as relações fraternas funcionam como uma força de socialização semelhante ao grupo de amigos. A competição, o conflito, a solidariedade, a cooperação fraternais e a definição de limites e de normas, através da experimentação de diversos

papéis face ao mundo extra-familiar, na vivência de certos afectos e no desenvolvimento de atitudes, valores e ideias, funcionam nos irmãos em moldes semelhantes ao grupo de pares.

Também se averiguou que a grande maioria dos alunos (87,3%) ainda não iniciou a sua actividade sexual em oposição a 12,7% que refere já ter tido relações sexuais. Os resultados encontrados aproximam-se, ainda que com valores percentuais menores, de outros estudos nacionais. Casteleiro et al (2007) concluiu que quase 20% dos alunos do 9º ano de escolaridade já tiveram relações sexuais. Outro estudo recente revela que 16,7% dos adolescentes são sexualmente activos no final do ensino básico (ANASTÁCIO, 2010). Relativamente a este assunto, o estudo da Associação para o Planeamento da Família indica que cerca de 23% da população jovem Portuguesa se inicia sexualmente antes dos 16 anos (NODIN, 2001). Considerando as diferenças altamente significativas entre sexos, são os rapazes (17,5%) que mais frequentemente mencionam ter iniciado a vida sexual comparativamente às raparigas (8,2%). Estes resultados confirmam as tendências encontradas noutros estudos, nomeadamente pelo HBSC/ OMS (Matos et al., 2003 apud REIS; MATOS, 2008) e por Casteleiro et al. (2007), seria de esperar esta diferença expressiva de resultados entre os rapazes e raparigas.

Pela análise inferencial, verificou-se uma relação bastante significativa entre a experiência sexual e as atitudes face à sexualidade dos alunos, concluindo que os alunos que ainda não iniciaram a actividade sexual apresentam atitudes mais favoráveis face à sexualidade (49,3%) comparativamente aos que já iniciaram (27,9%). Como afirma Fonseca e Machado (2007), o início da actividade sexual nem sempre decorre em condições de maturidade cognitiva e afectivas ideais. Nesta linha de pensamento, Sampaio (2006), salienta que os adolescentes, em especial os que iniciaram a actividade sexual precocemente, vivenciam experiências nem sempre envoltas na afectividade e maturidade, o que pode originar situações de risco físico e psicológico. Estes resultados confirmam estudos anteriores que revelam que são os menos esclarecidos que começam a vida sexual mais precocemente, adoptando comportamentos mais promíscuos (NODIN, 2001).

Através do estudo efectuado, de entre os alunos que referiram já ter tido relações sexuais, a maioria (43,1%) afirma que iniciou a sua vida sexual aos 14 anos, sendo a média de idade da primeira relação sexual de 13,43 anos para os rapazes e 14,10 anos para as raparigas. Estes resultados assemelham-se ao encontrado no estudo de Anastácio (2010), verificando que 50% dos sexualmente activos afirmaram ter iniciado a actividade sexual aos 14 anos. Em contrapartida, comparando os valores obtidos neste trabalho com os resultados do estudo de Ramos et al. (2008) realizado em Matosinhos, numa amostra de 1792 adolescentes com idade média de 15,2 anos, verifica-se uma discrepância dos valores percentuais no que concerne à experiência sexual na faixa etária dos 14 anos, evidenciando

a referida investigação que nesta idade, apenas 4,5% dos adolescentes teriam experienciado relações sexuais coitais. De acordo com os dados obtidos, também se aferiu que os rapazes (45,5%) mais frequentemente afirmam ter iniciado a actividade sexual mais cedo, aos 13 anos ou menos, enquanto a maioria das raparigas refere a sua iniciação a partir dos 14 anos, confirmando-se a ideia de que tradicionalmente, os rapazes têm a sua primeira relação sexual mais cedo que as raparigas. Estes resultados corroboram os do estudo HBSC/ OMS realizado por Matos, Reis e Equipa Aventura Social (2010), ao verificar que os rapazes mais frequentemente afirmam ter iniciado a sua vida sexual mais novos (aos 11 anos ou menos, entre os 12 e os 13, e entre os 14 e os 15). Tendências também confirmadas por vários estudos que revelam que são os rapazes a iniciarem-se sexualmente primeiro que as raparigas, sem alteração significativa da idade da primeira relação sexual (NODIN, 2001). Pode verificar-se pela literatura que a pressão por parte dos colegas leva muitas vezes, o adolescente a iniciar a sua vida sexual, que acontece, geralmente, de uma forma não programada e para a qual ainda não estão preparados. Quando se analisou a relação entre as atitudes face à sexualidade e a idade da primeira relação sexual na amostra de alunos que já iniciaram a actividade sexual, não se encontrou significância estatística entre as variáveis.

Pelos resultados da análise da árvore de decisão, atribui-se a probabilidade de a maioria dos alunos que pertence à categoria das atitudes favoráveis ser do concelho do Fundão e prevê que grande parte das raparigas e dos rapazes desse concelho apresente atitudes favoráveis face à sexualidade. Em relação às raparigas, aponta-se que 75,0% que falam com a mãe sobre sexualidade e 56,7% que não recorrem à figura materna nestes assuntos apresentem atitudes favoráveis face à sexualidade. Relativamente aos alunos do sexo masculino que frequentam o 8º ano e 9º ano de escolaridade, é esperado que a maioria apresente atitudes favoráveis face à sexualidade e que a maioria dos rapazes que frequentam o 7º ano apresente atitudes desfavoráveis face à sexualidade. Também se antevê que a maioria dos alunos que pertence à categoria das atitudes desfavoráveis são do concelho de Tabuaço verificando-se que, a variável que melhor prevê as atitudes desfavoráveis face à sexualidade dos alunos do concelho de Tabuaço, é o amigo enquanto interlocutor em assuntos de sexualidade.

Em síntese, julga-se que os resultados obtidos podem constituir um contributo para a compreensão de factores que influenciam as atitudes face à sexualidade. Os resultados do presente estudo demonstram a influência das variáveis sócio-demográficas (sexo, idade, ano de escolaridade, concelho de origem e zona de residência) e algumas vivências da sexualidade (experiência sexual e a mãe e irmãos enquanto interlocutores) nas atitudes face à sexualidade dos alunos do 3º ciclo do ensino básico. Como factores determinantes das

atitudes face à sexualidade, destacam-se o concelho de origem, o sexo, a mãe e os amigos (interlocutores) e ano de escolaridade.

Por último, importa reconhecer que dada a escassez de estudos relacionados directamente com a relação das variáveis supracitadas, estes resultados poderão contribuir para produzir conhecimento sobre esta temática.

CAPÍTULO 4- CONCLUSÕES/SUGESTÕES

Este capítulo conclusivo destina-se a proporcionar um ponto de reflexão sobre o estudo das atitudes face à sexualidade dos alunos do 3º ciclo do ensino básico que participaram da pesquisa e retomar alguns aspectos da realidade revelada pelos dados considerados importantes nesta linha de investigação. Efectivamente, a sexualidade é actualmente um tema chave enquadrado no contexto de um conceito mais abrangente de saúde, onde se cruzam assuntos fundamentais tanto para a saúde pública como individual. Numa sociedade moderna, esta matéria deve ser discutida abertamente e sem tabus. Fica a expectativa de que os resultados deste trabalho também contribuam para aumentar a sensibilidade da comunidade para esta temática. Além disso, irá apresentar-se um conjunto de sugestões que resultam de uma perspectiva crítica à análise dos resultados e se pretende que constituam um contributo para a agenda de mudança que orienta as novas políticas de saúde em matéria da educação sexual dos adolescentes.

Na verdade, a descrição dos dados poderá atingir níveis mais profundos e ser mais abrangente à medida que forem estabelecidas relações mais complexas para além das variáveis determinadas em estudo. Desde o início que houve a noção das dificuldades inerentes a este trabalho, devido à abrangência e complexidade da temática e ao número reduzido de trabalhos de investigação neste domínio. Este trabalho apresenta limitações pelo tamanho da amostra ser pouco significativo para o universo de alunos do 3º ciclo do ensino básico, não permitindo generalizar os resultados e pelo facto do estudo ser transversal, aplicado num só momento, não permitindo analisar a evolução das atitudes face à sexualidade ao longo do tempo. Também a análise esboçada nesta investigação deverá ser retomada em aspectos específicos num trabalho posterior, de forma a realizar uma análise mais aprofundada em certos conteúdos, nomeadamente no âmbito da contracepção. Contudo, a pesquisa efectuada, os resultados significativos e o processo desenvolvido permitem tirar algumas conclusões e espera-se que possam promover novas investigações.

Com efeito, o presente estudo constituído por uma amostra de 545 alunos revela os seguintes resultados e conclusões mais significativas:

- O sexo masculino representou 48,1% e o sexo feminino 51,9% da amostra total de alunos. Verificou-se que as raparigas apresentam atitudes mais favoráveis face à sexualidade que os rapazes, sendo as diferenças altamente significativas entre sexos.

- A idade mínima dos alunos foi de 12 anos e a máxima de 18 anos, sendo a média de idades de 13,95 anos. O grupo etário mais representativo é o dos alunos com idade inferior ou igual a 13 anos. A média de idades é mais elevada nos rapazes (14,07 anos) que nas raparigas (13,83 anos). Testou-se a existência de efeito altamente significativo entre a idade e as atitudes face à sexualidade, na medida em que a maioria dos alunos com 14 anos avaliou favoravelmente as atitudes face à sexualidade, contrapondo com a maioria dos alunos mais novos (≤ 13 anos) e mais velhos (≥ 15 anos) que revelaram maiores percentagens nas atitudes desfavoráveis.

- A maioria dos alunos do 3º ciclo frequentava o 9º ano (37,2%), seguido do 8º ano (33,9%) e do 7º ano de escolaridade (28,8%). Concluiu-se que o ano de escolaridade influencia as atitudes face à sexualidade, com diferenças altamente significativas entre as variáveis, pois os alunos do 8º ano e 9º ano apresentam atitudes mais favoráveis face à sexualidade que os alunos do 7º ano de escolaridade.

- Grande parte dos alunos pertence ao concelho do Fundão (71,0%) e apenas 29,0% pertence ao concelho de Tabuaço. Aferiu-se que os alunos do concelho do Fundão apresentam atitudes mais favoráveis face à sexualidade que os alunos do concelho de Tabuaço, pelo que as diferenças estatísticas são altamente significativas. Por conseguinte, o concelho influencia as atitudes face à sexualidade dos alunos do 3º ciclo.

- Relativamente à zona de residência, os alunos vivem maioritariamente na aldeia (53,1%). Os resultados obtidos mostram que os alunos residentes na cidade avaliaram mais favoravelmente as atitudes face à sexualidade comparativamente aos alunos que vivem nas aldeias e vilas, revelando diferenças estatísticas altamente significativas. Assim, a zona de residência influencia as atitudes face à sexualidade.

- A experiência de namoro está presente na vivência de 28,3% dos alunos que integram a amostra. A maioria dos alunos que referiram ter namorado/a mantém um relacionamento amoroso entre um e seis meses. Constatou-se que os alunos que não namoram têm atitudes mais favoráveis face à sexualidade que aqueles que têm actualmente um relacionamento amoroso, embora estas diferenças não sejam significativas.

- As interações com os amigos são tão significantes e importantes que se reflectem nas estatísticas quando se investiga os interlocutores em assuntos da sexualidade. Efectivamente, os alunos falam predominantemente sobre sexualidade com os amigos (59,8%). Curiosamente, no contexto familiar, as raparigas recorrem mais à mãe e os rapazes falam mais com o pai sobre sexualidade. Os alunos com atitudes favoráveis consideram em ordem decrescente: a mãe, o pai, os amigos, os professores, o namorado/a e o médico/enfermeiro como importantes interlocutores na sua atitude positiva face à

sexualidade, o que evidencia o papel dos interlocutores no processo de construção do adolescente. Contudo, e ainda que actualmente se reconheça que os pais não têm tanto tempo para os filhos, denotou-se o papel basilar da mãe nesta temática, pois apenas foi encontrada a influência determinante da figura materna nas atitudes face à sexualidade dos alunos, contribuindo de modo bastante significativo para as atitudes favoráveis dos filhos. Pelo contrário, averiguou-se que os irmãos têm influência significativa, mas de forma desfavorável nas atitudes face à sexualidade dos alunos do 3º ciclo.

- No conjunto da amostra, verificou-se que 12,7% dos alunos já tiveram relações sexuais, sendo a maioria dos rapazes quem o afirma. Concluiu-se que a experiência sexual influencia as atitudes face à sexualidade dos alunos do 3º ciclo, pois os alunos que não iniciaram a sua actividade sexual apresentam atitudes mais favoráveis face à sexualidade que aqueles que já a iniciaram, sendo as diferenças bastante significativas.

- A média de idade da primeira relação sexual é de 13,65 anos. Os rapazes mais frequentemente afirmam ter iniciado a sua vida sexual mais cedo (13,43 anos) que as raparigas (14,10 anos). No entanto, os resultados indicaram que não existe relação estatisticamente significativa entre a idade da primeira relação sexual e as atitudes face à sexualidade da amostra de alunos que já tiveram relações sexuais.

De seguida, sumariam-se os resultados descritivos mais relevantes relativos à actividade sexual no actual relacionamento amoroso e à contracepção que não foram alvo de análise inferencial, pelo que se sugere a sua abordagem em futuras investigações.

- A maioria dos alunos que tem namorado/a não tem relações sexuais no actual relacionamento amoroso (77,6%). Porém, 22,4% dos alunos indica que a relação actual íntima envolve relações sexuais. Consideradas as diferenças significativas entre sexos, os dados apontam que são os rapazes (32,3%) quem mais o afirma comparativamente às raparigas (14,6%). Em relação ao tempo que demorou até terem relações sexuais no actual relacionamento amoroso, a maioria indicou uma semana ou menos para ambos os sexos.

- No conjunto da amostra, 24,1% afirma utilizar contracepção, sendo significativamente maior o número de rapazes que declaram o uso de contraceptivos (35,0%) em relação às raparigas (14,0%). O método contraceptivo mais utilizado é o preservativo (89,5%), sendo utilizado por todos os rapazes que fazem contracepção e por 64% das raparigas. As raparigas usufruem também da pílula (36,0%). Ainda se verificou que dois rapazes (3,6%) já recorreram à contracepção de emergência.

- Para 98,5% dos alunos é importante a utilização do preservativo, havendo ainda uma parte significativa, ainda que minoritária (1,5%) com opinião contrária e preocupante.

- Vale ressaltar que os dados revelam que a utilização do preservativo já foi incorporada pela maioria de alunos que referem ter tido relações sexuais, pois 85,9% dos alunos utilizam o preservativo em todas as relações sexuais, independentemente do sexo. Contudo, há um grupo de alunos (14,1%) que mantém uma conduta de risco sem a devida protecção, referindo não utilizar este método contraceptivo em todas as relações sexuais.

Na globalidade da amostra, a maioria dos alunos apresenta atitudes favoráveis face à sexualidade. Existe, no entanto, uma parte significativa que avalia desfavoravelmente as atitudes face à sexualidade que está relacionada com vários factores. De facto, é possível verificar que as variáveis sócio-demográficas como sejam o sexo, a idade, o ano de escolaridade, o concelho e a zona de residência e algumas vivências da sexualidade como o papel da figura materna e dos irmãos e a experiência sexual estão directamente relacionadas com as atitudes face à sexualidade dos alunos do 3ºciclo do ensino básico e têm uma importância essencial na sua avaliação.

Das variáveis estudadas, parece que o concelho de origem, o sexo, os interlocutores (mãe e amigos) e o ano de escolaridade serão os factores determinantes em termos das atitudes face à sexualidade, influenciando-as de forma directa e indirecta.

Perante o conjunto de dados apresentados relativos aos aspectos das vivências da sexualidade dos alunos desta amostra, torna-se mais evidente a necessidade de investimento em programas de educação sexual estruturados e adequados. Por outro lado, a intervenção dos programas formativos não pode ignorar a grande maioria dos alunos que ainda não tiveram estas experiências sexuais. Deste modo, o nosso empenho deve direccionar-se, sobretudo, no sentido de ampliar e aprofundar o conhecimento do mundo dos adolescentes e criar estratégias eficazes e uma intervenção adequada para que estes adolescentes com diferentes experiências se sintam entendidos e valorizados no âmbito de uma vivência educativa harmoniosa e saudável da sexualidade.

Neste contexto, a educação sexual deve caminhar rumo à valorização das dimensões psicológica, ética, afectiva e social do adolescente, estimulando o desenvolvimento de atitudes favoráveis face à sexualidade e promovendo estilos de vida sexual saudáveis. Indubitavelmente, as atitudes favoráveis face à sexualidade constituem desde já um pré-requisito para um comportamento sexual saudável. Os adolescentes devem compreender a sua sexualidade no sentido de prevenir possíveis consequências negativas e promover o desenvolvimento saudável da sua personalidade.

Assim, o grande desafio da educação da sexualidade é direccionar a educação para a perspectiva das atitudes, dos afectos, da construção da pessoa dando-lhe a possibilidade de vivenciar um projecto de vida consistente que integre valores e uma dimensão ética. Daí

que se recomenda a articulação efectiva entre os programas de educação sexual e as políticas de promoção da saúde.

Estes programas devem ser mais uma ferramenta, uma peça de um puzzle, inserida na tríade do ambiente familiar, social e escolar pelo papel importante que têm no desenvolvimento do adolescente dada a possibilidade de complementaridade e multidisciplinaridade entre os diferentes agentes educativos. Pelo destaque que os amigos assumiram neste estudo, sendo eles os principais interlocutores em assuntos de sexualidade e por que nesta etapa de vida, as relações de amizade serem tão relevantes, seria pertinente que estes programas incluíssem acções educativas e preventivas articuladas com os amigos/grupo de pares, nas quais as contradições e dúvidas podem ser indagadas.

Sem dúvida, que é essencial conhecer o contexto sócio-demográfico dos alunos, a sua vivência sexual, as suas atitudes, a sua realidade que serão úteis na planificação de estratégias formativas a fim de levar a cabo intervenções que visem a aquisição de competências, a capacitação para reflexão e responsabilização com o intuito de proporcionar às novas gerações uma educação sexual clara, aberta, natural e assente em valores e princípios.

O desenvolvimento deste estudo proporcionou uma excelente oportunidade de aprendizagem e um entendimento mais profundo da sexualidade do adolescente, trazendo sem dúvida um enriquecimento fundamental tanto para a vida pessoal como profissional da investigadora. Julga-se que este trabalho seja para a mestranda uma abertura para novos horizontes de investigação, pois o conhecimento é uma fonte inesgotável e deve ser uma busca constante do ser humano.

Embora reconhecendo algumas limitações, o presente trabalho possibilitou atingir os objectivos inicialmente traçados, uma vez que se identificou as atitudes face à sexualidade dos alunos, analisou-se as relações existentes entre as atitudes face à sexualidade dos alunos e as variáveis sócio-demográficas e as vivências da sexualidade e identificou-se os factores determinantes que influenciam as atitudes face à sexualidade dos alunos do 3º ciclo do ensino básico das escolas do concelho de Tabuaço e Fundão.

A abordagem teórica foi realizada de uma forma sistemática, sequencial e lógica, fornecendo um bom suporte para a aplicação na prática. A metodologia utilizada foi a inicialmente prevista, tendo sido adequada aos objectivos propostos. De realçar que a opção pelo questionário fechado como instrumento de colheita de dados, apesar do objecto do estudo ser de natureza predominantemente subjectiva com expressões tão diversificadas,

mostrou-se um instrumento adequado para esta primeira aproximação da realidade vivenciada pelos alunos dos concelhos de Tabuaço e Fundão.

Em jeito de sugestão final, e porque a educação sexual é da responsabilidade de todos e não se partilham análises fragmentadas sobre a complexidade de que se revestem os processos conducentes à implementação da nova lei de educação sexual em meio escolar, seria necessário pela iniciação desta investigação, perspectivar no futuro novas pesquisas. Objectivando, seria importante uma avaliação dos programas de educação sexual implementados nas escolas e o seu impacto nas atitudes face à sexualidade num estudo longitudinal, no sentido de acompanhar a evolução das recentes mudanças. A conjugação da metodologia qualitativa com a quantitativa também poderá contribuir com resultados mais esclarecedores.

Enfim, é com satisfação que se chega ao final deste trabalho, sentindo que valeu a pena todo o esforço, empenho e dedicação imprimido na sua elaboração.

BIBLIOGRAFIA

- ∞ AFONSO, Esmeralda; LUCAS, Ana Paula – A Sexualidade na Adolescência. Servir. Lisboa. ISSN 0871-2370. Vol. 49, nº 4 (Julho/Agosto, 2001), p. 165-171.
- ∞ ALARCÃO, Madalena – **(Des)equilíbrios familiares**. 3ª ed. Coimbra: Quarteto, 2006. 374 p. ISBN 989-558-067-3.
- ∞ ANASTÁCIO, Zélia Caçador – **Sexualidade na fase intermédia da adolescência: relacionamentos, comportamentos e conhecimentos**. [Em linha] (2010) 1-14 [Consult. 10 Mar. 2011] Disponível em WWW. <URL: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/10567>.
- ∞ BORGES, Ana Luiza Vilela – Início da vida sexual - In BORGES, Ana Luiza Vilela; FUJIMORI, Elizabeth – **Enfermagem e a saúde do adolescente na atenção básica**. São Paulo: Manole, 2009. ISBN 978-85-204-2733-0. p. 283-302.
- ∞ BRÊTAS, José Roberto da Silva; MUROYA, Renata de Lima; GOELLNER, Maila Beatriz – Mudanças corporais na adolescência – In BORGES, Ana Luiza Vilela; FUJIMORI, Elizabeth – **Enfermagem e a saúde do adolescente na atenção básica**. São Paulo: Manole, 2009. ISBN 978-85-204-2733-0. p. 82-115.
- ∞ CANO, Maria Aparecida Tedeschi; FERRIANI, Maria das Graças Carvalho; GOMES, Romeu – Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. Revista Latino-Americana de Enfermagem [Em linha]. 8:2 (Abril 2000) p. 18-24. [Consult. 10 Mar. 2011] Disponível em WWW. <URL: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v8n2/12413.pdf>
- ∞ CARVALHO, Alysson Massote; RODRIGUES, Cristiano Santos; MEDRADO, Kelma Soares – Oficinas em sexualidade humana com adolescentes. Estudos de Psicologia [Em linha]. 10:3 (2005) p. 377-384. [Consult. 10 Mar. 2011] Disponível em WWW. <URL: <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/261/26110306>
- ∞ CASTELEIRO, Carla [et al.] – Intervenção Formativa na afectividade adolescente: educação para a sexualidade responsável em adolescentes. Revista da Associação Portuguesa dos Enfermeiros Obstetras. Almada. ISSN 1646-3625. Nº 8. 2007. p. 36-39.

- ≈ CORREIA, Teresa – Expectativas dos adolescentes em relação aos professores e profissionais de saúde na área da sexualidade. Sinais Vitais. Coimbra. ISSN 0872-8844. Nº 80. (Setembro 2008), p. 42-48.
- ≈ COSSERMELLI, Claudia Maria de Moura Ribeiro – **Estudo comparativo de crenças e atitudes face à sexualidade de jovens, entre adolescentes e jovens adultos que frequentam uma instituição promotora de formação profissional na RAM** [Em linha]. Funchal: Universidade da Madeira, 2007. Dissertação para obtenção do grau de mestre em ciências da terra e da vida. 145 p. [Consult. 17 Mai. 2011]. Disponível em WWW:<URL: http://www3.uma.pt/defd/index2.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=163&Itemid=34>.
- ≈ D'HAINAUT, Louis - **Conceitos e métodos da estatística**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1992. vol.1. ISBN 972-31-0563-2.
- ≈ DIAS, Ana Cristina; RODRIGUES, Manuel Alves - Adolescentes e sexualidade: Contributo da educação, da família e do grupo de pares adolescentes no desenvolvimento da sexualidade. Referência. ISSN 0874-0283. II série. Nº 10 (Julho 2009), p.15-22.
- ≈ DORON, Roland; PAROT, Françoise; ANZIEU, Didier, ed. lit.- **Dicionário de Psicologia**. Lisboa: Climepsi, 2001. 852 p. ISBN 972-84-49-70-4.
- ≈ FERNANDES, Glória; ANASTÁCIO, Zélia – **Educar para a sexualidade no 1º CEB: concepções de corpo e identidade sexual/género**. [Em linha] (2010) p. 454-473. [Consult. 10 Mar. 2011] Disponível em [www.<URL: http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/11214](http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/11214).
- ≈ FERREIRA, Manuela; NELAS, Paula – Aprendizagem dos afectos e da sexualidade do adolescente: papel da família. Revista da Associação Portuguesa dos Enfermeiros Obstetras. Almada. ISSN 1646-3625. Nº 9. 2008, p. 62-65.
- ≈ FONSECA, Edgar Bruno Macedo; MACHADO, Alcinda de Jesus Bessa Bernardo – As competências afectivo/emocionais na vivência da sexualidade dos adolescentes. Sinais Vitais. Coimbra. ISSN 0872-8844. Nº 72 (Maio 2007), p. 25-27.
- ≈ FORTIN, Marie-Fabienne - **Fundamentos e etapas do processo de investigação**. Loures: Lusociência, D. L. 2009. 595 p. ISBN 978-989-8075-18-5.
- ≈ FRIAS, Ana Maria Aguiar – Expressões da sexualidade e atitudes contraceptivas dos adolescentes. Servir. Lisboa. ISSN 0871-2370. Vol. 54, nº 3 (Maio/Junho 2006), p. p. 121-130.

- ≈ GLOBAL SEX SURVEY RESULTS: 2005 [Em linha]. Durex, 2005. [Consult. 17 Mai. 2011]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.data360.org/pdf/20070416064139.Global%20Sex%20Survey.pdf>>.
- ≈ INSTITUTO POLITÉCNICO DE VISEU. Escola Superior de Saúde de Viseu.Comissão Científica C. – **Guia orientador de trabalhos escritos**. [Texto policopiado]: [versão 2009]. Viseu. Escola Superior de Saúde de Viseu, 2009. 59 p.
- ≈ LEI nº 60/2009. D.R. I Série. 151 (2009-8-6) 5097-5098. Estabelece o regime de aplicação da educação sexual em meio escolar.
- ≈ LEMOS, Elza Maria da Silva – **Sexualidade na Adolescência: conhecimentos e opiniões dos adolescentes relacionados com a sexualidade**. Escola Superior de Enfermagem de Vila Real. Dissertação de mestrado em Promoção/Educação para a Saúde. 2001.
- ≈ MAIA, Ana Margarida Costa; CAMPOS, Isabel; COSTA, M. Olga – Adolescentes e seus conhecimentos sobre sexualidade. Informar. Porto. Nº 24 (Janeiro/Abril 2001), p. 23-28.
- ≈ MATOS, Margarida Gaspar de [et al.] - Educação sexual em Portugal e em vários países da América Latina. Psicologia Saúde e Doenças. Lisboa. ISSN 1654-0086. Vol. 10, n.º 1 (2009), p. 127-147.
- ≈ MATOS, Margarida Gaspar de; REIS, Marta; EQUIPA DO PROJECTO AVENTURA SOCIAL – **Saúde Sexual e Reprodutiva dos Estudantes Ensino Superior: relatório preliminar do estudo 2010**. Lisboa: Aventura Social, 2010.
- ≈ MATOS, Margarida Gaspar de; SAMPAIO, Daniel; EQUIPA DO PROJECTO AVENTURA SOCIAL - **Educação sexual no contexto escolar em Portugal: dando voz aos alunos** [Em linha]. Lisboa: Aventura Social, 2006. [Consult. 17 Mai. 2011]. Disponível em WWW:<URL: http://www.min-saude.pt/NR/rdonlyres/7D6832DF-82AF-4213-992A-DF426A325226/0/Educacao_sexual_contexto_escolar.pdf>.
- ≈ MOURÃO, Emanuel José Martins; SOUSA, Eunice de Jesus Vieira – A Identidade sexual do adolescente: visão e intervenção do enfermeiro. Nursing. Lisboa. ISSN 0871-6196. Ano 17, n.º 225 (Setembro 2007), p. 42-47.
- ≈ NELAS, P.; FERNANDES, C.; FERREIRA, M.; DUARTE, J.; CHAVES, C. – Construção e validação da escala de atitudes face à sexualidade em adolescentes (AFSA). In TEIXEIRA, Filomena, Org. [et al] – **Sexualidade e educação sexual: políticas educativas, investigação e práticas** [ebook]. Braga: Edições CIEd, 2010. p. 180-184. ISBN 978-972-8746-9

≈ NETO, Maria [et al.] – **Guião Presse: formação para professores do 2º ciclo do ensino básico**. Porto: ARS Norte, 2009. 155 p.

≈ NETO, Osmar Ferreira; L'ABBATE, Solange – Avaliação do programa preventiva “sexualidade e adolescência”, com jovens estudantes da periferia do município de Campinas. Revista Brasileira Médica Farmacêutica e Comunitária [Em linha]. Vol. 3, n.º 9 (Abril/Junho 2007), p. 4-12. [Consult. 5 Mar. 2011]. Disponível em WWW.<URL: <http://www.rbmf.org.br/index.php/rbmfc/article/view/77>.

≈ NODIN, Nuno - **Os jovens portugueses e a sexualidade em finais do século XX**. Lisboa: APF, 2001. 255 p. ISBN 972-8291-07-8.

≈ NOGUEIRA, Elsa; ALVES, Fernanda; LOBO, Lúcia – Ser Adolescente: um corpo que se transforma, uma imagem que se constrói: educação para a sexualidade responsável em adolescentes. Revista da Associação Portuguesa dos Enfermeiros Obstetras. Almada. ISSN 1646-3625. Nº8. (2007).

≈ OLIVEIRA, Sílvia Luíz – **Tratado de metodologia científica. 2ª ed. São Paulo: Editora Pioneira**. 2000. 320 p. ISBN: 85-221-0070-5

≈ OLIVEIRA, Mª Teresa; CHAGAS, Isabel – Investigação em educação sexual em Portugal. In TEIXEIRA, Filomena, org. [et al] – **Sexualidade e educação sexual: políticas educativas, investigação e práticas** [ebook]. Braga: Edições CIEd, 2010. p. 139-167. ISBN 978-972-8746-9

≈ PESTANA, Maria Helena; GAGEIRO, João Nunes - **Análise de dados para ciências sociais: a complementaridade do SPSS**. 5ª ed. rev. e corrigida. Lisboa: Edições Sílabo, 2005. 692 p. ISBN 978-972-618-498-0.

≈ PONTES, Ângela Felgueiras – **Vamos conversar sobre isso?** [em linha]. (2011) [Consult. 10 Mar. 2011] 282f. Disponível em WWW.<URL: <http://repositorium-aberto.up.pt/handle/10216/24432>.

≈ PORTARIA n.º 196-A/2010. D.R. I Série. 69 (2010-04-09) 1172-1174. Regulamentação da Lei n.º 60/2009

≈ PORTUGAL, Instituto Nacional de Estatística – **Censos: resultados preliminares 2011** [em linha]. Lisboa, 2011. [Consult. 28 Ago. 2011]. Disponível em WWW:<URL: http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_publicacao_det&menuBOUI=13707294&contexto=pu&PUBLICACOESpub_boui=122103956&PUBLICACOESmodo=2&selTab=tab1

- ≈ PRESSE - **O que é o PRESSE?** [Em linha]. ARSNorte, 2010. [Consult. 17 Maio 2011]. Disponível em WWW:<URL: http://portal.arsnorte.min-saude.pt/portal/page/portal/presse/linkto_inicio/O%20que%20%C3%A9%20o%20PRESSE>.
- ≈ RAMOS, Rui Deveza et al. - Atitudes, comunicação e comportamentos face à sexualidade numa população de jovens em Matosinhos. Arquivos de Medicina [Em linha]. 22(1) (2008), p. 3-15. [Consult. 17 Mai. 2011]. Disponível em WWW:<URL:http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0871-34132008000100001&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0871-3413.
- ≈ REIS, Marta; MATOS, Margarida Gaspar de - Contraceção em jovens universitários portugueses. Análise Psicológica. Lisboa. - ISSN 0870-8231. Série XXVI, n.º 1 (Janeiro/Março 2008), p. 71-79.
- ≈ RENA, Luiz Carlos Castello Branco - **Projeto adolecer: “concepção de sexualidade dos Adolescentes no interior de Goiás: consequências para o Processo de reprodução humana” goiás- 1992/1995** [Em linha]. Góias (Brasil): Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, 1996. [Consult. 17 Mai. 2011]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.adolec.br/bvs/adolec/P/pdf/adolecer96.pdf>>.
- ≈ SAMPAIO, Daniel – **Lavrar o Mar: um novo olhar sobre o relacionamento entre pais e filhos**. Lisboa: Editorial Caminho, 2006. 346 p. ISBN 972-21-1823-4
- ≈ SOARES, Cássia Baldini – Mais que uma etapa do ciclo vital: a adolescência como um construto social – In BORGES, Ana Luiza Vilela; FUJIMORI, Elizabeth – **Enfermagem e a saúde do adolescente na atenção básica**. São Paulo: Manole, 2009. ISBN 978-85-204-2733-0. p. 3-22.
- ≈ SOUSA, Brigitte Lopes; FERREIRA, Sandra Jorge – Atitudes dos Adolescentes face à Sexualidade. Sinais Vitais. Coimbra. ISSN 0872-8844. Nº 48 (Maio 2003), p. 35-38.
- ≈ VAZ, Júlio Machado; VILAR, Duarte; CARDOSO, Susana – **Educação sexual na escola**. Universidade Aberta. 1996. 130 p. ISBN 972- 674-152-1
- ≈ VENTURA, Fernando – A Escola e o Professor na promoção da saúde sexual. Revista Informação Sida e outras doenças infecciosas. Lisboa. Ano V, nº 25 (Março/ Abril 2001), p.26-27

ANEXOS


INSTITUTO POLITÉCNICO DE VISEU
ESCOLA SUPERIOR DE SAÚDE

 Projecto - **PTDC/CPE-CED/103313/2008**
Monitorização de Indicadores de Saúde Infanto-Juvenil: Impacto na Educação para a Saúde

Este questionário faz parte de um Projecto de investigação financiado pela FCT no domínio temático da "Sexualidade Adolescente". A sua concretização só será possível graças à tua colaboração, preenchendo o questionário. Neste sentido, pedimos-te que o leias e respondas a todas as perguntas de uma forma espontânea e sincera, de acordo com aquilo que fazes sentes ou pensas. Não existem respostas correctas ou incorrectas, o que nos interessa é a tua opinião. O questionário é anónimo e confidencial. Desde já agradecemos a tua colaboração e disponibilidade. Nas afirmações onde existir uma quadrícula () , deves assinalar com uma cruz (X) a(s) alínea(s) que está(ão) de acordo com o teu caso. Nas questões com um espaço em branco (____), deves responder claramente e de forma legível. **Para que seja salvaguardada a validade do questionário, pedimos, por favor, que não deixes nenhuma questão por responder.**

MUITO OBRIGADO

 Espaço destinado à equipa de investigação
 Número Questionário _____
 Código Instituição _____

1. **Sexo:** Masculino Feminino 2. **Idade:** ____ anos. 3. **Frequentas o** ____ ano de escolaridade
4. **Moras em:** Aldeia Vila Cidade
5. **Namoras?** Não Sim 5.1. **Se sim, namoras há:** menos de 1 mês Entre 1 e 6 meses
 Entre 6 meses e 1 ano Entre 1 e 2 anos Mais de 2 anos
6. **Com quem falas sobre sexualidade?** Mãe Pai Amigos Namorado/a Professores Irmãos
 (Podes assinalar mais do que uma opção) Médico/Enfermeira
7. **Alguma vez tiveste relações sexuais?** Não Sim 7.1. **Se sim, idade da 1ª relação sexual:** ____ anos
8. **Tens relações sexuais no actual relacionamento amoroso?** Não Sim
- 8.1. **Se sim, ao fim de quanto tempo tiveste relações com o actual relacionamento amoroso?** 1 semana ou menos
 1 mês 1 a 3 meses 3 a 6 meses 6 meses a 1 ano 1 a 2 anos mais de 2 anos
9. **Fazes contraceção?** Não Sim 9.1. **Se sim, qual?** Pílula Preservativo
10. **Já fizeste contraceção de emergência?** Não Sim 10.1. **Se sim, quantas vezes** _____
11. **Consideras importante a utilização de preservativo nas relações sexuais?** Sim Não
12. **Utilizas o preservativo em todas as relações sexuais?** Sim Não Às vezes

13. Experiência de relacionamento íntimo e sexual

	Sim	Não
Nunca tive experiência sexual		
Beije nos lábios e abracei alguém, com carícias por cima da roupa		
Já tive intimidades, próximas do coito, incluindo carícias directas em qualquer parte do corpo incluindo os genitais		
Já tive experiência de ter chegado ao coito, (introdução do pénis dentro da vagina) com apenas uma pessoa		
Já tive relações sexuais coitais com mais que uma pessoa		

14. Da lista de afirmações que se seguem, deves responder a todas as questões, sinalizando com um (X) na opção que melhor corresponde à tua opinião pessoal sobre as **características da tua família**. As tuas respostas são confidenciais e anónimas, apenas de interesse científico e usadas para análises estatísticas.

As respostas devem traduzir a frequência com que a família vive o que cada afirmação contém, e variam entre o NUNCA (...) e o SEMPRE, conforme a grelha de resposta a seguir apresentada.

1	2	3	4	5	6
Nunca	Quase nunca	Poucas vezes	Algumas vezes	Quase sempre	Sempre

Afirmações		1	2	3	4	5	6
1	Gostamos de fazer coisas em conjunto						
2	É claro o papel que cada um tem para desempenhar						
3	Gostamos que os outros nos reconheçam como uma “boa família”						
4	Quando as “crises” são ultrapassadas, a família fica mais forte						
5	Sentimos que pertencemos uns aos outros						
6	Cada um sabe o lugar que ocupa						
7	Basta um olhar para nos entendermos						
8	Preocupamo-nos com as relações sociais (amigos, escola, trabalho, restante família)						
9	Cada um arruma o que é seu						
10	Sentimo-nos integrados no meio onde vivemos						
11	O ambiente é de “guerra” aberta						
12	Compreendemo-nos uns aos outros						
13	Todos sabem até onde podem ir						
14	Somos distantes uns dos outros						
15	Podemos expressar os nossos sentimentos						
16	Recebemos carinho uns dos outros						
17	Cada um sabe como comportar-se fora de casa						
18	Quando alguém tem dificuldades, todos procuram ajudar						
19	As regras são cumpridas						
20	Há espaço para que cada um faça o que gosta						
21	Encontram-se soluções para os problemas						
22	Cada um pode lidar à sua maneira com as novas situações						
23	Preocupamo-nos com a imagem que transmitimos						
24	Preocupamo-nos com o que os outros possam dizer						
25	Fazemo-nos entender						

15. Indicam-se abaixo algumas afirmações relativas a **conhecimentos sobre infecções de transmissão sexual**. Diz qual o teu grau de concordância para cada uma delas, assinalando com uma cruz o número correspondente, considerando o esquema de resposta abaixo indicado

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo muito	Nem concordo, nem discordo	Concordo muito	Concordo totalmente

Afirmações	1	2	3	4	5
1. Existe uma infecção de transmissão sexual chamada sífilis					
2. A pílula impede a transmissão de infecções sexuais					
3. O preservativo impede sempre a transmissão de infecções sexuais					
4. O vírus da SIDA transmite-se pelo sangue					
5. O preservativo deve ser sempre utilizado nas relações sexuais					
6. Um beijo na boca pode transmitir infecções sexuais					
7. A Hepatite também se transmite sexualmente					
8. A saliva transmite o vírus da SIDA					
9. O herpes genital é uma infecção de transmissão sexual					
10. As infecções sexualmente transmissíveis podem ser transmitidas de pais para filhos					
11. Existem diferentes infecções que podem ser contraídas por contacto sexual, não existindo tratamento eficaz para algumas					
12. A prevenção contra infecções sexualmente transmissíveis depende muito de nós					
13. Evitar experiências amorosas ocasionais com desconhecidos é uma atitude sensata para prevenir as infecções					
14. Quando início as relações sexuais devo ir ao médico regularmente para prevenir as infecções sexualmente transmissíveis					
15. Posso ter relações sexuais ocasionais pois a probabilidade de me transmitirem infecções sexuais é rara					
16. Na primeira relação sexual não é necessário usar preservativo					
17. Não é necessário usar o preservativo quando se toma a pílula					
18. O uso de contraceptivos é tanto da responsabilidade da rapariga como do rapaz					
19. O uso de preservativo serve apenas para evitar a gravidez					
20. Pensar que posso contrair uma infecção sexualmente transmissível impede-me de ter relações sexuais					
21. O Vírus da SIDA provoca doenças no organismo					
22. O Vírus do Papiloma Humano (HPV) também é responsável pelo cancro do colo do útero					

16. Indicam-se abaixo algumas afirmações relativas a **conhecimentos sobre planeamento familiar**. Diz qual o teu grau de concordância para cada uma delas, assinalando com uma cruz o número correspondente, considerando o esquema de resposta abaixo indicado.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo muito	Nem concordo, nem discordo	Concordo muito	Concordo totalmente

Afirmações	1	2	3	4	5
1. O planeamento familiar evita gravidezes indesejáveis					
2. O planeamento familiar evita a menstruação					
3. Os métodos contraceptivos evitam as menstruações					
4. A pílula é um método contraceptivo de barreira					
5. É muito difícil engravidar na primeira relação sexual					
6. É muito difícil engravidar na primeira relação sexual					
7. Há cuidados especiais na colocação do preservativo					
8. A pílula evita uma gravidez não desejada					
9. O preservativo é um método anticoncepcional de barreira que deve ser colocado antes da penetração					
10. O método do gráfico das temperaturas para ver quando ocorre a ovulação é aconselhado em adolescentes					
11. O período fértil na mulher ocorre por volta do 15 dia do ciclo menstrual					
12. O preservativo só se deve utilizar se não se conhecer bem o parceiro					
13. A laqueação das trompas não é aconselhada a adolescentes					
14. A duração mais frequente do ciclo é de 28 a 30 dias					
15. Se pretendo iniciar a vida sexual devo consultar um profissional de saúde					
16. Deve-se verificar a validade do preservativo					
17. As raparigas só engravidam se tiverem um orgasmo					
18. O uso de contraceptivos é da responsabilidade da rapariga pois é ela que engravida					
19. Os jovens de hoje têm fácil acesso à informação sobre métodos anticoncepcivos					
20. O uso do preservativo diminuiria o prazer sexual e por isso nunca o usaria					
21. Se tiver uma relação sexual não protegida devo tomar a pílula do dia seguinte se não quiser engravidar					
22. Não uso preservativo porque tenho sempre a(o) mesmo namorado(a)					

17. Indicam-se abaixo algumas afirmações relativas a **atitudes face à sexualidade em adolescentes**. Diz qual o teu grau de concordância para cada uma delas, assinalando com uma cruz o número correspondente, considerando o esquema de resposta abaixo indicado.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo muito	Nem concordo, nem discordo	Concordo muito	Concordo totalmente

Afirmações	1	2	3	4	5
1. Para namorar basta que alguém goste de mim					
2. Só me sinto bem se fizer tudo o que os meus amigos fazem					
3. A procura da independência faz parte da adolescência					
4. O desgosto amoroso só me acontece a mim					
5. A primeira relação sexual deveria ser sempre com alguém que eu amo					
6. Considero-me bastante tolerante com as outras pessoas					
7. Sou agradável no contacto com os outros					
8. Para mim é muito importante ter um(a) namorado(a) com quem tenha uma boa relação					
9. As raparigas que tomam a pílula são raparigas fáceis					
10. Só vou ter relações com o(a) meu(minha) namorado(a) se tiver a certeza que vou casar com ele(a)					
11. As mulheres devem ser mais passivas na sexualidade do que os homens					
12. Para as raparigas a sexualidade não é tão importante como para os rapazes					
13. As relações sexuais só deveriam acontecer para ter filhos					
14. Seria incapaz de falar de assuntos sobre a sexualidade com os meus pais					
15. A masturbação nas mulheres é tão normal como nos homens					
16. Não acho mal ter relações sexuais contra a minha vontade					
17. Os jovens com um melhor entendimento sobre educação sexual sentem-se melhor consigo próprios					
18. A educação sexual é tão importante nos rapazes como nas raparigas					
19. Só os rapazes deveriam ter educação sexual					
20. A educação sexual dos rapazes e das raparigas deve ser diferente					
21. A mulher não deve ter relações sexuais antes do casamento					
22. As relações sexuais entre namorados são perfeitamente normais					
23. A masturbação é prejudicial para a saúde, por isso evito praticá-la					
24. Não consulto livros de sexualidade pois só mostram porcarias					
25. As relações sexuais antes do casamento são um pecado					
26. Antes do casamento só são aceitáveis carícias, sem relações sexuais completas					

18. Indicam-se abaixo algumas afirmações relativas a **atitudes face ao preservativo**. Diz qual o teu grau de concordância para cada uma delas, assinalando com uma cruz o número correspondente, considerando o esquema de resposta abaixo indicado.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo muito	Nem concordo, nem discordo	Concordo muito	Concordo totalmente

Afirmações	1	2	3	4	5
1. Previnem a gravidez					
2. Há que saber onde os comprar					
3. Embaraçosos, incómodos, complicados de usar					
4. Tranquilizam e dão segurança à relação					
5. Podem estar defeituosos					
6. Não têm contra-indicações					
7. Rompem com o romantismo da situação					
8. Permitem ter relações sexuais com várias pessoas, sem correr riscos					
9. Interrompem o acto sexual					
10. Não é natural, é artificial					
11. São baratos					
12. Previnem doenças sexualmente transmissíveis					
13. Diminuem o prazer					
14. Sinto-me incomodado/a e culpado/a por andar com eles					
15. São fáceis de obter					
16. É inseguro, tenho dúvidas da sua eficácia					
17. Preocupa-me que os encontrem em minha casa					
18. São simples e fáceis de utilizar					
19. Rompem-se com facilidade, são frágeis					
20. A sua colocação é um jogo erótico					
21. Tenho vergonha de os comprar					
22. Se os tenho, dá a sensação que tenho relações com qualquer pessoa					
23. Tem que se saber usá-lo, pô-lo					
24. Previnem a sida					

19. Indicam-se abaixo algumas afirmações relativas a **atitudes face à pílula anticonceptiva**. Diz qual o teu grau de concordância para cada uma delas, assinalando com uma cruz o número correspondente, considerando o esquema de resposta abaixo indicado.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo muito	Nem concordo, nem discordo	Concordo muito	Concordo totalmente

Afirmações	1	2	3	4	5
1. Previne a gravidez					
2. Há que saber onde as comprar					
3. Embaraçosa, incómoda, complicada de usar					
4. Tranquilizam e dão segurança à relação					
5. Podem estar defeituosas					
6. Não têm contra-indicações					
7. Permitem ter relações sexuais com várias pessoas, sem correr riscos					
8. Não é natural, é artificial					
9. São baratas					
10. Previnem doenças sexualmente transmissíveis					
11. Sinto-me incomodada(o) e culpada(o) por andar com elas					
12. São fáceis de obter					
13. É insegura, tenho dúvidas da sua eficácia					
14. Fazem engordar					
15. Preocupa-me que as encontrem em minha casa					
16. São simples e fáceis de utilizar					
17. Tenho vergonha de as comprar					
18. Se as tenho, dá a sensação que tenho relações com qualquer pessoa					
19. Utilizam-se só no momento da relação sexual					
20. Previnem a sida					

20. As afirmações do quadro seguinte pretendem identificar algumas **razões ou motivos para ter ou não ter relações sexuais**. Mesmo que ainda não tenhas tido nenhuma relação sexual, diz qual a importância que atribuis a cada uma das afirmações, considerando o esquema de resposta abaixo indicado.

1	2	3	4	5
Nada importante	←————→			Muito importante

Afirmações	1	2	3	4	5
1. Por mero prazer					
2. Porque o meu namorado(a) quer					
3. Para agradar ao meu namorado(a)					
4. Para seduzir					
5. Para aliviar a tensão sexual					
6. Por curiosidade					
7. Por divertimento e/ou brincadeira					
8. Por me sentir comprometido(a)					
9. Porque é indispensável à saúde física e mental					
10. Por medo de doenças venéreas					
11. Por medo da SIDA					
12. Por medo de uma gravidez					
13. Por não gostar de usar contraceptivos					
14. Por desinteresse					
15. Por falta de oportunidade ou incapacidade de encontrar um namorado de quem goste suficiente					
16. Por não gostar de sexo					
17. Por não conhecer o namorado há tempo suficiente					
18. Porque é imoral					

Muito obrigado pela colaboração!

ANEXOII

ESCALA DE ATITUDES FACE À SEXUALIDADE EM ADOLESCENTES

(Nelas, Silva, Ferreira, Duarte & Chaves, 2010)

Indicam-se abaixo algumas afirmações relativas a atitudes face à sexualidade. Diz qual o teu grau de concordância para cada uma delas

1-discordo totalmente 2-discordo muito 3-nem concordo, nem discordo 4-concordo muito, 5-concordo totalmente

	1	2	3	4	5
1-Para namorar basta que alguém goste de mim					
2-Só me sinto bem se fizer tudo o que os meus amigos fazem					
3-A procura da independência faz parte da adolescência					
4-O desgosto amoroso só me acontece a mim					
5-A primeira relação sexual deveria ser sempre com alguém que eu amo					
6-Considero-me bastante tolerante com as outras pessoas					
7-Sou agradável no contacto com os outros					
8-Para mim é muito importante ter um(a) namorado(a) com quem tenha uma boa relação					
9-As raparigas que tomam a pílula são raparigas fáceis					
10-Só vou ter relações com o meu namorado/a se tiver a certeza que vou casar com ele/a					
11-As mulheres devem ser mais passivas na sexualidade do que os homens					
12-Para as raparigas a sexualidade não é tão importante como para os rapazes					
13-As relações sexuais só deveriam acontecer para ter filhos					
14-Seria incapaz de falar de assuntos sobre a sexualidade com os meus pais					
15-A masturbação nas mulheres é tão normal como nos homens					
16-Não acho mal ter relações sexuais contra a minha vontade					
17-Os jovens com um melhor entendimento sobre educação sexual sentem-se melhor consigo próprios					
18-A educação sexual é tão importante nos rapazes como nas raparigas					
19-Só os rapazes deveriam ter educação sexual					
20-A educação sexual dos rapazes e das raparigas deve ser diferente					
21-A mulher não deve ter relações sexuais antes do casamento					
22-As relações sexuais entre namorados são perfeitamente normais					
23-A masturbação é prejudicial para a saúde, por isso evito praticá-la					
24-Não consulto livros de sexualidade pois só mostram porcarias					
25-As relações sexuais antes do casamento são um pecado					
26-Antes do casamento só são aceitáveis carícias, sem relações sexuais completas					

ANEXO III

Mensagem de Impressão do Windows Live Hotmail

<http://du101w.dub101.mail.live.com/mail/PrintMessages.aspx?cpids=1...>**Monotorização de Inquéritos em Meio Escolar: Inquérito nº
0012100005**

De: **mime-noreply@gepe.min-edu.pt**
Enviada: quarta-feira, 15 de junho de 2011 09:44:54
Para: essvgeral@essv.ipv.pt; daniela_teixeira47@hotmail.com

Exmo(a)s. Sr(a)s.

O pedido de autorização do inquérito n.º 0012100005, com a designação *Atitudes e motivação face à sexualidade dos alunos do 3º ciclo do ensino básico*, registado em 11-04-2011, foi aprovado.

Avaliação do inquérito:

Exmo(a) Senhor(a) Dr(a) Daniela Teixeira e Vera Oliveira
Venho por este meio informar que o pedido de realização de inquérito em meio escolar é autorizado uma vez que, submetido a análise, cumpre os requisitos de qualidade técnica e metodológica para tal devendo, no entanto, ter em atenção as observações aduzidas.
Com os melhores cumprimentos
Isabel Oliveira
Directora de Serviços de Inovação Educativa
DGIDC

Observações:

Garantidos os anonimatos dos alunos inquiridos e toda a confidencialidade dos dados recolhidos, a DGIDC autoriza a realização do inquérito desde que seja obtida a autorização expressa dos encarregados de educação dos alunos a inquirir. Dado que pretendem perscrutar matérias de grande sensibilidade, sugere-se que os pais tomem conhecimento dos instrumentos de inquirição antes da assinatura da autorização.

Pode consultar na Internet toda a informação referente a este pedido no endereço <http://mime.gepe.min-edu.pt>. Para tal terá de se autenticar fornecendo os dados de acesso da entidade.

ANEXO IV



Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior
Instituto Politécnico de Viseu

ESCOLA SUPERIOR DE SAÚDE DE VISEU



Rua D. João Crisóstomo Gomes de Almeida, nº102
3500-843 VISEU
Telf. 232 419 100
Telem. 981 011 800
Fax 232 428 343

Exmo.(a) Sr.(a)
Presidente do Conselho Executivo do
Agrupamento Vertical de Escolas de Tabuaço
Avenida Abel Botelho
5120-385 TABUAÇO

VOSSA REFERÊNCIA		NOSSA REFERÊNCIA	
Ofício nº:	Data:	Ofício nº 624	Data: 07/06/2011
Processo:		Processo: 70	

Assunto: PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO PARA EFECTUAR COLHEITA DE DADOS

No âmbito da Unidade Curricular Relatório Final do 1º Curso de Mestrado em Enfermagem de Saúde Infantil e Pediatria da Escola Superior de Saúde de Viseu, a aluna Daniela Alexandra Mendes Teixeira, enfermeira, está a realizar a tese de mestrado com o tema "Atitudes face à sexualidade dos alunos do 3º ciclo; a intervenção de um programa formativo".

Na actualidade, a educação para a saúde e em particular a educação sexual têm merecido particular atenção por parte da sociedade portuguesa. A educação da sexualidade, fazendo parte de programas a desenvolver nas escolas, tem sido tema de discussão nos últimos anos e uma preocupação crescente de pais, professores e profissionais de saúde. Neste âmbito, pretendemos com este estudo conhecer as atitudes dos adolescentes face à sexualidade e analisar as relações existentes entre as atitudes dos adolescentes face à sexualidade e as variáveis sócio-demográficas, variáveis sexualidade e interlocutores, de forma a implementar programas de educação para a saúde mais adequados à realidade regional e que proporcionem às novas gerações uma vivência mais saudável, assente em valores e princípios que respeitem o equilíbrio harmonioso que deve prevalecer no ser Humano.

Neste contexto, vimos por este meio solicitar a V.ª Ex.ª se digne autorizar a realização de colheita de dados/informação, durante o mês de Junho de 2011. Informo que o estudo integra um projecto mais alargado, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia com a Referência FCT PTDC/CPE-CED/103313/2008 e foi autorizado pela Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular, com o número de registo 0012100005. Em anexo, enviamos um exemplar do Instrumento de Colheita de Dados.

Os resultados obtidos com este estudo serão colocados à disposição de V.ª Ex.ª, caso se coadunem como os interesses da Instituição a que preside. Mais informo que a Sr.ª Professora Paula Nelas e a Sr.ª Professora Graça Aparício são responsáveis pela orientação da investigação, estando disponíveis para prestar eventuais informações adicionais, através do telefone da Escola 232419100 ou fax 232428343.

Sem mais, muito gratos pela disponibilidade e atenção, apresentamos os melhores cumprimentos.

O Presidente da ESSV

Professor Doutor Carlos Pereira

GANC

ANEXO V

*Cópia à M.ª Fran.
Estudantes,
7.6.2011*



S. R.
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

3 Direcção Regional da Educação Norte
Agrupamento de Escolas de Tabuaço-151932

Contribuinte N.º 600 068 363
Av. Marechal Carmona – Telef. 780 020 – Fax 789 340
Email : escolatabuaco@mail.telepac.pt

5120 – 372 TABUAÇO

Ex.mo Senhor

Presidente da ESSL
Prof. Doutor Carlos Pereira
Rua D.João Crisóstomo Gomes de
Almeida, nº 102
3500 – 843 VISEU

Sua referência:
624

Sua comunicação de :
7/6/2011

Nossa referência:
OfºNº350

Data
07/06/2011

ASSUNTO : Pedido de Autorização para efectuar colheita de dados.

Informo que relativamente ao assunto em epígrafe, a realização do estudo com o tema "Atitude face à Sexualidade dos alunos do 3º Ciclo", a aplicar nesta Escola pela Enfermeira Daniela Alexandra Mendes Teixeira, é pertinente e contribui para a valorização dos nossos alunos relativamente aos assuntos de sexualidade na adolescência.

Assim, nestes termos, é autorizada a realização da colheita de dados/informação, durante o mês de Junho de 2011.

Com os melhores cumprimentos

O Subdirector

Alberto dos Santos Cabral
Licº Alberto dos Santos Cabral

ANEXO VI



Rua D. João Crisóstomo Gomes de Almeida, nº102

3500-843 VISEU
 Telf. 232 419 100
 Telex. 961 011 800
 Fax 232 428 343



Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior
 Instituto Politécnico de Viseu

ESCOLA SUPERIOR DE SAÚDE DE VISEU



Exmo.(a) Sr.(a)
 Presidente do Conselho Executivo do
 Agrupamento de Escolas João Franco
 Rua Doutor António José Saraiva, Apartado 341
 6234-909 FUNDÃO

VOSSA REFERÊNCIA		NOSSA REFERÊNCIA	
Ofício nº:	Data:	Ofício nº 623	Data: 07/06/2011
Processo:		Processo: 70	

Assunto: PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO PARA EFECTUAR COLHEITA DE DADOS

No âmbito da Unidade Curricular Relatório Final do 1º Curso de Mestrado em Enfermagem de Saúde Infantil e Pediatria da Escola Superior de Saúde de Viseu, a aluna Vera Cristina Madeira Oliveira, enfermeira especialista, está a realizar a tese de mestrado com o tema "Sexualidade Adolescente – Motivação para ter ou não ter sexo".

Na actualidade, a educação para a saúde e em particular a educação sexual têm merecido particular atenção por parte da sociedade portuguesa. A educação da sexualidade, fazendo parte de programas a desenvolver nas escolas, tem sido tema de discussão nos últimos anos e uma preocupação crescente de pais, professores e profissionais de saúde. Neste âmbito, pretendemos com este estudo conhecer as atitudes e motivação dos adolescentes face à sexualidade e analisar as relações existentes entre essas e as variáveis sócio-demográficas, de forma a implementar programas de educação para a saúde mais adequados à realidade regional e que proporcionem às novas gerações uma vivência mais saudável, assente em valores e princípios que respeitem o equilíbrio harmonioso que deve prevalecer no ser Humano.

Neste contexto, vimos por este meio solicitar a V.ª Ex.ª que se digne autorizar a realização de colheita de dados/informação, durante o mês de Junho de 2011. Informo que o estudo integra um projecto mais alargado, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia com a Referência FCT PTDC/CPE-CED/103313/2008 e foi autorizado pela Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular, com o número de registo 0012100005. Em anexo, enviamos um exemplar do Instrumento de Colheita de Dados.

Os resultados obtidos com este estudo serão colocados à disposição de V.ª Ex.ª, caso se coadunem como os interesses da Instituição a que preside. Mais informo que a Sr.ª Professora Paula Neias e a Sr.ª Professora Graça Aparício são responsáveis pela orientação da investigação, estando disponíveis para prestar eventuais informações adicionais, através do telefone da Escola 232419100 ou fax 232428343.

Sem mais, muito gratos pela disponibilidade e atenção, apresentamos os melhores cumprimentos.

O Presidente da ESSV

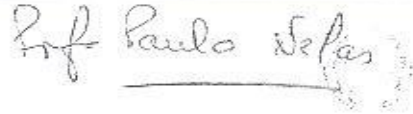
Professor Doutor Carlos Pereira

GANC

ANEXO VII


 Direcção Regional de
Educação do Centro


 AGRUPAMENTO DE ESCOLAS "TERRAS DO XISTO"


 Prof. Paulo Neves

Escola distinguida pelo
Conselho Iberoamericano
com o prémio em
Honra da Qualidade
Educativa

Exm^o Senhor:
 Professor Doutor Carlos Pereira
 Escola Superior de Saúde de Viseu
 Rua D. João Crisóstomo Gomes de Almeida,
 N^o 102

3500-843 VISEU

Sua referência	Sua comunicação	Nossa referência Ofício n.º	Data
		556	16/06/2011

Assunto : "COLHEITA DE DADOS."

Em resposta ao ofício de V. Ex.^a com referência 622, processo 70, datado de 07/06/2011, somos a informar que foi aprovada a recolha de dados solicitada.

Face à época adiantada do ano lectivo em que nos encontramos não poderemos garantir uma taxa de resposta de 100%, todavia envidaremos esforços para recolher o máximo de questionários.

Copia ao Dr. Pereira
 16.6.2011

Com os melhores cumprimentos

O DIRECTOR

(BENJAMIM JORGE NEVESLUCIANO)

MD/SF

ANEXO VIII
TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO AO PAI/MÃE OU ENCARREGADO
DE EDUCAÇÃO

Exmo. Sr. Encarregado de Educação,

Eu, Daniela Alexandra Mendes Teixeira, enfermeira especialista, pretendo realizar a minha tese de mestrado na Escola Superior de Saúde de Viseu, com o tema **“Atitudes e motivação face à sexualidade dos alunos do 3º ciclo do ensino básico”**.

A educação da sexualidade, fazendo parte de programas a desenvolver nas escolas, tem sido tema de discussão nos últimos anos e uma preocupação crescente de pais, professores e profissionais de saúde. Neste âmbito, pretendo com este estudo conhecer as atitudes e motivação dos adolescentes face à sexualidade, de forma a implementar programas de promoção de saúde mais adequados aos adolescentes. Assim, venho por este meio solicitar a Vossa Excelência, se digne autorizar o seu educando a participar no estudo, respondendo a um questionário anónimo, sem qualquer tipo de identificação, e que se destina unicamente à realização da referida investigação.

Agradecendo a sua colaboração, coloco-me à inteira disposição para mais informações, pelos números de telefone da Escola Superior de Saúde de Viseu: 232419100/961011800 ou por e-mail para daniela_teixeira47@hotmail.com

Termo de Consentimento

Autorizo o meu Educando.....do

..... ano, turma..... a responder ao questionário:

Sim

Não

Assinatura _____

Atenciosamente

Viseu, Maio de 2011

(Daniela Teixeira)

